



A BIBLIOTECA COMO HETEROTOPIA: DESCAMINHOS E SUBJETIVAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO

WANDERSON CRUZ DOS SANTOS

A BIBLIOTECA COMO HETEROTOPIA: descaminhos e subjetivação

Recife

2021

WANDERSON CRUZ DOS SANTOS

A BIBLIOTECA COMO HETEROTOPIA: descaminhos e subjetivação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Formação de Professores e Prática Pedagógica.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosângela Tenório de Carvalho.

Recife

2021

Catálogo na fonte
Bibliotecário Danilo Leão, CRB-4/2213

S237b Santos, Wanderson Cruz dos.
A biblioteca como heterotopia: descaminhos e subjetivação. /
Wanderson Cruz dos Santos. – Recife, 2021
169 f.

Orientadora: Rosângela Tenório de Carvalho.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE.
Programa de Pós-graduação em Educação, 2021.
Inclui Referências.

1. Heterotopia. 2. Subjetividade. 3. Biblioteca. 4. UFPE – Pós-
graduação. I. Carvalho, Rosângela Tenório de. (Orientadora).
II..Título.

370 (23. ed.) UFPE (CE2021-086)

WANDERSON CRUZ DOS SANTOS

A BIBLIOTECA COMO HETEROTOPIA: descaminhos e subjetivação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: 29/10/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Rosângela Tenório de Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Alexandre Simão de Freitas (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Janayna Silva Cavalcante de Lima (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Ignácio (Examinadora Externa)
Universidade Federal do Rio Grande

Às alunas e aos alunos que tive, tenho e terei, a força que me mantém pleno pelos diferentes caminhos das jornadas no campo da educação.

AGRADECIMENTOS

Pessoas me inspiram a todo momento a ser uma pessoa cada vez melhor, todas as palavras de gratidão ainda não são suficientes para que eu possa expressar o quão grato eu sempre serei por tanto contribuírem neste processo de desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado e também na formação da minha identidade em constante mudança. Sou como um mosaico em que cada uma das pequeninas partes representa as marcas deixadas por pessoas que atravessaram a minha vida.

Primeiro quero agradecer a minha orientadora **Prof^ª. Dra. Rosângela Tenório de Carvalho** pelas aberturas de fronteira que possibilitaram a existência deste debate; por todo cuidado e dedicação nas aulas, grupos de pesquisa e orientações, momentos de constante aprendizagem; pelas palavras enriquecedoras que hoje pulsam dentro do meu ser; por me apresentar Foucault e os Estudos Culturais, que tanto me ajudaram a ampliar as lentes dos meus olhares; por ser uma inspiração contínua a desbravar com coragem e força os caminhos do campo da educação.

Agradeço também a minha banca avaliadora, **Prof^ª. Dra. Ana Paula Abrahamian de Souza**, **Prof^ª. Dra. Janayna Silva Cavalcante de Lima** e o **Prof. Dr. Alexandre Simão de Freitas**, docentes que admiro, por todas as palavras de fortalecimento no exame de qualificação; pelas valiosas indicações literárias que tanto contribuíram na construção desta dissertação.

À **Prof^ª. Dra. Janayna Cavalcante**, que, desde o meu trabalho de conclusão de curso da graduação, acompanha o meu processo de amadurecimento do tema desta dissertação, agradeço pelos conselhos valiosos que carrego sempre comigo; pelos momentos de derivações nos cafés atravessados de muito diálogo e conhecimento.

Agradeço à **Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (Facepe)** por todo o investimento nesta pesquisa, e ao **Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGEdu/UFPE)** pela possibilidade de tornar este trabalho uma realidade.

Sou grato às professoras que tive no curso de mestrado e no estágio de docência: **Prof^ª. Dra. Janayna Silva Cavalcante de Lima**, **Prof^ª. Dra. Karina Mirian da Cruz Valença Alves**, **Prof^ª. Dra. Laêda Bezerra Machado** e **Prof^ª. Dra. Rosângela Tenório de Carvalho**. E aos professores desta jornada: **Prof. Dr. Alexandre Simão de Freitas**, **Prof. Dr. Artur Gomes de Moraes**, **Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior**. Por todos os

ensinamentos construídos nesta trajetória; pelas transformações que me foram possíveis durante este processo.

Uma enorme gratidão por ter sido tão bem recebido na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco por **Helio Monteiro, Marlene Albuquerque, Sara Ferreira, Anselmo Cabral, Jorge Albuquerque, Cicero Souza e Poliana Silva**. Todas e todos que de modo muito gentil me acolheram na biblioteca abrindo os caminhos para que eu pudesse desenvolver esta travessia da forma mais enriquecedora possível.

Grato a minha mãe **Maria José Cruz** e ao meu pai **Edilson Gomes** pela vida, e por fazerem tanto desde sempre para que eu nunca deixasse de estudar. A minha tia **Edilene Maria** por me acolher desde pequeno e ser a minha primeira referência nos estudos. E uma gratidão a todas as pessoas da minha família que sempre acreditaram em mim. Também agradeço às amigas e aos amigos que sempre estiveram presentes ao meu lado.

Agradeço a **Pedro Alves** por dividir comigo momentos incríveis de profundo revigoramento, mostrando-me o quão belo e sadio são eles, encontros que tanto me fortalecem. Pelas partilhas literárias e os diálogos enriquecedores no nosso lugar, inspiração que me faz querer estar cada vez mais vivo.

Sou grato à irmã que escolhi, **Renata Batista**, e ao meu primo gêmeo, **Ítalo Fernando**, pessoas sem as quais não consigo imaginar a minha existência, e que de modo muito especial sempre estiveram nos momentos mais importantes da minha vida, acreditando na minha força para enfrentar qualquer desafio que a vida tem a oferecer.

Uma gratidão às amigas e aos amigos que a UFPE me deu: **Anderson Ramos, Andréa Castro, Camila Oliveira, Carla de Paula, Daiana Gomes, Diogo Fernandes, Gabriella Letícia, Gabriella Matos, Gabrielle Tavares, Jéssica Ribeiro, Laila Araújo, Ligia Caldas, Lucio Attia, Mayra Barbosa, Natália Belarmino, Nathalia Soares, Oscar Mosquera, Simone Carvalho e Suzana Borba**. Foi uma sorte ser aluno desta universidade no mesmo momento em que todas e todos vocês, pessoas que me inspiram.

Pessoas em contextos distintos, mas que de certa forma ajudaram a edificar o sujeito educador-pesquisador que venho me tornando desde que entrei nos caminhos do campo da educação. Sinto-me atravessado por todas e todos vocês. Gratidão infinita!

Este museu de tudo é museu como qualquer outro reunido; como museu, tanto pode ser caixão de lixo ou arquivo. Assim, não chega ao vertebrado que deve entranhar qualquer livro: é depósito do que aí está, se fez sem risca ou risco. (MELO NETO, 1975, p.3).

RESUMO

Nesta dissertação, o objeto do olhar foram as experiências em uma cultura de domínios do saber e formas de produção de identidades no contexto da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, uma heterotopia de tempos infindáveis que, como uma pedagogia cultural, atua na de produção de identidades. Busquei compreender como processos de relações de força materializadas nas práticas discursivas dessa heterocronia de tempo atuam como uma pedagogia na conduta dos indivíduos. O caminho investigativo construído, de inspiração surrealista etnográfica, pautou-se em elementos da análise do discurso foucaultiana e dos estudos culturais. A feitura do *corpus* da pesquisa resulta de narrativas sobre o cotidiano da biblioteca e de reflexões a respeito de documentos sobre esse/desse espaço. Como resultado, identificaram-se afirmações que orientam a ordem da verdade na biblioteca através dos modos de organização que incidem na orientação das condutas que se configuram como técnicas de saber-poder e de si materializadas nos artefatos. Assim, é possível dizer que a biblioteca é um lugar de aprendizagem por onde diferentes significados circulam incidindo na fabricação dos sujeitos. Em adição a isso, neste espaço também há resistência que se expressa nos corpos que destroem as regras ao se expressar de outros modos, portanto fabricam para si outras formas de viver. Dessa forma, a biblioteca, pela ótica da heterotopia, pode ser percebida como um espaço em trânsito entre a efervescência urbana do Recife central e as escolas que lhe fazem vizinhança.

Palavras-chave: Heterotopias. Subjetividade. Biblioteca.

ABSTRACT

In this dissertation, the object of perception was the amount of experience lived at the Public Library of Pernambuco related to a culture of knowledge domains and forms of production of identities – such environment, perceived as an endless heterotopia, acts like a cultural pedagogy when it comes to the production of identities. In this sense, I sought to understand how power relations processes, materialized in heterochronic discursive practices, act as a pedagogy in the conduct of individuals. Inspired by an ethnographic and surrealist perspective, this investigative path was based on elements from Foucauldian Discourse Analysis and cultural studies. The construction of the research corpus is a result of narratives about the library's daily life, as well as reflections on documents about this space. As a consequence, it was possible to identify statements that guide the truth order in the library through modes of organization that influence the orientation of behaviors, which are configured as techniques of the self and techniques of power/knowledge, materialized in artifacts. Hence, it is possible to say that the library is a learning environment where different meanings are spread around, which influences on the construction of subjects. In addition, there is also a place of resistance in this space, which is expressed through bodies that breaks the rules by showing themselves in other ways and, consequently, creating for themselves other ways of living. From a heterotopic perspective, the library can be perceived, then, as a space in transit between the urban effervescence of downtown Recife and the schools nearby.

Key words: Heterotopias. Subjectivity. Library.

LISTA DE SIGLAS

Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBTU	Superintendência de Trens Urbanos do Recife
Erem	Escola de Referência em Ensino Médio
MEC	Ministério da Educação
Pibic	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
RMR	Região Metropolitana do Recife
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
Unicap	Universidade Católica de Pernambuco

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Justaposição de fotos das Bibliotecas Públicas de Pernambuco ...	14
Figura 2 –	Compilado de fotografias das capas de alguns dos livros estudados	25
Figura 3 –	Fotos justapostas da Biblioteca Pública de Pernambuco e Arquivo Público	55
Figura 4 –	Capa do Manual Básico de Conservação e Preservação em Documentos Impressos de 2016.	73
Figura 5 –	Orientação sobre como pegar o livro na estante	74
Figura 6 –	Capa do documento publicado pelo Governo do Estado de Pernambuco (sem periodização)	84
Figura 7 –	Setor infantojuvenil da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco	85
Figura 8 –	Setor de referência da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco	87
Figura 9 –	O vestíbulo do primeiro piso da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco	89
Figura 10 –	Setor circulante da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco	91
Figura 11 –	Capas da Revista <i>Morena</i>	97
Figura 12 –	Capa da Revista <i>Deliciosa</i>	98
Figura 13 –	Capa do <i>Jornal das Moças</i> (ed. 629, julho de 1927)	100
Figura 14 –	As leitoras “suburbanas” da Revista <i>Morena</i>	101
Figura 15 –	Diretores da Revista <i>Morena</i> em dezembro de 1931	104
Figura 16 –	Os bons “amigos” da Revista <i>Morena</i> (dezembro de 1931)	105
Figura 17 –	Fotos justapostas da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco	108
Figura 18 –	Estante dos livros em quarentena	115
Figura 19 –	Sala de Restauro, o hospital dos livros	116
Figura 20 –	Fitas inesperadas, estantes laçadas	123
Figura 21 –	O jardim com cheiro de jasmim	129
Figura 22 –	“Estudo: Eis tudo!”	139

Figura 23 –	Concerto no Parque Treze de Maio	141
Figura 24 –	A Biblioteca Ambulante	142
Figura 25 –	A Biblioteca Pública na Feira Internacional do Livro	145
Figura 26 –	Biblioteca frente a frente com o Parque	154

SUMÁRIO

1	COMO CHEGUEI AO TEMA	14
2	ESTANTE	25
2.1	OS DITOS E ESCRITOS SOBRE A BIBLIOTECA	25
2.2	UTOPIAS E HETEROTOPIAS EM MICHEL FOUCAULT	30
2.3	VONTADE DE SUBJETIVAÇÃO: A BIBLIOTECA COMO UMA PEDAGOGIA CULTURAL	38
2.4	MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E AS PRÁTICAS DE SI EM MICHEL FOUCAULT	40
2.5	DISCURSO, ALEGORIA E SURREALISMO ETNOGRÁFICO	45
3	ESTANTE	55
3.1	JARDINS, VESTÍBULO E SALAS DE LEITURA	56
3.2	CLASSIFICAR, ORDENAR E ATRIBUIR: A DISCIPLINA NA BIBLIOTECA	65
3.3	ESCULPINDO CONDUTAS: PENALIZAR E RECOMPENSAR	72
3.4	ATRIBUINDO LUGARES E CONDUTAS PARA DIFERENTES GERAÇÕES	83
3.5	CRIANDO FRONTEIRAS DE GÊNERO	96
4	ESTANTE	108
4.1	DERIVAS NO TEMPO PANDÊMICO	109
4.1.1	Mergulhos pelo citoplasma da biblioteca	111
4.1.2	Balizas em torno da membrana	124
4.2	CONDUTAS OUTRAS NA BIBLIOTECA: AS EXPERIÊNCIAS TRANSGRESSORAS	132
4.3	O INESPERADO DA BIBLIOTECA: A BIBLIOTECA PÚBLICA QUE SE DESLOCA	140
4.4	CONDUTA IMPROVÁVEL	146
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
	REFERÊNCIAS	162

1 COMO CHEGUEI AO TEMA

Figura 1 – Justaposição de fotos das Bibliotecas Públicas de Pernambuco



Fonte: Composição feita pelo autor a partir de fotos acessadas no *site* da Biblioteca Pública de Pernambuco e no site Por Aqui.

Esta dissertação tem como objeto experiências, ou seja, “correlações em uma cultura, de domínios do saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (CASTRO, 2016, p. 161) no contexto da biblioteca, uma heterotopia do tempo (FOUCAULT, 2013, 2015b). O

objetivo é compreender como processos de relações de força materializadas nas práticas discursivas dessa heterotopia de tempo atuam como uma pedagogia na conduta dos indivíduos. De forma mais concreta, pretendi: identificar quais afirmações e interpretações disponíveis orientam a ordem da verdade da biblioteca e quais as condutas e modos de organização utilizados para alcançar esse fim; narrar e dar visibilidade a técnicas de saber-poder e de si materializados nos artefatos da biblioteca; refletir como essas técnicas atuam no controle dos corpos; e tornar visível modos de sair das malhas do poder, consubstanciando a vida que irrompe como uma dobra da força.

Esses objetivos foram sendo delineados no meu percurso de estudo sobre bibliotecas desde o início da minha escolarização. O meu interesse de fato começou já nos meus primeiros anos de escolaridade, quando tive acesso pela primeira vez a uma biblioteca localizada em uma escola particular na periferia da cidade do Paulista, Região Metropolitana do Recife (RMR), no começo dos anos 2000. Estava sempre fechada. Poucas vezes podíamos entrar para pegar uma carteira, caso faltasse na sala de aula, porque a maior parte do espaço da biblioteca era ocupada por móveis velhos. Aquela sala nomeada de biblioteca também possuía algumas enciclopédias que dividiam o espaço nas poucas estantes com alguns animais mortos conservados pelo formol em recipientes de vidro. Essa organização colocava o espaço na condição apenas de depósito de materiais sem utilização.

No fim do Ensino Fundamental, uma professora dessa mesma escola propôs uma atividade de pesquisa em grupo. Foi meu segundo contato com uma biblioteca, agora a *Biblioteca Central Pe. Aloísio Mosca de Carvalho*, da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), em 2002, um importante momento. Mesmo sem saber muito o porquê de estar ali em grupo, aquela estrutura me causou um encantamento.

Pouco tempo depois, tive acesso à biblioteca do Colégio Estadual Almirante Tamandaré, pouco antes da entrada no Ensino Médio em 2003. Localizado na região central do Recife, o Colégio Estadual Almirante Tamandaré causou em mim uma forte impressão – todas as coisas eram maiores para um sujeito que acabara de ultrapassar os limites territoriais do bairro onde crescera. Muitos espaços, fluxo de informações e uma biblioteca maior e bem movimentada. Diferente da primeira, esta servia à comunidade escolar, sempre com as suas portas abertas. Aquele recém-chegado de um bairro de periferia e que estava sendo hostilizado pelos colegas encontrou nesse espaço um abrigo seguro, ficando lá, sempre que conseguia, a observar, por horas, tudo à sua volta. Livros, mapas, jogos, esqueleto humano... E sempre havia um/a

bibliotecário/a ali presente para ajudar no que fosse preciso. Essa biblioteca contribuiu no entendimento de que o espaço era diferente dos outros da escola.

Antes de cursar Pedagogia, ocorreu-me a ideia de arriscar os estudos de Jornalismo em um contexto em que eu precisava trabalhar ao mesmo tempo em que fazia a faculdade. Novamente me vi na *Biblioteca Central Pe. Aloísio Mosca de Carvalho* (Unicap) estudando no contraturno do trabalho. Foi nesse momento que o espaço da biblioteca passou a fazer sentido pelo alto poder de concentração nas leituras de estudo.

Posteriormente, já cursando a Licenciatura em Pedagogia, a escolha da primeira disciplina eletiva de *Educação literária na escola e na biblioteca*, selecionada logo no primeiro período, trouxe as estratégias para desenvolver oficinas de contação de histórias na biblioteca e em qualquer outro espaço – a biblioteca como um lugar de leitura e formação do leitor.

A compreensão da biblioteca como uma heterotopia de tempo, ou seja, como uma heterocronia, surge dos estudos teóricos da pesquisa de iniciação científica que fiz pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), desenvolvida de 2015 a 2016, cujo título foi *Diferença cultural na novela gráfica: análise do acervo do PNBE*.¹ Na ocasião, tive a oportunidade de navegar pelo acervo virtual do MEC e conhecer quais livros haviam sido escolhidos para nutrir as bibliotecas físicas das escolas públicas de todo o Brasil e de visitar algumas bibliotecas de escolas da região central do Recife, localizadas em torno da Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco, com a finalidade de escolher uma delas para a pesquisa. A biblioteca da Escola Estadual João Barbalho foi escolhida pela grande quantidade de obras do interesse da pesquisa – novelas gráficas. Além de prestar atenção no acervo, outras coisas dentro da biblioteca se mostraram também interessantes, por exemplo, a forma como os alunos se comportavam nela. Durante aproximadamente um mês, passávamos horas lendo as obras dentro da biblioteca. Entre uma leitura e outra, notavam-se pequenos grupos de alunos que circulavam pelo espaço de forma espontânea, pegavam um livro, sentavam em grupo diante da mesa, fugiam da aula e eram repreendidos às vezes pela bibliotecária. Quando tocava o sinal para o intervalo, o fluxo aumentava um pouco e era possível vê-los devolvendo e pegando outros livros emprestados. Imagens como essas acionaram as mesmas lembranças da biblioteca de 2003 pela semelhança dos movimentos de uso do espaço pelos alunos sujeitos.

Após essa fase de visitação da biblioteca, a obra escolhida foi a novela gráfica *A chegada*, de Shaun Tan, tendo como proposta analisar a diferença cultural nesse texto que trata

¹ Estudo com bolsa de Pibic do CNPq e de apoio à pesquisa da Facepe, sob a orientação da Professora Dr^a Rosângela Tenório de Carvalho.

da história de um imigrante que se desloca em um navio para outro país. A leitura do texto de Foucault (2015b) *Outros Espaços* trouxe a possibilidade de análise desse deslocamento a partir do ponto de vista do navio como uma heterotopia por excelência, um ponto de vista possível em que o navio é visto como a maior reserva de imaginação. É com esse texto que passo a ver a possibilidade de uso da noção de heterotopia pertinente à análise de experiências outras que a biblioteca tinha a oferecer.

Em junho de 2017, veio a oportunidade para trabalhar como mediador de língua portuguesa, pelo Programa Mais Educação do Ministério da Educação (MEC), na Escola Josefa Batista da Silva, em Jaboatão dos Guararapes. O foco inicial era alfabetizar um grupo de alunos do primeiro ao quinto ano em processo de alfabetização. Tais oficinas foram destinadas a serem desenvolvidas na biblioteca, oportunidade em que tanto os conhecimentos estudados na primeira eletiva do Curso de Pedagogia quanto a noção de heterotopia passaram a fazer ainda mais sentido através de tal experiência de uso desse tipo de espaço.

No fim daquele ano, após escolher a heterotopia na biblioteca escolar como tema de investigação do meu Trabalho Conclusão de Curso/TCC², tendo o mesmo espaço de trabalho como campo de pesquisa, surgiu a proposta pela escola para organizar o espaço e o acervo da biblioteca junto aos alunos. Foram quase dois meses com diferentes grupos refazendo o espaço após a ideia ter sido lançada por uma das gestoras da escola que mostrou interesse no que eu estava pesquisando para o TCC. Os alunos aprenderam a catalogar e organizar os livros. Novas atividades foram projetadas para atender às diferentes demandas dos diferentes grupos de alunos da escola. Mais de uma equipe composta pelos alunos maiores do quarto e quinto ano foram montadas para se revezarem nos serviços de empréstimo e devolução que ocorriam principalmente no recreio, assim como para dar orientações aos demais colegas da escola quanto à preservação do espaço.

Assim que a organização foi concluída no início do ano letivo de 2018, a gestão propôs uma programação para visitarem o espaço e receberem as orientações quanto às regras de comportamento. Na ocasião, vídeos e imagens serviram para estabelecer as diretrizes para respeitar a ordem do espaço. Outras atividades foram criadas para os alunos já alfabetizados, como o projeto do jornal da escola, oficina de rádio e rodas de leitura e escrita. As professoras passaram a utilizar o espaço com mais frequência.

² Trabalho orientado pela Professora Dr^a Janayna Silva Cavalcante de Lima do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da UFPE.

Nessa experiência como professor de língua portuguesa e pesquisador, nos momentos de leitura sistemática, observei que alguns dos sujeitos da escola faziam o dispositivo disciplinar³ falhar, provocando, assim, uma ruptura contingente e sutil da condição disciplinar do espaço. Ainda que por um momento fugaz, era feita uma interrupção do dispositivo. Em uma manhã, um aluno do primeiro ano entrou na biblioteca durante a oficina do quarto ano e sentou no meio do grupo para participar de uma aula mais avançada. Após uma hora de sua permanência ali, não só a sua professora como outros membros da equipe da escola entraram preocupados à procura do menino que uma hora antes havia pedido à professora para ir ao banheiro e saiu da sala com o caderno escondido dentro da farda escolar.

Imagens como essas me faziam refletir sobre a diferença que esse espaço tinha para os demais sujeitos dentro da escola, e revelavam que de fato se tratava de um espaço outro. Minha atuação naquela escola em Jaboatão dos Guararapes se deu cheia desses momentos em que os alunos se comportavam de forma mais eufórica dentro da biblioteca, uma expressão emotiva que se aproximava um pouco da sensação de estarem dentro de um parque de diversões, ou até mesmo fora da escola. Em muitas daquelas ocasiões, todo o meu planejamento caía por terra quando alguns desconsideravam a atividade de leitura planejada e seguiam por caminhos outros através dos livros presentes nas estantes.

Hoje, penso sobre essas experiências na biblioteca que para mim revelam as diferentes formas de estar do espaço. A condição espacial desse lugar não é a mesma dos demais espaços da escola. Na sala de aula, há um horário para que todos entrem, os corpos estão sentados em carteiras enfileiradas na direção do quadro, o professor está na frente do quadro conduzindo a aula com atividades sistemáticas. Aqui, a leitura que prevalece é a do livro didático, que se propõe na maioria das vezes a acionar nos alunos a racionalidade instrumental. Ocorre que, dentro do mesmo espaço da escola, há um outro lugar – a biblioteca, um lugar real dentro da escola, sob outras regras espaciais, em que os livros estão dispostos abertamente nas prateleiras e onde não há carteiras, algumas mesas ou bancas individuais. Um espaço outro, geralmente sem quadro, tampouco com a figura do regente conduzindo as atividades. Na biblioteca, parece haver maiores possibilidades para desenvolver leituras literárias conforme a própria vontade do sujeito, atividade que potencializa a racionalidade estética e aciona o impensável.

³ Dispositivo disciplinar entendido como as práticas de regulação das condutas ao modo de pensar de Michel Foucault e “que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atitudes, os gestos, os corpos: Técnicas de individualização do poder” (REVEL, 2005, p. 35).

O fato de a regra geral da escola orientar o conjunto dos espaços educacionais pode fazer com que a biblioteca possa ser vista como um espaço desencaixado. Contudo, não significa um isolamento desse espaço. Há momentos de interpenetração das regras quando os sujeitos transitam entre estes diferentes espaços, possibilitando uma confluência dessas diferentes ordens. No espaço da biblioteca, há a possibilidade de fugas que se materializam em derivas onde a imaginação ganha existência e sentido, tal como registrei durante o TCC a respeito da Biblioteca da Escola Josefa Batista.

Nessa biblioteca, observei, em um dos dias diferentes, possibilidades de uso do espaço, diferentes funções, conforme os sujeitos atribuíam sentidos para ele. Pela manhã, quase se tornou o depósito dos brinquedos do parquinho da escola; já durante a tarde, era a sala de aula das oficinas de língua portuguesa; e no fim do dia, quase se transformou no salão da festa de aniversário de uma aluna, cuja mãe havia levado a ornamentação e comida para uma comemoração dentro da escola. Diferentes imagens de um único espaço no mesmo dia.

Atuando como educador, percebi que nessas ações os sujeitos estavam submetidos a regras disciplinares de uso e comportamento do espaço biblioteca. Observei como a biblioteca é tão disciplinar quanto qualquer outro espaço institucional, com regras próprias, singulares.

O vocábulo biblioteca, do ponto de vista etimológico, é composto, em grego, por *βιβλίον*, *biblion* — "livro" e *θήκη* *theca* — "depósito". A palavra era, portanto, compreendida na Grécia como "cofre do livro" e chegou até nós, através do latim, como *bibliothēca*. Sua origem já indica que se trata de um espaço organizado para reunir uma coleção de materiais em prol do futuro, apontando, assim, que a palavra biblioteca foi inventada para nomear um lugar onde se preserva a memória. Polastron (2013, p. 25) escreve sobre a origem da palavra *biblioteca* como uma herança da Biblioteca de Alexandria, pois refere-se ao grego *biblion*, o rolo de papiro, tendo o próprio *biblion* sua origem de *bublos*, do caule do papiro, um produto egípcio por excelência.

Na Antiguidade, a *Biblioteca Museo de Alexandria*, o mais importante centro cultural da época, idealizada pelos primeiros Ptolomeus, teve como função contribuir para a formação intelectual e cultural no Egito Antigo, servindo de base para o desenvolvimento e avanço do pensamento no decorrer dos séculos seguintes e deixando grandes contribuições para a humanidade, pois se configurou como um espaço em que a alma era lapidada e que inspirou a organização de bibliotecas na contemporaneidade (MANGUEL, 2006).

Há aqui uma relação entre um conhecimento ofertado na biblioteca e a lapidação da alma, ou seja, nos termos foucaultianos, a alma como o único elemento que se serve do corpo.

Em suas palavras, “[...] o sujeito de todas essas ações corporais, instrumentais, e da linguagem é a alma: a alma enquanto se serve da linguagem, dos instrumentos e do corpo. [...] É a alma unicamente enquanto sujeito da ação, a alma enquanto se serve [do] corpo, dos órgãos [do] corpo, de seus instrumentos etc.” (FOUCAULT, 2006, p. 69).

Isso nos faz refletir que há muito tempo a biblioteca é tratada não apenas como lugar cuja função vai além de guardar livros, pois o exemplo de Alexandria aponta que se trata de um memorial para que a cultura da sociedade se mantenha viva, tal como o museu, espaço da imortalidade da memória capaz de sobreviver ao tempo. Ao entender a cultura como um sistema de significação, assim como defende Williams (1992), penso ser possível sugerir a biblioteca como um lugar de significação do sujeito, ou seja, um lugar onde o sujeito pode fazer uma ultrapassagem de si mesmo.

Em *O nome da rosa*, Eco (2018) escreve um romance que se passa na Idade Média sobre uma série de assassinatos de monges fortemente relacionados ao espaço da biblioteca de uma abadia. Um espaço reservado para os que tinham autorização para entrar e ler aquilo que o abade permitia, cheio de segredos e livros nunca dados aos monges como leitura (ECO, 2018, p. 171). Um grande labirinto com bons livros que causava medo. Tinha a figura do bibliotecário como o único que conhece o lugar de cada livro, alguém cuja função era a reserva do saber (ECO, 2018, p. 218).

Na obra escrita por esse autor, a biblioteca é vista como um espaço de esclarecimento acerca de conhecimentos outros produzidos até então fora dos dogmas da cristandade, configurando-se, assim, como um lugar proibido aos monges, pois naquele momento havia um medo do espalhamento das sabedorias outras vindas dos sábios de fora dos mosteiros, ou seja, das universidades. O direito à circulação entre os caminhos dos livros estava reservado apenas ao bibliotecário, aquele que de tudo sabia, dos conteúdos das obras aos cuidados com o material, por ter a capacidade ou o “dom” de absorver toda aquela sabedoria.

O abade, figura de autoridade nas abadias da Idade Média, controlava as leituras que deveriam ser feitas pelos monges, pois, na perspectiva dessa figura autoritária, a sede de conhecimento é uma inclinação diabólica. Na biblioteca imaginada por Eco (2018, p. 110), nota-se que, nesse espaço de proibição, perfeitamente estruturado em regras rígidas, há um aprisionamento do conhecimento, cuja distribuição se dá sob autorização daquele que é o responsável e conhece todas as estantes. O excesso de conhecimento, na perspectiva dos mestres medievais, causava “danos” aos monges que não tinham dimensão da vasta produção

literária que lhes era negada. Essa negação se dava pela palavra do abade, mais forte que qualquer porta (ECO, 2018, p. 121).

O controle do conhecimento na abadia da ficção de Eco (2018) revela uma das formas de manipulação que o cristianismo desenvolveu na Idade Média, não apenas doutrinando monges para educar pessoas, mas principalmente oferecendo a todos apenas uma forma de enxergar o mundo, ou seja, apenas aquilo que se limitava ao cristianismo. O compartilhamento não ocorria porque deveria se manter como segredo ao povo de Deus, assim alguns pagaram com a própria vida quando tentaram acessá-lo. A postura do mestre o dia todo na biblioteca entregue as suas leituras prazerosas, enquanto aumentava o número de monges assassinados, deixa isso evidente. Morreram muitos fazendo tentativas de descobrir um outro mundo real fora da bolha cristã.

A imagem da biblioteca em *O nome da rosa*, tal qual o que sabemos sobre *Biblioteca Museo de Alexandria*, nos mostra que não é de hoje que esse tipo de espaço tende a se constituir como um local de orientação de condutas e de acumulação do conhecimento reservado a uma parcela previamente apta a consumi-lo.

Castro (2006), ao analisar a obra de Umberto Eco, olha a biblioteca como um lugar de memória, produção e circulação do conhecimento, um lugar em que a materialidade das produções desenvolvidas no passado é depositada para servir de informação no presente. O autor tece reflexões pertinentes sobre a biblioteca com o exemplo dessa ficção. Ressalta-se a figura do bibliotecário como guardião do conhecimento, tendo nesse espaço o desejo de reunir, em um só lugar, toda a memória do mundo. É interessante observar o que ele escreve sobre a impossibilidade de garantia da imortalidade dos livros, pois, no mesmo espaço em que deveriam se manter seguros para sempre, ocorre a sua destruição por parte da censura. O autor estuda outros textos com o registro da biblioteca como espaço de memória e a questão do fogo como elemento mítico.

A análise que desenvolvo, tal como já indicado, alude ao ponto de vista de um acontecimento na modernidade (FOUCAULT, 2015a) e com a função de uma heterotopia do tempo que se acumula indefinitivamente (FOUCAULT, 2015b). Nesse sentido, como um local onde, depois que se entra, não é possível sair do mesmo modo, pois há ali regras, ritos, imagens e estéticas aos quais é preciso se submeter e que demandam reelaboração, subversão e interpretação. Por conseguinte, trata-se de uma pedagogia cultural que, ao se interpenetrar com a pedagogia escolar, incide sobre as subjetividades dos sujeitos.

Foucault escreve pela primeira vez sobre heterotopia no prefácio de seu clássico *As palavras e as coisas*, em 1966. Um ano depois dessa publicação, ele socializa o tema no Círculo de Estudos Arquitetônicos na Tunísia. Anos mais tarde, Foucault autoriza a publicação escrita na primavera de 1984, pouco antes do seu falecimento, sob o título *Outros Espaços*. Em 1966, ao tratar da heterotopia, Foucault (2007) remete aos aspectos da linguagem, inspirado em um texto de Borges que faz especulações sobre formas de classificação “fazendo vacilar e inquietando, por muito tempo, nossa prática milenar do Mesmo e do Outro” (FOUCAULT, 2007, p. IX). De certo modo encantado com uma taxionomia impensável apresentada por Borges, faz uma comparação entre as utopias e as heterotopias.

Um aspecto que interessa naquele momento é a potência das heterotopias ao tensionarem os binarismos e a própria linguagem, provocando inquietações que “solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto ou aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruínam de antemão a ‘sintaxe’, [...] as palavras e as coisas” (FOUCAULT, 2007, p. XIII).

Nos espaços heterotópicos, há a possibilidade de recortes singulares do tempo, por pura simetria de heterocronias. Nesses espaços, o acúmulo não cessa. As heterotopias do tempo se acumulam infinitamente, a exemplo dos museus e das bibliotecas. Essa perspectiva de uma acumulação perpétua e infinita do tempo em um lugar pertence ao projeto da modernidade.

As heterotopias de tempo remetem também ao tempo contrário ao que ocorre na biblioteca ou no museu. São heterotopias de um tempo mais passageiro, precário, na forma da festa. São heterotopias crônicas como as feiras que ocorrem em alguns períodos do ano em locais vazios na periferia das cidades, são as cidades de veraneio.

O meu acolhimento a essa noção de biblioteca apresentada por Foucault me faz compreender a biblioteca da abadia na obra de Eco (2018) como uma heterotopia por se tratar de um espaço outro dentro da abadia, porém que funciona sob outras regras, não estando disponível para todos. Para Foucault (2013; 2015b), biblioteca e museu são heterotopias de tempos infindáveis.

Com Foucault aprendi a pensar que nos tornamos sujeitos pelos modos como nos relacionamos com a prática social em um tempo-espaço social e cultural, em particular no contexto de instituições modernas quando opera-se o regime disciplinar, ou seja, o exercício de certo número de técnicas de poder. Nesses espaços, a disciplina exercida incide nas condutas, nos gestos, nos corpos de forma sistemática no tempo e espaço. É uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos. “Não basta olhá-los às vezes ou

ver se o que fizeram é conforme à regra. É preciso vigiá-los durante todo o tempo da atividade [...]” (FOUCAULT, 1984, p. 61). Nessa perspectiva, o problema de pesquisa é desenhado sob esse enfoque e a pergunta de pesquisa é: quais práticas discursivas da biblioteca estão implicadas nas subjetividades dos sujeitos?

Do ponto de vista metodológico, parti da abordagem qualitativa (MELUCCI, 2005) com método de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, narração de eventos e imagens contingenciais (CLIFFORD, 2014). Inicialmente articulo elementos dos estudos foucaultianos em relação a práticas discursivas e modos de subjetivação e da pedagogia cultural, recursos teórico-analíticos com vistas à análise das afirmações e interpretações disponíveis que orientam a ordem da verdade da biblioteca, condutas e modos de organização para alcançar esse fim. Busco também registrar e dar visibilidade a técnicas de saber-poder e de si materializadas nos artefatos da biblioteca. Em seguida, recorro a noções do campo do surrealismo etnográfico e da etnografia pós-moderna, a exemplo de *collage*, fragmentos e imagens para o registro e análise nas observações desenvolvidas com vistas a refletir como essas técnicas atuam no controle dos corpos; e tornar visível modos de sair das malhas do poder, consubstanciando a vida que irrompe como uma dobra da força.

Os achados desta pesquisa emergiram de modo acidental em momentos em que pratiquei o parar (CARERI, 2017). Muitas vezes sem saber o que fazer, perdido em descaminhos (BUJES, 2007), é que a intuição se fez operante para capturar os movimentos que foram escritos aqui como cenas, e que a inspiração ocorreu para registrar as fotografias carregadas de sentido a serem socializadas. A feitura do *corpus* da pesquisa resulta dos acidentes ocorridos nas fendas da biblioteca, instantes em que eu, perdido, encontrei respostas para as questões que me beliscaram.

O *corpus* foi construído pela literatura teórica e metodológica que orienta os documentos a serem analisados e pelo procedimento de produção de uma narrativa fruto de uma observação de cenas no cotidiano da *Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco*. O texto dissertativo ora apresentado apresenta os resultados da pesquisa, tendo sido organizado em diferentes seções denominadas estantes, cuja disposição é descrita a seguir.

A **Estante 2** é composta por cinco subseções de discussão teórica: a primeira apresenta os ditos e escritos sobre biblioteca; na segunda, há uma discussão sobre as utopias e heterotopias em Michel Foucault; a terceira trata a questão da vontade de subjetivação tendo a biblioteca como uma pedagogia cultural; os modos de subjetivação e as práticas de si em Foucault são

tratados na quarta subseção; e por fim, abordamos discurso, alegoria e surrealismo etnográfico na subseção que mostra o desenho do caminho investigativo.

Já a **Estante 3** é composta por cinco subseções de análise: na primeira, compomos uma apresentação do campo empírico dos jardins ao vestíbulos e as salas de leituras da biblioteca; na segunda, tratamos a respeito dos modos de disciplinamento nos esquemas de classificação, ordenação e atribuição do espaço; a terceira trata dos modos de produção de condutas através de esquemas de penalização e recompensa; na quarta, ocupamo-nos da classificação do espaço do ponto de vista da geração; e por fim, na quinta subseção, discorremos sobre a criação das fronteiras de gênero.

A **Estante 4** também é de caráter analítico com quatro subseções: na primeira, trazemos as derivas no momento pandêmico subdividas em duas partes, iniciando nos espaços internos das salas de leitura e concluindo com a parte externa do jardim; a segunda subseção aborda as experiências transgressoras ocorridas na biblioteca; na terceira, dedicamo-nos aos deslocamentos feitos em diferentes momentos de sua existência; e por fim, a quarta subseção traz uma discussão com base em uma conduta improvável de biblioteca.

As **Considerações Finais**, embora inconclusivas, indicam as inferências possíveis decorrentes da pesquisa e os apontamentos para futuros estudos, já apontando para a interpenetração entre as pedagogias da biblioteca e da escola como possibilidade de futuras investigações.

2 ESTANTE

Figura 2: Compilado de fotografias das capas de alguns dos livros estudados



Fonte: Autor da pesquisa.

2.1 OS DITOS E ESCRITOS E O PROBLEMA DE PESQUISA

No primeiro semestre de 2019, assim que iniciou o meu Mestrado, uma das minhas primeiras atividades foi passear pelas principais plataformas acadêmicas com o intuito de encontrar o debate que eu estava me propondo a estabelecer nas produções construídas por outros sujeitos. No começo de uma jornada acadêmica, esse movimento é indispensável. Primeiro precisamos olhar os que fizeram histórias antes de nós para então encontrar melhor nosso campo de possibilidades. Assim, debrucei-me nos títulos de teses e dissertações nos diferentes programas de pós-graduação do Brasil, além de olhar também artigos escritos por autores/as renomados/as sobre questões importantes para pensar a articulação entre biblioteca,

heterotopia e educação. Foram diferentes objetos e seus caminhos de investigação que resultaram no meu modo de proceder com a minha pesquisa sem perder de vista as questões importantes referentes ao meu objeto de investigação.

O debate em torno da **biblioteca e heterotopia** presente nas bases da *Scientific Electronic Library* (SciELO) e no *Google Acadêmico* aparece em artigos que tratam a questão desse espaço como um lugar cultural comum aos sujeitos da sociedade, como uma heterotopia de memória. A biblioteca pensada sob a noção de uma heterocronia em Foucault é abordada em algumas dessas reflexões como espaço de proteção da memória cultural (MOURA, 2014). Outra reflexão interessante é uma articulação da biblioteca com discursos clássicos de autores renomados, a exemplo de Borges e Eco (AGUIRRE, 2016; CASTRO, 2006). Também merece ser mencionada a reflexão em torno da biblioteca como espaço heterotópico do conhecimento (ALMERINI, 2014).

A compreensão das bibliotecas públicas a partir da noção de heterotopia em Foucault e de mundo comum em Arendt está presente da reflexão proposta por Moura (2014), situada no contexto brasileiro. Para a autora, há uma correlação potencial entre os conceitos de heterotopia e mundo comum para pensar bibliotecas públicas e suas repercussões nas experiências e memórias afetivas dos usuários da Biblioteca Pública Mário de Andrade, em São Paulo (SP), e da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte (MG).

Na reflexão apresentada pela referida autora, a biblioteca foi pensada como espaço de fortalecimento da identidade cultural da sociedade. Assim, há uma ênfase na relação entre heterotopia e mundo comum como conceitos que destacam o lugar da alteridade (MOURA, 2014, p. 76). Pode-se dizer, pela apresentação teórica proposta pela autora, que a biblioteca é um espaço com forte poder de subjetivação.

Outra reflexão em torno da noção de heterotopia e da biblioteca está no texto de Almerini (2014), cujo objetivo é a expansão da geografia dos espaços artísticos feministas dos anos de 1970. Para tanto, a autora estudou o bar-biblioteca LaSal em Barcelona sob a noção de heterotopia. Aquela biblioteca foi um espaço de resistência, cujo surgimento se deu na primeira fase do segundo feminismo com o desejo de atuação das mulheres na sociedade. Com base no que nos escreve a autora, é possível perceber que, na segunda metade do século XX, essas heterotopias contribuíram no processo de expansão e fortalecimento feminista através de lugares dedicados ao esforço das mulheres, a exemplo do LaSal, para lutar contra a repressão e as correntes da cultura machista que durante anos as haviam colocado em condições subalternas.

A proposta levantada por Almerini (2014) permite dizer de uma biblioteca que existiu na cidade de Barcelona como um contraespaço de resistência onde as mulheres podiam se reunir para colocar em pauta questões que precisavam ser discutidas entre elas. Pela noção de heterotopia, o exemplo do LaSal serve para pensar o espaço de uma biblioteca como alternativa concreta que oferece as condições para articulações de conhecimentos pelos estudos.

A obra de Eco, *O Nome da Rosa*, e outros textos da literatura clássica, como os de Borges, aparecem como objetos de análise literária nos textos de Aguirre (2016) e Castro (2006) através da abordagem da literatura clássica sobre biblioteca e heterotopia. Com esse entendimento, Aguirre (2016) observa *A biblioteca de Babel* a partir do conceito de heterotopia com objetivo de encontrar uma articulação exata entre biblioteca, espaço e conhecimento, assim como a relação que a biblioteca tem com outro conceito foucaultiano, o de arquivo. Assim, o autor escreve sobre a obra de Borges (2001) fazendo uma articulação com outro texto de Foucault, *A linguagem ao infinito*, que contém uma referência ao texto de Borges para expor o conceito de heterotopia.

Castro (2006), pesquisador do campo da educação e biblioteconomia, escreve um artigo no qual faz uma análise do romance *O Nome da Rosa* com o objetivo de olhar a biblioteca como um lugar de memória, produção e circulação do conhecimento. O autor compartilha sobre esse espaço como o lugar em que a materialidade das produções desenvolvidas no passado é depositada para servir de informação no presente, sendo a figura do bibliotecário o guardião do conhecimento tal como no livro de Eco. Com base na obra de Eco, o artigo trata a biblioteca como um espaço no qual há o desejo de reunir em um só espaço toda a memória do mundo. É interessante observar o que ele escreve sobre a impossibilidade de garantia da imortalidade dos livros, pois, no mesmo espaço em que deveriam se manter seguros para sempre, ocorre a sua destruição por parte da censura. Também estuda outros textos com registros da biblioteca como espaço de memória e a questão do fogo como elemento mítico.

A noção de heterotopia articulada à educação também está presente nas bases da SciELO e do *Google Acadêmico*. São trabalhos que tratam dos saberes educacionais que emergem em diferentes espaços dentro da escola (BERTICELLI, 1998); mostram a capacidade de criação de novos espaços na sociedade (KRÜGER JÚNIOR, 2016; VEIGA-NETO, 2007a); e os corpos dos sujeitos da escola que se abrem para viver experiências outras, como incêndios capazes de contagiar todo o ambiente educacional (CARVALHO, 2016). Para além de explicar essas novas formas de refletir sobre a espacialidade, tais artigos também buscam compreender os sujeitos da educação no uso e comportamento nessas heterotopias.

Carvalho (2016) toma o conceito de incêndios em Mouawad e heterotopia em Foucault com o objetivo de investigar como um conjunto de experiências heterotópicas contribui para criar um conjunto de problematizações das infâncias com a verdade. A proposta é nomear como infâncias incendiárias aquelas que são capazes de se realizarem com outras histórias, verdades, ou seja, suas próprias heterotopias. A infância foi o objeto de análise nesse estudo que reflete sobre as múltiplas infâncias, as heterotopias e as possibilidades de habitar no mesmo espaço criando lugares imprevisíveis ou até mesmo impensáveis.

Ao escrever sobre heterotopia e sociedade, Krüger Júnior (2016) compartilha que a Modernidade passou a depositar uma preocupação com o espaço, problematizando os limites entre o que é a realidade e o que é a ilusão. Utilizando a noção de heterotopia, afirma que não há limites entre realidade e ilusão. Com a noção de heterotopia, procura explicar espaços na sociedade que aproximam diferentes lugares que constituem a existência humana.

Veiga-Neto (2007a) em seu artigo argumenta que na pós-modernidade os espaços estão assumindo novas configurações e que a noção foucaultiana de heterotopia ajuda a compreender essa capacidade de “Lugarização”. Para o autor, a noção de heterotopia abre possibilidades de novos pensamentos e novas representações do mundo que nos rodeia.

Escreve Berticelli (1998) que os sistemas educacionais são formas cristalizadas do privilégio da educação. Assim, aponta a arquitetura como uma das artes que compõem a primeira atividade de libertar-se das formas rígidas de conceber o espaço para a emergência de condições pós-modernas de vida (BERTICELLI, 1998, p. 14).

Em contrapartida a esse movimento, o texto de Berticelli (1998) expressa que a escola parece ainda não ter se dado conta de tais mudanças e se apresenta de forma engessada e protegida pelo seu lugar de privilégio como única detentora do poder de educar. Para o autor, a pós-modernidade está diluída em lugares não fixos, nas heterotopias. Nesse sentido, a verdade não está em um só lugar. Esse artigo me ajudou a pensar sobre a nova configuração da escola que já não pode mais ser enxergada como um lugar fixo e privilegiado de aprendizagem, configurada como um dos lugares de aprendizagem, pensando a biblioteca como exemplo.

Procurei por esse debate também nas teses e dissertações da *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* (Capes), ao buscar pesquisas de diferentes áreas das Ciências Humanas cujo foco se deu no Campo da Educação. Os trabalhos que articularam a noção de heterotopia problematizaram questões referente à saúde e educação, salas seriadas, espaço, currículo escolar, gênero e sexualidade, docência e literatura, além das problemáticas manicomiais. Estudos que apontam a questão da subjetivação na diversidade de temas que

podem ser analisados com base nesse conceito para contribuir na compreensão das formas pelas quais os sujeitos se relacionam com os espaços.

Entre as teses defendidas nos últimos cinco anos no Brasil no campo da educação, identifiquei o uso da noção de heterotopia em diferentes linhas de investigação que pesquisam a relação da educação, cultura e sociedade, assim como o conhecimento, a subjetividade e as práticas educacionais. Outro nicho da produção voltado para a formação de professores em ciências matemáticas, formação profissional e docente nas ciências da saúde, educação linguagem e processos interativos aparece entre os trabalhos cujas temáticas debatem a heterotopia. Já os trabalhos de doutorado de outras áreas das Ciências Humanas problematizaram os espaços heterotópicos como desencaixados na sociedade, território de resistência e subjetivação. Isso se expressa em trabalhos que contestam as estratégias de produção e ressignificação de espaços através da presença coletiva e de práticas significativas devido ao uso do espaço.

A categoria *heterotopia* também aparece em diferentes linhas de investigação das dissertações brasileiras no campo da educação. Currículo, culturas e diferença; o cotidiano da educação popular; e educação especial e processos inclusivos são outras temáticas presentes nas pesquisas de mestrado em linhas de investigação sobre produção científica e formação de recursos humanos em educação inclusiva. Quanto às dissertações de outras áreas das Ciências Humanas esse debate também aparece nas Ciências Sociais, assim como na teoria e produção de experiência no espaço, abrindo uma discussão para repensar a forma como significamos os espaços urbanos, perpassados por significados diversos na compreensão do conceito de heterotopia como possibilidade de um novo olhar para os espaços.

Os resultados desses trabalhos apontam que a noção de heterotopia ajuda na reflexão referente à invenção do espaço, justaposição e território de possibilidades, currículo escolar e possibilidades de experiências outras, e processos de subjetivação que se dão nesses lugares.

A reflexão em torno da heterotopia e subjetivação está presente dos trabalhos de Andrade (2018), Cruz (2017), Motta (2014), Oliveira (2018), Silva (2015), Silva (2016) e Teti (2015). Tais pesquisas apontam o corpo como primeiro espaço capaz de se deslocar por outros, tendo abertura para as experiências como acontecimentos. Elas mostraram também que os processos de subjetivação ocorrem em espaços outros que, mesmo não sendo o espaço da biblioteca, são pertinentes para pensar que a educação ocorre em diferentes espaços e estes acabam interferindo na formação identitária dos sujeitos, pois o currículo se materializa em

atividades sistemáticas ou não, em espaços formais e não formais do ensino, tal como aprendi com os estudos do currículo (SILVA, 2017).

Estudos sobre as práticas curriculares em espaços ampliados de aprendizagem apontam que categorias como sujeito, cultura e poder são frequentemente tematizadas (SILVA, 2017), um debate que se encontra instalado nas pesquisas de Almeida (2017), Silva (2015) e Rodrigues (2017). Tais estudos reforçam como os estudos curriculares direcionam o olhar investigativo para vários espaços presentes no cotidiano da escola. A noção do conceito de heterotopia possibilita entender esses espaços outros como os lugares em que ocorrem os saberes das experiências dos sujeitos da escola, aproximando espaços aparentemente incompatíveis.

Com Foucault (2013), aprendemos que as heterocronias têm a ideia de tudo acumular e com isso parar o tempo ao proporcionar experiências de temporalidades outras. A noção apresentada por esse filósofo contribui na ampliação dos olhares para além da estrutura dos espaços, contribuindo, assim, na reflexão em torno da justaposição de outras espacialidades aparentemente incompatíveis, mas que, pela noção da heterotopia, aproximam-se. As pesquisas de A. L. Santos (2017); L. H. R. Santos (2017) e Vicentin (2018), com aproximação do princípio da justaposição de espaços das heterotopias, contribuem para refletir sobre essas aproximações de espaços diferentes que juntos inventam um espaço outro.

Todos os trabalhos encontrados nessa busca ajudaram-me a compreender que os homens inventam espaços para se fortalecer enquanto membros de uma comunidade e geram outras formas de ser e estar no mundo. Invenções que se dão por motivações políticas ou questões coletivas. Os trabalhos de Albinati (2016), Damé (2018) e Gonçalves (2017) trazem esse debate sobre a investigação dos processos de produção de espaços culturais inventados para a expressão da diferença. Essas pesquisas apontam que a condição de liminaridade se faz presente nesses espaços culturais em que a ação coletiva se apresenta pela diferença, através dos sentidos dos usos que o grupo faz deles.

2.2 UTOPIAS E HETEROTOPIAS EM MICHEL FOUCAULT

No texto de 1984, Foucault (2015b) traz o espaço como questão-problema do século XX. Para ele, diferente do século XIX, quando a obsessão foi a história, o século XX é a época do simultâneo, da justaposição, do próximo e do longínquo, do lado a lado e do disperso. É um momento em que se experimenta “menos como uma grande via que se desenvolveria através dos tempos do que como uma rede que religa pontos e que entrecruza sua trama” (FOUCAULT,

2015b, p. 428). Contudo, avisa que isso não é uma inovação porque, desde a Idade Média, o espaço se apresentava como um conjunto hierarquizado de lugares desde os sagrados, profanos, protegidos, abertos sem defesa, urbanos e rurais. Para a teoria cosmológica, há até outros supracelestes em oposição ao lugar celeste – este último em oposição ao lugar terrestre. Essa noção de espaço teve início com Galileu, a partir do século XVII, quando a extensão toma o lugar da localização com sua ideia de um espaço infinito e infinitamente aberto (FOUCAULT, 2015b, p. 429).

Nos anos 80 do século XX, a questão do espaço já não era mais só localização, mesmo no discurso da demografia. Nesse sentido, a questão não é se haverá lugar suficiente para o homem no mundo, mas, sim, saber das relações de vizinhança, estocagem, circulação, localização e classificação dos elementos humanos. Ou seja, a questão seria de relações de posicionamento (FOUCAULT, 2015b, p. 430).

O autor se propõe a ver não só o espaço de dentro, mas, principalmente, o espaço de fora, o espaço pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos. Porém, não todos os espaços, mas, sim, os posicionamentos, as redes de relações. O que interessou a Foucault foram alguns posicionamentos que têm a propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos, mas que, ao mesmo tempo, “suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas” (FOUCAULT, 2015a, p. 431).

Na perspectiva teórica apresentada pelo referido autor, há uma descrição de dois tipos de espaço, agora de forma mais objetiva, sem o recurso do texto de Borges quando o diálogo remetia à linguagem, agora ressaltando aspectos mais amplos. Nesse sentido, as utopias – posicionamentos sem um lugar real – têm com o espaço da sociedade uma relação de analogia direta ou inversa, todavia são espaços irrealis. Já as heterotopias em Foucault remetem a espaços reais, contrapositionamentos, utopias realizadas nas quais posicionamentos reais estão ao mesmo tempo representados, contemplados e invertidos. Lugares diferentes dos posicionamentos que refletem.

É com essa noção de heterotopia apresentada por Foucault que Passeti (2002) escreve sobre as heterotopias que advêm dos modos de existência do movimento anarquista. Para o autor, esse movimento inventou modos de ser e estar no mundo fechados em si mesmo dentro de espaços reais de convivência e compartilhamento de ideias e relacionamentos, em que quase nunca têm um posicionamento fixo, uma vez que o corpo do movimento está em constante mudança.

Na perspectiva teórica apresentada por Passeti (2002, p. 163), o espaço heterotópico anárquico está associado aos modos de vida livre que advêm da desobediência às regras do Estado autoritário. Assim, o autor nos escreve que esse movimento não vive de utopias, mas, sim, inventa as heterotopias.

É com esse texto referente às ausências de uma localização fixa que passo a ver os espaços dos movimentos anárquicos como formas de existência, tais como as heterotopias crônicas descritas por Foucault, aquelas cujo tempo se dá de modo muito breve em reuniões, festas ou passeatas, entre outros exemplos dos momentos em que o espaço passa a existir com o tempo previsto para o seu desaparecimento.

Observa Foucault (2015b) que, entre as utopias e as heterotopias, há uma experiência mista que seria o espelho. Para ele, o espelho é, ao mesmo tempo, uma utopia, por ser um lugar sem lugar, mas também uma heterotopia, porque o espelho existe na forma real. Interessa dizer melhor sobre esse espaço a partir das palavras do próprio autor:

[...] é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou: o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente real, em relação com todo o espaço que o envolve, e absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe. (FOUCAULT, 2015b, p. 432).

Existem nessas espacialidades as possibilidades de inversão total de espaços reais, lugares que se apresentam à margem da lógica espacial vigente. Estando os sujeitos em situação de liminaridade, não estão em lugar nenhum ou estão em trânsito entre dois ou mais espaços diferentes, configurando fugas do lugar de inscrição, por isso são considerados contraespaços, lugares antiestruturais. As heterotopias assaltam e subvertem a linguagem espacial em momentos de criatividade e inversão da cultura para gerar outros espaços impensáveis (FOUCAULT, 2013, 2015b).

De acordo com (FOUCAULT, 2015b), são cinco os princípios das heterotopias. O primeiro, afirma que “não há uma única cultura no mundo que não se constitua de heterotopias” (FOUCAULT, 2015b, p. 433), embora não possam ser tratadas como universais. Foucault (2015b, p. 433) oferece como exemplos heterotopias de crise (nas sociedades ditas primitivas), lugares privilegiados, sagrados, proibidos nos quais os indivíduos vivem em estado de crise:

“Os adolescentes, as mulheres na época da menstruação, as mulheres de resguardo, os velhos etc.” Contudo, alerta que essas heterotopias foram desaparecendo, ficando apenas restos nos colégios do século XIX, no serviço militar, nos hotéis da viagem de núpcias, nos trens. No século XX, há uma transformação e essas heterotopias passam a ser vistas como heterotopias do desvio, em cujos espaços se localizam os indivíduos cujo comportamento é considerado um desvio à norma exigida. Indica as prisões, as casas de repouso e as clínicas psiquiátricas.

A heterotopia como uma invenção social com base no desejo ou na necessidade dos indivíduos, ou do sujeito, que faz esses espaços assumirem formas variadas, imersas em um contexto, o segundo princípio da descrição das heterotopias. Diz Foucault (2015c, p. 434) sobre esse segundo princípio: “no curso de sua história, uma sociedade pode fazer funcionar de uma maneira muito diferente uma heterotopia que existe e que não deixou de existir”. É o caso do cemitério que até o século XVII ficava dentro da cidade ao lado da igreja, ou seja, ao lado de um espaço sagrado. Ali se acreditava na ressurreição, na imortalidade da alma. No século XIX, o cemitério fica fora da cidade quando se associa a morte com a doença.

Na perspectiva teórica apresentada pelo referido autor, a heterotopia possibilita a justaposição dos espaços pelo poder que tem de agrupar em um só lugar vários posicionamentos incompatíveis entre si. Esse é o terceiro princípio tal como o teatro, o cinema, o jardim:

O jardim tradicional dos persas era um espaço sagrado que devia reunir dentro do seu retângulo quatro partes representando as quatro partes do mundo, com um espaço mais sagrado ainda que os outros que era como o umbigo, o centro do mundo em seu meio (é ali que estavam a taça e o jato d'água): e toda a vegetação do jardim devia se repartir nesse espaço, nessa espécie de microcosmo. Quanto aos tapetes, eles eram, no início, reproduções de jardins. O jardim é um tapete onde o mundo inteiro vem realizar sua perfeição simbólica, e o tapete é uma espécie de jardim móvel através do espaço. O jardim é a menor parcela do mundo e é também a totalidade do mundo. O jardim é, desde a mais longínqua Antiguidade, uma espécie de heterotopia feliz e universalizante (daí nossos jardins zoológicos). (FOUCAULT, 2015b, p. 435).

Há outras formas de fazer uma biblioteca desaparecer sem precisar remover um tijolo de sua parede. Apagamentos que ocorrem quando as portas da biblioteca escolar estão sempre fechadas aos seus alunos, ou até mesmo quando o espaço é dedicado a guardar outros materiais ou a amontoar livros. Formas de silenciamento que também se materializam quando um projeto de leitura nos trilhos do metrô, ou pelas rodas do ônibus, não obtém o sucesso previsto e se encerra como um ensaio utópico.

A compreensão da heterotopia como espaço de passagem pode ser encontrada em Araújo (2014), que trata de uma resenha do texto *Trilhas da cidade*, de Janice Caiafa, em torno do metrô como uma heterotopia, um espaço que circula. Assim, escreve o autor que esse meio de locomoção em seu modo de ser espaço de regulação, de diversos tipos de atividades que ocorrem em seu interior, é um lugar fechado em si, sendo um espaço de uso público comum, estando dentro e fora da cidade ao mesmo tempo (ARAÚJO, 2014, p. 268).

A biblioteca, equipamento social moderno, contribui na formação cultural e intelectual da sociedade que, sob lentes da noção de heterotopia, pode aproximar os sujeitos de outras temporalidades, possibilitando, assim, entre outras coisas, fugas das limitações da cultura. A condição de liminaridade na biblioteca é a ausência de limites, saídas momentâneas da ordem para voltar a ela, simulação de novos territórios abertos ao inesperado, ao imprevisível, ao impensado.

As bibliotecas proporcionam esse dentro e fora do tempo, um tempo outro que pode romper com a normalidade do contemporâneo, aparecendo e desaparecendo nesses entrelugares.

[...] a biblioteca é aberta, inventariada, recortada, repetida e combinada em um novo espaço: e esse “volume” em que Flaubert a faz entrar é ao mesmo tempo, a densidade de um livre que desenvolve o fio necessariamente linear do seu texto e um desfile de marionetes que abre para toda uma profundidade de visões articuladas. (FOUCAULT, 2015c, p. 94).

A biblioteca como espaço da invenção. A profundidade desse espaço adquire camadas de sentido que não deixam que os sujeitos saiam ilesos de dentro dela. Há possibilidades de transformação na experiência heterotópica nesse território, processos de subjetivação que ocorrem nos diferentes indivíduos que vêm ao espaço para estudar e modificar algo em sua vida, participando de atividades culturais que ajudam na preservação da memória social.

O quinto e último princípio das heterotopias elaborado por Foucault se refere ao sistema de abertura e fechamento que, simultaneamente, as isola e as torna penetráveis. O caso da caserna e da prisão (FOUCAULT, 2015b) mostra onde é preciso se submeter a ritos e purificações. Quando trata de heterotopias abertas, reflete que nem sempre estão abertas para todos. Não há regras fixas de pertencimento para esses lugares, o que os faz parecer espaços estranhos e desencaixados da norma social, com mudanças quanto às suas formas. Exemplifica com os quartos em casas na América do Sul, onde os viajantes eram acolhidos, mas não conseguiam penetrar no núcleo da família.

A compreensão dos espaços sociais que funcionam como quartos vazios para suprir o desejo ou a necessidade dos sujeitos tais quais os quartos de hotéis pode ser vista em Albuquerque Júnior (2014), quando escreve em seu texto *O descarado, a cara-metade, o rosto: Michel Foucault e a análise de discurso do movimento homossexual*, sobre aspectos da temática da homossexualidade e o pensamento de Foucault. Para o autor, os espaços fechados das cidades abrigam formas de relacionamento clandestinas que ocorrem entre homens do mesmo sexo mantidos escondidos nesses lugares, configurando-se como o lugar dos descarados, entendido aqui como um espaço heterotópico que acolhe as expressões de afeto confidencial, tal qual outros onde a população homossexual se faz presente: saunas e boates, entre outros.

Essas heterotopias, com o passar dos anos, vêm ganhando novas formas. As cidades também se transformam, e sempre é possível encontrar nelas esses não lugares onde o prazer clandestino dos descarados acontece. Espaços fechados em si mesmo, que denunciam toda uma rede repressiva em torno de si, e que possibilitam aos sujeitos que por eles circulam outras formas de amor erótico que não têm, ou são impedidos de ter, visibilidade na sociedade, onde há as novas possibilidades desses sujeitos ser e estarem no mundo. Para Albuquerque Júnior (2014), em lugares ou situações em que o descarado vive uma relação homoerótica, há uma tendência do sujeito de cobrir o próprio rosto nesse ato de amor clandestino. O descarado, aquele que do próprio rosto foge, na ausência do rosto pouco incômodo, não ameaça a heteronormatividade (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014, p. 9).

No livro *O corpo utópico, as heterotopias*, há duas conferências de Michel Foucault proferidas em dezembro de 1966. Nessas palestras, Foucault trata principalmente da relação do corpo com o espaço. Nesse momento, escreve sobre a relação do espelho e as heterotopias, compartilhando que, nessa articulação, os sujeitos atribuem ao espaço seu próprio rosto, projetando a própria subjetividade (FOUCAULT, 2013).

Foucault (2013, p. 7) diz: meu corpo, utopia implacável. O corpo, primeiro espaço no qual habitamos e que nos permite um deslocamento por outros territórios, pequeno fragmento de espaço com o qual se faz corpo real e se desloca para qualquer outro espaço (FOUCAULT, 2013, p. 7), que possibilita as experiências outras de invenção dos espaços. Esse corpo é o primeiro espaço no qual habitamos, composto por um conjunto de códigos que nos permite habitar os espaços na sociedade, assim como inventar outros.

Mas, na verdade, meu corpo não se deixa reduzir tão facilmente. Afinal, ele tem suas fontes próprias de fantástico; possui, também ele, lugares sem lugares mais profundos, mais obstinados ainda que a alma, que o túmulo, que o encantamento dos mágicos. Possui, também ele, suas caves e seus celeiros,

tem abrigos obscuros e plagas luminosas. Minha cabeça, por exemplo, ah minha cabeça: estranha caverna aberta para o mundo exterior por duas janelas, duas aberturas, sei disso, pois as vejo no espelho [...] (FOUCAULT, 2013, p. 10).

O corpo utópico, aberto às possibilidades para inventar espaços reais, conforme a sua potência criadora permita existir. Desejo de se transformar naquilo que ainda não é, que está para ser. Espaço de passagem de algo sempre externo a ele, cuja experiência (LARROSA, 2011) acontece nele mesmo, localizando-o como um território de passagem onde se dá esse acontecimento, processos de subjetivação que advêm das marcas no sujeito afetado por algo sempre externo a si, formando espaços e sendo formado por eles, possibilitando as formas de atribuição de sentido pela ação humana.

A materialidade desse corpo, pedaço de espaço móvel (FOUCAULT, 2013), está sempre em lugar nenhum e possibilita aberturas para interações com outros espaços, criando territórios conforme o desejo demarca. Sonho de transformação, potência de criação. São os corpos utópicos os lugares de ocorrência das afetações que formam as suas identidades. Território em constante movimento de marcas deixadas pelas experiências vivenciadas, “essas coisas que entram dentro da minha cabeça permanecem no exterior, pois vejo-as diante de mim e eu, por minha vez, devo me adiantar para alcançá-las” (FOUCAULT, 2013, p. 10).

Há na literatura artigos nos quais se observa o corpo do ponto de vista da heterotopia como uma produção de um espaço outro de subjetivação e instauração de corpos utópicos. Produções direcionadas a novos modos de existência, tal qual aparece no artigo escrito por Siqueira e Pontes (2019).

Buscando compreender como os processos criativos na peça teatral *Zoe* se colocavam como estratégias micropolíticas de resistência ao conservadorismo neoliberal, Siqueira e Pontes (2019) fazem uma análise do ponto de vista da heterotopia do espetáculo que teve sua estreia em 2017 e foi alvo de uma forte censura após sua estreia com um *performer* nu na calçada do Teatro Apolo em Recife. Essa performance havia sido inspirada no trabalho *Puxador*, da artista visual Laura de Lima, assim, o ator nu estava entrelaçado à estrutura arquitetônica do *foyer* do teatro, integrado, portanto, ao deslocamento dessa estrutura para o mundo exterior (SIQUEIRA; PONTES, 2019, p. 2).

Os autores escrevem que, no processo de produção da cena, a coreógrafa produziu nessa cena uma zona de indistinção bios-zoé, que nos faz pensar que essa cena em si, dentro de um espetáculo maior, trata-se de um espaço outro, uma heterotopia. Eles ainda escrevem que, no processo de construção da linguagem do espetáculo, instaurou-se uma heterotopia. Nesse

sentido, o corpo é enfatizado como um instaurador de suas próprias heterotopias, criando lugares utópicos, fora de todos os lugares. Ao suspender a vida real, o corpo cria outros lugares com regras diferentes, heterotopias, considerando a concepção de subjetividade através da qual o espetáculo Zoé investiu em novos modos de existência.

O corpo é o marco zero do mundo. É através dele que conseguimos inventar os territórios à medida que nos relacionamos com os espaços na sociedade, constituindo-se como um primeiro espaço eminentemente heterotópico devido a essa fluidez que o faz estar localizado e não localizado nos espaços reais na sociedade, apresentando-se como a estrutura dos sonhos. O espaço do corpo é formado por todos os espaços à sua volta, e, ao mesmo tempo, cria esses espaços. “O corpo humano é o ator principal de todas as utopias” (FOUCAULT, 2013, p. 11).

Meu corpo está, de fato, sempre em outro lugar, ligado a todos os outros lugares do mundo e, na verdade, está em outro lugar que não o mundo. Pois, é em torno dele que as coisas estão dispostas, é em relação a ele – e em relação e ele como em relação com um soberano – que há um acima, um abaixo, uma direita, uma esquerda, um diante, um atrás, um próximo, um longínquo. O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, o corpo está em parte alguma: ele está no coração do mundo, este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino, percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os outros lugares possíveis, reais ou utópicos. (FOUCAULT, 2013, p. 14).

O corpo utópico é aquele capaz de fantasiar, criar um outro dele mesmo em espaços heterotópicos em situação de liminaridade, dentro e fora do tempo, um tempo outro fora da ordem, em movimento, desterritorializado. O corpo na biblioteca pode ser uma experiência de contraconduta, de contrapoder?

Lugarinho (2016), em seu artigo, aborda a obra do poeta Rui Knopfli através do conceito de heterotopia em Foucault. E, assim, escreve que o conceito de heterotopia tem sido frequente em estudos nas ciências humanas que têm por fundamento a problematização da categoria analítica do espaço face à formação de identidades e de subjetividades (LUGARINHO, 2016, p. 69).

Na perspectiva teórica apresentada por esse autor, há uma afirmação do que foi dito por Foucault quanto à classificação das bibliotecas e dos museus como espaços heterocrônicos. Assim, ele considera-os como espaços intervalares por aproximar momentos distintos através dos objetos deslocados que são como testemunhas de outros tempos e lugares (LUGARINHO, 2016, p. 71).

2.3 VONTADE DE SUBJETIVAÇÃO: A BIBLIOTECA COMO UMA PEDAGOGIA CULTURAL

O termo *pedagogias culturais* emerge do campo dos Estudos Culturais da Educação (SILVA, 2017; COSTA, 2007; VEIGA-NETO, 2007b; CORAZZA, 2007; WORTMANN, 2007) e explica sobre os processos educativos que ocorrem em diferentes espaços, sejam eles fixos ou cibernéticos, por funcionarem como lugares de aprendizagem. A noção também emerge das contribuições de ELLSWORTH (2005), que nos ajudam a entender o desejo pedagógico presente nessas diferentes esferas que têm função educativa, funcionando como prática de significação nos sujeitos.

Considerando a cultura como condição da prática social, vemos, na perspectiva dos Estudos Culturais em Educação, a noção de pedagogias culturais como lugares de aprendizagem, (ANDRADE; COSTA, 2017), pois operam com uma vontade de pedagogia (CAMOZZATO; COSTA, 2013). A biblioteca, uma pedagogia cultural, nos modos como se organiza para conduzir os corpos no que elege ser a forma correta de portar seus materiais, ou vigiando ou punindo os corpos sempre que uma de suas normas é quebrada, está operando com essa vontade contínua de esforço sobre a vida dos seus frequentadores.

Camozzato e Costa (2013, p. 26) compreendem a educação como uma forma incansável de produzir modos de vida e assim conferir a durabilidade dos saberes. Na perspectiva das autoras, a educação diz respeito a todas as redes de convivência e socialização por onde se dão as interações entre os sujeitos. “A educação é necessária, portanto, para que as relações de domínio e condução tenham continuidade. Ela produz e direciona as vidas” (CAMOZZATO; COSTA, 2013, p. 27). Nesse debate, Foucault (2016, p. 27) atribui à pedagogia a responsabilidade de grande vetora de modelos de condutas investidos no interior da prática pedagógica. Nessa perspectiva Andrade e Costa (2017, p. 5) trazem uma definição para as pedagogias culturais como sendo: “a existência de relações de ensino e aprendizagem em diferentes nichos sociais regulados pela cultura”.

Penso que uma biblioteca é feita de escolhas implicadas em relações de poder que, por sua vez, resultam nos modos como os sujeitos educados saem de dentro dela. Mesmo considerando que se trata de um espaço constituído por relações de poder, considero que é capaz também de possibilitar fugas e invenção de espaços outros através dos livros, materiais e atividades culturais. Trata-se de um equipamento social poderoso na ação de acionar a

racionalidade estética dos sujeitos pela literatura, o improvável capaz de superar efeitos de tecnologias culturais em disputa, possibilitando exercícios de ficção por caminhos inimagináveis.

A biblioteca como uma pedagogia cultural pode ser compreendida através da noção de tecnologia cultural que advém do campo dos Estudos Culturais em Educação, termo que se manifesta em conteúdos curriculares e espaços, podendo ser articulado à ideia de espaço heterotópico de subjetivação. Assim, a arquitetura das bibliotecas pode ser vista como uma representação simbólica que funciona em favor dos interesses dos grupos no seu interior.

Perceber a biblioteca como uma tecnologia cultural implica em olhar para o grupo de práticas dentro da diversidade de existências que ocorrem de modo simultâneo. As tecnologias ajudam a pensar sobre a produção de significados que vão sendo tecidos pelos sujeitos na relação que eles estabelecem com os elementos dispostos dentro de uma estrutura edificada por relações de poder que vão sendo interpeladas em seus corpos formando suas identidades. Conforme escreve Simon (1995), manifestam-se tanto nas escolhas curriculares quanto na arquitetura de espaços educativos.

As tecnologias culturais não são, do ponto de vista dos EC, uma questão apenas da escola, mas de todos os espaços educativos presentes na sociedade. Ou seja, em qualquer espaço que possa ter a função de uma pedagogia, há um conjunto de práticas pelas quais o processo de subjetivação se dá na moldura entre diferentes valores que são contestados ou preservados, sendo esse aparato produtivo tecnologias culturais (SIMON, 1995, p. 68). Destarte, compreender as experiências dos sujeitos na perspectiva de uma tecnologia cultural implica em considerar que expressam algo que está ausente, algo que para eles era conhecível e que acaba assumindo um caráter prático. Para Simon,

O aparato produtivo em questão aqui é o conjunto de práticas organizacionais, curriculares e pedagógicas que contribuem para definir as formas pelas quais o significado é produzido, pelas quais as identidades são moldadas e contestados ou preservados. São essas práticas que chamo de “tecnologias culturais” – esforços deliberados para estruturar os processos de semiose, isto é, a forma pela qual os signos são mediados quando as pessoas tentam atribuir significado a aspectos de sua própria existência e da de outros [...] (SIMON, 1995, p. 68).

Na perspectiva teórica apresentada pelo referido autor, ao tratar da pedagogia, afirma que as escolas podem ser vistas como máquinas de sonho ou conjuntos de práticas capazes de provocar a produção de significados que podem afetar as ideias que as pessoas têm de suas futuras identidades e possibilidades. Tais práticas nomeadas de tecnologias culturais

contribuem para definir as formas pelas quais o significado é produzido pelos sujeitos (SIMON, 1995, p. 68).

De forma mais específica, essa tecnologia cultural refere-se ao modo como as escolas, reflexo da sociedade, se constituem como o local de disputa de grupos que tentam elaborar noções de autoridade cultural. Essas tais forças advêm dos que detêm poderes sobre como se deve organizar a escola, e têm um efeito que é produtivo para ganhar sentido através das pessoas.

Na perspectiva de Costa, Silveira e Sommer (2003), os diferentes espaços para além dos muros da escola atuam como espaços de formação de condutas dos indivíduos. Assim, há diferentes e diversos locais que atuam como pedagogias culturais, ou seja, lugares com a função de educar os sujeitos, como o cinema, o museu, a novela, o parque, o teatro e a biblioteca.

A articulação que se faz entre os Estudos Culturais e o pensamento de Foucault, para o campo da educação, resulta no entendimento da produtividade do poder na subjetividade dos indivíduos, considerando a positividade do poder na capacidade de produção dos sujeitos. Veiga-Neto (2000) escreve que a junção do pensamento foucaultiano com os EC visa à desnaturalização da cultura pela postura dos pesquisadores que devem encarar o processo de significação como artefato social submetido às relações de poder.

Pode-se dizer da noção de tecnologia cultural, em sua manifestação em conteúdos curriculares e espaços, como algo produtivo. A arquitetura de uma biblioteca, na perspectiva da noção de heterotopia, pode ser problematizada como espaço que coloca em evidência os interesses dos grupos que a constituíram, e funciona como produtora de subjetividades.

2.4 MODOS DE SUBJETIVAÇÃO E AS PRÁTICAS DE SI EM MICHAEL FOUCAULT

Foucault define o sujeito não como uma substância material, mas, sim, como um efeito de uma constituição pelos modos de subjetivação que são processos dinâmicos da prática social que o fazem aparecer como objeto de uma dada relação de poder. Esses movimentos da subjetivação implicam na forma como o sujeito se relaciona consigo pelas técnicas e procedimentos nos quais se elabora essa relação, nos exercícios pelos quais se constitui como objeto e nas práticas que permitem a transformação de si (CASTRO, 2016, p. 409).

Compreendo que na prática social nos tornamos sujeitos coletivos, cujos traços identitários refletem os traços culturais do grupo ao qual pertencemos. Esses elementos fazem

parte da esfera da cultura estando presentes em um sujeito, ao mesmo tempo em que podem ser localizados em outros membros, que, juntos, compõem um grupo de interesses comuns.

A noção de subjetivação em Foucault, enquanto modos que possibilitam os processos de fabricação de uma identidade coletiva, repercute na forma como os indivíduos se localizam no mundo. Na perspectiva teórica apresentada pelo referido filósofo, as subjetividades não escapam das relações de poder que capturam os indivíduos pelo saber, transformando diferentes corpos, cujo comportamento é comum, no que podemos considerar como reflexos dos discursos circulantes no corpo social. O indivíduo, ao nascer, já adquire traços da cultura que vão sendo moldados na prática social em um tempo-espaço social que o torna sujeito.

Para Foucault (2004a, p. 282), os jogos de verdade são o conjunto de regras e procedimentos que direcionam os indivíduos para um resultado de sujeição, podendo ser considerados também como jogos de poder. Essas ações de representação funcionam pela capacidade de criar a verdade através dos movimentos de subjetivação das identidades. Assim, a verdade em Foucault está inserida em sistemas de poder que a fazem existir. O poder opera nessa relação com a verdade, e os discursos funcionam como regimes de verdade.

Quando digo “jogo”, me refiro a um conjunto de regras de produção da verdade. Não um jogo no sentido de imitar ou de representar...; é um conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado, que pode ser considerado, em função dos seus princípios e das suas regras de procedimento, válido ou não, ganho ou perda. (FOUCAULT, 2004a, p. 282).

No contexto dos seus estudos, Foucault desenvolve uma análise das ciências como tantos jogos de verdade articulados às técnicas que os homens utilizam para compreender quem eles próprios são (FOUCAULT, 2014a, p. 266). Esses jogos de verdade se repartem em quatro técnicas distintas: técnica de produção, técnicas de sistemas, técnicas de poder e a técnica de si. Esta última se apresenta como importante para esclarecer os processos de subjetivação, conforme escreve Foucault:

As técnicas de si, que permitem aos indivíduos efetuar, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, seus pensamentos, suas condutas, seu modo de ser; transformar-se a fim de atingir certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade. (FOUCAULT, 2014a, p. 266).

Originárias das práticas desenvolvidas no século IV, com as técnicas de si, instaurou-se a técnica de revelação de si, um exame de si (FOUCAULT, 2014a; 2004b). Essa tecnologia

coloca o próprio sujeito como inspetor das próprias ações que tem da obediência, um sacrifício de si, e a contemplação, uma contemplação permanente de Deus, a sua eficácia (FOUCAULT, 2004b, p. 292). Dessa forma, os modos de operação pelas técnicas de si se referem ao momento em que o poder se encontra instaurado dentro dos corpos dos sujeitos e permite que passem a operar ativamente, sozinhos ou em grupo, um número significativo de ações que se voltam à própria conduta e a dos outros como um estado de bem-estar.

Vemos em Foucault (2014a) que a noção de governamentalidade é uma importante chave para compreender o que resulta dessa articulação entre as práticas disciplinares e as práticas de si: “Governamentalidade, o encontro entre as técnicas de dominação exercidas sobre os outros e as técnicas de si” (FOUCAULT, 2014a, p. 266).

Para Castro (2016), a noção de governo em Foucault pode ser entendida a partir de dois eixos, o governo como relação entre sujeitos; o segundo, o governo como relação consigo mesmo. Na perspectiva foucaultiana, governar diz respeito a conduzir condutas, assim como a relação que se estabelece consigo, estando os modos de subjetivação situados entre esses dois eixos (CASTRO, 2016, p. 190). Assim, o conceito de governamentalidade nesse filósofo se refere a essas relações de governo dos outros e de si mesmo.

Outra noção importante para a compreensão dos modos de subjetivação em Foucault é a noção do cuidado de si que apresenta como uma conversão em que o sujeito governa a própria existência e a dos outros através dos jogos de verdade de autoformação do sujeito (FOUCAULT, 2004a, p. 285). Dessa forma, o cuidado de si enquanto prática de subjetivação expressa a vigilância e as ações sobre si mesmo para que o poder possa operar sobre os sujeitos. “O cuidado de si é o conhecimento de um certo número de regras de condutas e princípios que são simultaneamente verdades e prescrições” (FOUCAULT, 2004a, p. 269).

A autoavaliação aparece como um dos procedimentos eficazes na constituição das subjetividades pela possibilidade de tocar na consciência, pois a maneira como ela pensa tem relação com a sociedade. É pela liberdade que se tem para fazer escolhas dentro de alternativas limitadas que o poder vence o sujeito. Conforme escreve Foucault (2004c, p. 295), as pessoas são muito mais livres do que pensam, elas tomam por verdadeiros certos temas fabricados em um momento particular da história.

Tendo como base essa compreensão da subjetivação, vejo a importância de revisar pesquisas do campo da educação que se debruçaram sobre essas questões para refletir sobre o sujeito da educação, trabalhos que apontam os diferentes métodos para capturar os indivíduos e transformá-los em sujeitos. Exemplificando, o modo como Deacon e Parker (1994),

parafrazeando Foucault, indicam que o sujeito se constitui no duplo sentido de ser sujeito a um outro através do controle e da dependência, configurando a sua própria identidade pela consciência ou autoconhecimento.

Outra problematização, levantada por Gore (1994, p. 14), mostra que a noção de tecnologias do eu em Foucault está situada no momento em que o sujeito autodisciplinado conserva o poder a si e aos outros sob controle, agindo sobre todas as partes do corpo, colocando o corpo em regimes corporais políticos particulares.

Na perspectiva de Larrosa (1994), essas tecnologias de governo de si e dos outros funcionam como arranjos pedagógicos poderosos no processo de subjetivação como uma autorregulação. São processos de subjetivação que transformam os indivíduos em sujeitos através dos mecanismos de captura. Segundo esse autor: “A pessoa humana é fabricada no interior de certos aparatos de subjetivação” (LARROSA, 1994, p. 37). Assim, essas formas de relação consigo têm suas possibilidades de expressão pela ação (LARROSA, 1994, p. 38).

Larrosa (1994), inspirado nos estudos de Foucault, trata do processo de registro em palavras sobre si mesmo, a escrita de si, como um dos mecanismos de processo de subjetivação por estabelecer a instauração do poder nas práticas em que o próprio sujeito escreve sobre si para si e os outros, revelando os traços, ou elementos, da sujeição que lhe atravessam. Esses aparatos tecnológicos permitem que o indivíduo se torne pessoa incluída em um repertório cultural. “A experiência de si é o resultado de um completo processo histórico de fabricação no entrecruzamento de discursos que definem a verdade do sujeito” (LARROSA, 1994, p. 43) em um jogo em que o próprio indivíduo oferece seu ser quando se descreve.

Larrosa (1994, p. 45) nos provoca a refletir sobre esse debate articulado ao campo da educação através de três exemplos de experiência de si que configuram novos repertórios culturais aos sujeitos da educação. São eles: práticas de autoconhecimento e autoavaliação; histórias de vida da EJA; e práticas de autorreflexão dos educadores. São exemplos diferentes que evidenciam as formas de fabricação dos sujeitos pelas regras do jogo das significações, transformando-os também em jogadores eficazes e ativamente falantes das verdades sobre si mesmos, tal como nos escrevem Deacon e Parker (1994, p. 105): “O sujeito da educação é como uma camada de textos sobrepostos”.

Os mecanismos de autorregulação se constituem numa relação de duplo (LARROSA, 1994), uma projeção na qual os sujeitos se veem no momento de expressar narrativas sobre si, ao mesmo tempo em que se observam a si narrando os traços temporários da própria identidade. “O duplo está construído pela composição do eu que vejo quando me observo a mim mesmo,

do eu que expresso quando me digo a mim mesmo, do eu que narro quando construo temporalmente minha própria identidade” (LARROSA, 1994, p. 80).

O duplo só pode ser compreendido no interior de uma determinada configuração de autogoverno sendo uma forma de agir sobre si mesmo, como uma fabricação inseparável de um conjunto de operações de exteriorização que converte os indivíduos em subjetividades coletivas abertas aos outros (LARROSA, 1994, p. 82). Portanto, para esse filósofo, a pessoa física nada mais é do que o modo como ela própria se relaciona com seu duplo.

Os processos de subjetivação estão relacionados à formação da identidade coletiva que fabrica diferentes indivíduos que agem de forma semelhante na prática social. Diferentes movimentos que se voltam para o exame de consciência do próprio corpo e que colocam o sujeito vigilante de si mesmo como alguém capaz não apenas de monitorar as próprias ações, mas também de vigiar a postura dos outros.

Vejo que o disciplinamento no espaço das bibliotecas é composto pelas normas que são impostas a todos os sujeitos que as frequentam, pois se trata de um lugar que não escapa das relações de poder. Os espaços presentes da sociedade são constituídos por hierarquias que obedecem a lógicas de organização e uso do seu interior. Assim, são estruturados por normas que servem como acordos prévios que têm por finalidade, dentre outras ações, disciplinar corpos. Entra-se o indivíduo e sai um sujeito da biblioteca.

O controle do tempo é uma das técnicas de disciplinamento (FOUCAULT, 2014a), controle que ajusta os corpos aos imperativos temporais (CASTRO, 2016, p. 112). Os usuários das bibliotecas não escapam desse modo de governo, pois existem as regras quanto aos dias e horários específicos para que se frequente o espaço como um dos procedimentos de controle das suas atividades. Essa imposição do tempo funciona como prática pedagógica. Nas palavras de Foucault (2014a, p. 157), o poder articula-se diretamente com o tempo, realizando o controle que garante a sua utilização.

Penso que, entre as principais técnicas e instrumentos do disciplinamento, o controle da atividade pela elaboração temporal e o exame que articula a vigilância hierarquizada e a sanção normalizadora apresentam-se como possíveis técnicas a serem observadas na análise de modos mais fortes de exercício do poder no espaço da biblioteca, ainda que as demais tecnologias problematizadas por Foucault também se façam presentes. A separação dos sujeitos da biblioteca em determinados espaços pode ser vista como a expressão do quadriculamento e segregação que impõem uma localização dos corpos. Já o silêncio podemos considerar como

uma variação dos modos de serialização das atividades do corpo, enquanto tarefa repetitiva que mantém todos os indivíduos estáveis.

A câmera de vigilância presente na biblioteca também pode ser vista como uma variação do exame, enquanto instrumento de disciplinamento que carrega no seu interior a essência da arquitetura panóptica que tem por efeito garantir o bom comportamento dos corpos que frequentam o seu território.

Aprendemos com Foucault que, onde há poder, há resistência, portanto, nas relações de poder, existem as possibilidades de resistência. E nessas fugas, há uma configuração dessas relações (FOUCAULT, 2004a, p. 277). Nos espaços heterotópicos que por natureza se constituem como lugares de resistência, rebeldia, de movimentos de contracultura, podemos considerar que os sujeitos se permitem experimentar outras formas de subjetivação que escapam à norma. Movimentos de desassujeitamento que podem questionar verdades fixadas historicamente.

Nesse jogo de representações em que a verdade vai sendo criada e instaurada nos corpos, a possibilidade de resistência garante a eficácia das relações de poder que não existiriam sem ela. Refletir sobre os espaços que emergem como contraculturais é uma forma de perceber que subjetividades coletivas são fabricadas nesses lugares onde, mesmo com toda a liberdade de circulação, há a presença marcante do poder, pois é nesse leque de possibilidades limitadas que a captura dos sujeitos acontece.

2.5 DISCURSO, ALEGORIA E SURREALISMO ETNOGRÁFICO

Para compreender como processos de relações de força materializadas nas práticas discursivas da biblioteca, uma heterotopia de tempo, atuam como uma pedagogia na conduta dos indivíduos, nos documentos, nos artefatos que compõem a biblioteca e no modo como os sujeitos ocupam esse espaço, recorri ao campo da pesquisa qualitativa (MELUCCI, 2005; COLOMBO, 2005), ao campo dos Estudos Culturais (COSTA, 2007; CORAZZA, 2007; WORTMANN, 2007); à análise do discurso (FOUCAULT, 2008; 2014a), e à pesquisa etnográfica surrealista (CLIFFORD, 2014).

Do campo da pesquisa qualitativa considerei a própria noção de pesquisa em Melucci (2005) e os aspectos levantados por ele em referência à cultura e à linguagem. A noção de pesquisa qualitativa desse autor abre possibilidades para reflexões a respeito do arquivo eleito para a pesquisa sob um ponto de vista que se desprende da ideia de uma narrativa com formas

fixas de pensar sobre as coisas, ou seja, uma não busca pelas verdades absolutas. Trata-se de um modo de fazer pesquisa que considera as mudanças epistemológicas ocorridas desde a segunda metade do século XX, com consequências em deslocamentos que resultaram em novos arranjos do ponto de vista da própria noção do termo qualitativo vinculada aos campos de significação cultural.

Escreve Melucci (2005) que as mudanças nesse contexto se referem à centralidade da linguagem, e, com ela, argumenta-se que as coisas são sempre ditas por sujeitos inseridos em uma rede discursiva, o que confere um papel central para a linguagem quanto ao sentido. Outra modificação apresentada pelo autor se refere à relação que o pesquisador estabelece com os sujeitos em campo. Tal perspectiva aponta que, após essas modificações na forma como se enxerga o campo, é possível fazer trabalhos em campo, e não mais de campo. Portanto, considere essa noção de pesquisa qualitativa ao estar em campo nos momentos de encontro com os frequentadores da biblioteca durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Com Melucci (2005) também aprendi a considerar o olhar da pesquisa qualitativa para a vida cotidiana dos sujeitos. A experiência cultural passa a ser objeto de investigação, e consequentemente tal forma de pensar e fazer a pesquisa em ciências humanas contribui para que o pesquisador se conecte mais ao cotidiano, construindo sentidos nas próprias ações. Portanto, tais estudos da vida comum estabelecem os sentidos através das relações sociais, e essa atenção à cultura, principal objeto do olhar desta pesquisa, enfatiza a compreensão dos significados que são produzidos pelos sujeitos nas práticas de significação que os constituem.

Afirma Melucci (2005) que, na pesquisa qualitativa, o que está em jogo é a vida cotidiana, na qual os indivíduos experimentam as oportunidades e os limites para a ação. Dito por ele: “na vida cotidiana, os indivíduos constroem ativamente o sentido da própria ação, que não é mais somente indicado pelas estruturas sociais e submetido aos vínculos da ordem constituída” (MELUCCI, 2005, p. 29). O autor nos ajuda a pensar sobre as aproximações que os sujeitos na sociedade estabelecem com o cotidiano, e isso faz com que os olhares das pesquisas em ciências sociais e humanas, onde está localizado o campo da educação, sejam direcionados para novos campos com o intuito de investigar a humanidade em suas interações culturais, práticas de significação no acontecer da observação.

Desse movimento de investigar as práticas culturais no decorrer do cotidiano as formas de interpretação ligam a ação pela palavra como práticas de significação produzidas na ação dos sujeitos, tal como aponta Melucci (2005). Pode-se dizer dessa relação de pertencimento ao campo em consonância com o nosso problema de investigação, direcionando nossa experiência

e concordando com o autor, que essa perspectiva atribui sentido e qualidade às pesquisas por esse tipo de relação em que se dá o instrumento de investigação. De acordo com o que nos escreve: “O Corpo se torna um objeto de atenção, o componente emocional, entre a natureza e a cultura, ocupando um papel sempre mais importante na experiência dos sujeitos e como objeto de estudo” (MELUCCI, 2005, p. 30). O autor ainda aponta algumas questões abertas, uma delas problematiza que o conhecimento se torna uma parte integrante da produção social, um processo que é contínuo e que nomeia as coisas ditas sobre a sociedade.

Com a virada epistemológica das últimas décadas, aprendemos que, em pesquisas etnográficas, o texto escrito está inserido em um processo de construção do pensamento, cuja representação do campo se dá pelas intervenções que o pesquisador desenvolve. O meu acolhimento a esse ponto de vista está articulado ao que escreve Colombo (2005, p. 265, 266) sobre esse processo de envolvimento da escrita comportando uma intervenção ativa de interpretação e seleção, assim, torna-se forma atenta de construção do mundo e do pensamento, consequência de uma tomada de consciência de que não há uma escrita inocente desde os anos de 1970, cabendo à linguagem ser uma força constitutiva da realidade (COLOMBO, 2005, p. 268). É com esse autor que passo a considerar os registros nessa construção do que me fiz durante o percurso na biblioteca, com todos os traços do meu olhar sobre ela carregados de significações referentes ao meu contexto cultural.

Uma produção escrita composta por vias narrativa e reflexiva, tomada da consciência das implicações das escolhas feitas sobre as intenções do que se quer e pode narrar (COLOMBO, 2005, p. 269). Assim, os escritos são o registro de um movimento de reflexão contínua, pois “[...] Trata-se de um tipo de escrita em que os discursos na primeira pessoa e na terceira pessoa se alternam, de modo a iluminarem-se reciprocamente, cuja interpretação do pesquisador é continuamente colocada em comparação” (COLOMBO, 2005, p. 283).

É com essa noção de pesquisa qualitativa, de modo consciente das minhas implicações no processo de seleção e registro de campos de significação, que escolhi traçar um caminho investigativo sem caminho, um descaminho na busca por novas armas (BUJES, 2007, p. 13), ferramentas que me possibilitaram expressar de modo sensível as minhas inquietações. O *corpus* da pesquisa se aproxima de uma etnografia pós-moderna alegórica surrealista (CLIFFORD, 2014, p. 21), destacando a natureza poética, tradicional e cosmológica no processo de escrever, perspectiva etnográfica que permite uma invasão da diferença buscando escrever sobre contracorrentes, modos de existência que fogem ao esperado configurando-se como estranhos, não no sentido de distanciamento, mas, sim, como partes já familiarizadas e

carregadas de sentidos que permitem descolamentos para outros questionamentos e problematizações.

A etnografia mesclada de surrealismo emerge como teoria e prática da justaposição, um procedimento de colagem que envolve o recorte, a montagem das imagens que irromperam no momento da pesquisa em campo, sendo um procedimento que evita a representação de culturas como todos orgânicos ou como mundos unificados e realistas (CLIFFORD, 2014, p. 154).

[...] A etnografia como uma *collage* deixaria manifestos os procedimentos construtivistas do conhecimento etnográfico; ela seria uma montagem contendo outras vozes além da do etnógrafo, assim como exemplos de evidências “encontradas”, dados não totalmente integrados na interpretação organizadora do trabalho. Finalmente, ela ignoraria aqueles elementos da outra cultura que transformam a própria cultura do investigador distintamente incompreensível. (CLIFFORD, 2014, p. 154).

Assumi nesta pesquisa um caminho de escrita na perspectiva de *un collage*, um processo que não se desenvolve ausente de outros elementos que fundamentam o olhar no estudo. Interferem nessa organização textual outras vozes de outros sujeitos. Trata-se de uma escrita cuja apresentação se dá através de uma narração reflexiva com evidências da inevitável pluralidade das teorias, todas necessariamente parciais, em uma confluência de vozes que deixam bem claro a infinitude da interpretação da pesquisa (COLOMBO, 2005, p. 285).

O ponto de vista escolhido no processo desta pesquisa foi de uma inspiração na alegoria etnográfica que visa a uma desconstrução através de um movimento contrário a uma busca por verdades, perspectiva que influenciou no meu processo de observar e contar histórias incontrolláveis que surgiram sem aviso prévio, imagens pontuais diante dos meus olhos, do momento, contingenciais pela forma como surgiram sem previsibilidade, muitas vezes demandando muito esforço para encontrar um pedaço de papel e caneta para não perder cada detalhe no momento do registro. O caráter narrativo das representações culturais está dedicado às histórias de grupos culturais que foram esquecidos ou apagados do processo de representação, sendo uma ruptura com a continuidade da descrição cultural (CLIFFORD, 2014).

Sabe-se que os primeiros estudos etnográficos se constituíram nos relatos dos viajantes que diziam sobre a cultura dos grupos humanos fora do território europeu (CLIFFORD, 2014). Foram enunciados clássicos da antropologia que impossibilitaram olhares para outras expressões culturais no acontecer do cotidiano. A etnografia pós-moderna aparece como um abandono dessas formas de descrição cultural ao provocar o rompimento entre a alta e a baixa

cultura, permitindo uma predominante atitude de irônica observação participante entre as hierarquias e os significados da vida coletiva (CLIFFORD, 2014, p. 134).

Depois da modernidade, os estudos pós-modernos tiveram uma ênfase na questão da linguagem, sob influência do pós-estruturalismo, e como resultado apresentaram que a descrição já não é mais o que é. A representação é interpretação, pois na interação há sempre uma troca de linguagens. Reconheço na noção apresentada por Clifford (2014) a importância do processo de desenvolvimento desta pesquisa, a de surrealismo etnográfico tal como foi utilizada no campo da arte ou movimento cultural que escapa da normatização, fragmentos que não têm como objetivo a unidade estável das coisas.

O surrealismo etnográfico (CLIFFORD, 2014) é uma forma de direcionamento dos caminhos e olhares de pesquisas em campo, onde o etnógrafo surrealista se envolve em nichos culturais exóticos para provocar atos de estranhamento em questões naturalizadas. Assim, essa forma de estar em campo é um ataque ao cotidiano, não no sentido destrutivo, mas, sim, pela criação, pois pode fornecer elementos para reflexões que desmontam estruturas, provocando rupturas.

O surrealismo, ao invés de interpretar as culturas, estuda ao mesmo tempo em que é parte da invenção da irrupção de totalidades significativas (CLIFFORD, 2014, p. 155), possibilitando interpretar uma alquimia de imagens sobre os momentos de vivências de uma experiência na biblioteca. Consideramos a perspectiva alegórica da etnografia como uma forma de interpretação sobre aquilo que foi visto, uma inscrição que já não é mais a experiência. Essa abordagem pós-moderna da etnografia no desenvolvimento desta pesquisa, a partir da qual nos propomos exercitar a vivência de uma experiência de práticas culturais na biblioteca, ofereceu-nos as condições para ficcionar as imagens repletas de significados que se expressaram em práticas de uso e comportamento do espaço.

Os estudos etnográficos pós-modernos apontam que, depois da modernidade, as palavras são interpretações, não mais as coisas. A escrita alegórica nesse sentido é uma inscrição que não é mais a experiência, mas, sim, a história sobre aquilo que foi visto, uma representação que interpreta a si mesma, conceito relevante para o entendimento dos fenômenos no momento em que eles acontecem, possibilitando, assim, a escrita de uma narrativa sobre eles.

Em um trabalho de campo cujo caminho investigativo se inspira em uma etnografia, assumi nesta pesquisa a perspectiva teórico-metodológica pós-moderna da etnografia, tendo como base a noção de alegoria etnográfica devida às aberturas de janelas para múltiplas

interpretações dos fenômenos no momento em que eles aconteciam. Com Clifford (2014, p. 61), aprendemos que não existe uma só explicação para as coisas, pois o alegórico surge de fragmentos que se apresentam do ponto de vista da contingência, imagens que aparecem pontualmente no momento sem um aviso e sem uma essência.

Os descaminhos por onde me fiz na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco foram construídos através de vários olhares para cada espaço dentro dela, considerando sujeitos, artefatos culturais e expressões de campos de significação. Perdendo-me nas curvas da biblioteca para conhecer lugares. Adentrando os sons para ir adiante. Cheirando muros para orientar-me. Desenhando os sons para acertar. Caminhando e parando como uma prática estética (CARERI, 2013; 2017), em atitudes surrealistas da etnografia numa circunscrição estética para valorizar justaposições e provocar manifestações de realidades extraordinárias (CLIFFORD, 2014, p. 122).

A atitude etnográfica surrealista investe na busca por sujeitos, ações ou objetos. Espera-se o acionamento de aproximações do outro por meios inimagináveis através de atitudes criativas que possam estabelecer conexões entre realidades e desejos, espaços e possibilidades. São meios de acesso ao outro por meio dos sonhos e fetiches (CLIFFORD, 2014, p. 124). Assim, configura-se como um comportamento que desperta seu olhar para outras ordens de configuração de espaços, sujeitos e valores, sem esquecer diferentes possibilidades descritivas que permitem considerar atos sensíveis de escrita em articulação ao conjunto estético imposto.

Na perspectiva de uma atitude surrealista na etnografia, há um interesse em mundos exóticos, não para compreender o não familiar, mas, sim, para estranhar aquilo que é familiar (CLIFFORD, 2014, p. 25). Construir narrativas que permitam repensar por outros elementos naturalizados faz parte da tarefa do surrealismo etnográfico, que, ao se apropriar dos meios culturais localizados à margem, contribui para pensar diferente sobre aquilo que já estamos acostumados a ver como está estabelecido. Essa perspectiva etnográfica se faz presente nos olhares construídos nesta pesquisa com estranhamentos nos espaços da biblioteca.

Os diferentes olhares nas pesquisas sobre educação fundamentam as metodologias em pesquisas do âmbito dos Estudos Culturais em Educação ao buscar significações em diferentes espaços através da abordagem em campo pelos caminhos de uma etnografia para estabelecer análises culturais. A vida cotidiana ganha atenção devido aos sentidos construídos pelos sujeitos nas próprias práticas culturais, consequência da virada epistemológica que passou a influenciar os nossos olhares de pesquisadoras e pesquisadores diante do campo, sobretudo em trabalhos sobre educação por este caminho teórico (COSTA, 2007).

É de interesse dos Estudos Culturais o abandono da distinção entre alta e baixa cultura, configurando-se como uma área onde é possível pensar o termo culturas para expressar a pluralidade de campos de significação. A etnografia, uma das formas de fazer pesquisa dentro dessa perspectiva teórico-metodológica, permite aproximações com diferentes esferas do cotidiano. O que fiz nesta pesquisa está de acordo com os fundamentos dessa perspectiva metodológica que me possibilitaram atitudes irônicas de observação participante (CLIFFORD, 2014, p.135), entre diferentes relações de poder estabelecidas no espaço e nos seus jogos de significação.

Diferentes possibilidades de caminhos de investigação com chances de abertura para novos espaços de produção de significados (COSTA, 2007). É com esta autora que escolhi me aventurar no processo de conceber o problema de pesquisa, traçando caminhos outros em torno da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. Para a autora, estamos inclinados/as a reconhecer a não existência da verdade, pois ela é sonho, pura ficção (COSTA, 2007, p. 15). Negar a existência do absolutismo da verdade na pesquisa torna possível uma abertura ao campo que possibilita a construção de uma narrativa sobre as experiências que se processaram nele, pesquisar como um ato de se envolver em uma nova política de verdades que coloca em funcionamento outras formas de pensar, significar, produzir sentidos (CORAZZA, 2007, p.109).

Pelo viés dos Estudos Culturais no campo da Educação, âmbito teórico-metodológico eleito nesta pesquisa, olhei o espaço da Biblioteca Estadual como um universo de possibilidades carregadas de significação sobre os modos de existir nela, consciente da minha responsabilidade em construir as coisas das quais falo (VEIGA-NETO, 2007b), através de atos de criação investigativa literária e artística (CORAZZA, 2007).

Esta dissertação emerge do meu exercício de busca por uma nova arte de viver na biblioteca como resultado das minhas aventuras pelos caminhos em que me fiz artizando (CORAZZA, 2007), em mergulhos por mares desconhecidos, perdendo-me entre as árvores de uma grande floresta onde residem as diferenças, em tentativas de construir outras paisagens quando ousei dobrar curvas delimitadas para desenhar outros modos de existir naquele fantástico mundo feito de livros, exposições, oficinas e audiovisuais, entre tantos outros elementos por onde a cultura se faz operar.

A compreensão dos modos pelos quais a cultura se faz operar, a perspectiva do meu olhar nesta pesquisa, deu-se através de uma análise cultural na paisagem dos Estudos Culturais em Educação, viés metodológico de uma multiplicidade de formas para escrever sobre modos

de existência por onde a cultura é operada utilizando-se de diferentes campos do conhecimento para viabilizar as outras esferas culturais tradicionalmente deixadas de fora (WORTMANN, 2007, p. 73).

Encontrei, no horizonte dessa perspectiva analítica, possibilidades para analisar os modos como as expressões culturais se davam dentro da biblioteca. O que fundamenta análises culturais em educação é oferecer condições para compressão de questões em torno das identidades, cultura popular e seus públicos, instituições culturais, discurso e textualidade histórica, dentre outros temas que atuam produzindo significados que operam na formação de subjetividades e configurações sociais (WORTMANN, 2007). Uma possibilidade para viabilizar a diversidade de vozes que emergem em campo e, assim, possibilitar escrever sobre as novas formas culturais e potencializar a pluralidade de vozes na busca por novas formas de escrever sobre culturas (WORTMANN, 2007, p. 83).

A escrita que emerge para viabilizar modos de existir no espaço da biblioteca se deu pelas possibilidades de uma análise cultural que me permitiu passear por diferentes tipos e linguagens textuais (WORTMANN, 2007), analisando elementos e circunstâncias culturais numa garimpagem dos significados nessa multiplicidade de textos. Assim, a exploração desenvolvida nesta pesquisa teve como propósito contribuir com olhares outros para outras formas de conhecimento que podem emergir dessas diferentes caminhadas por sendeiros, lugares, buracos, linhas, pontos, territórios, entre outras diferentes possibilidades que esse modo de investigação possa oferecer.

Os modos de investigação pelo viés das análises culturais no campo da educação, em articulação com o pensamento de Foucault, contribuem para que as nossas pesquisas possibilitem enxergar textos e discursos como construtivos de comunidades e subjetividades (WORTMANN, 2007, p.82). Essa aproximação entre diferentes perspectivas teóricas abre para pensarmos outras formas de perceber, descrever e analisar para dar sentido ao mundo com o pensamento foucaultiano, pois há uma preocupação quanto aos enunciados que se instauram na educação (VEIGA-NETO, 2000).

O enunciado é um saber que está em rede com outros, é da esfera dos signos, tendo função existencial que se expressa de forma vertical cruzando domínios de estruturas e unidades possíveis para dar visibilidades concretas no tempo e espaço (FOUCAULT, 2008). Essa parte fundamental do discurso é que o faz estar em coexistência com outros discursos em campo associado, cuja materialidade pode ser repetida pelos sujeitos no discurso. Assim, essa particularidade de repetição pela função enunciativa diz respeito a uma função móvel a ser

ocupada pelo uso que os sujeitos fazem de tais enunciados, sendo caráter existencial à medida que se expressa em atos de linguagem.

Na perspectiva teórica desse autor, a função enunciativa é a identidade do enunciado, pois é através dela que ele pode funcionar (FOUCAULT, 2008), referindo-se a um ato de linguagem que coloca o enunciado em seu uso pelas regras de utilização. Isto posto, estudar a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco em sua função enunciativa é olhar para os sentidos produzidos em um campo de coexistência com outros enunciados, observando como esse espaço produz nas pessoas efeitos de sentido. Trata-se de um estudo no presente com olhos nas coisas ditas no passado que se repetem para significar.

Essa materialidade de repetição do enunciado em sua linearidade é o que nos mostra seu aparecimento em diferentes momentos históricos gerando um poder de verdade, expresso nas linguagens. Seguindo a sugestão de Veiga-Neto (2000), escolhi analisar os enunciados nos documentos oficiais da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. Recorremos a Foucault para tratá-los como monumentos, ou seja, diferentemente da história em sua forma tradicional que transformava os monumentos em documentos, vamos considerar que é

a história o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido, uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjunto. (FOUCAULT, 2008, p. 8).

As leituras de enunciados nos documentos e de registros escritos no espaço da biblioteca, a exemplo de avisos e orientações, foram feitas tendo em vista o que aprendi com Foucault sobre discurso: enunciados, *status* de quem fala, modos de enunciação e coexistência discursiva. Assim, na perspectiva desse filósofo, todo discurso é um texto, e analisar o discurso é olhar esse texto-documento como fonte de indícios para viabilizar suas condições de possibilidade (FOUCAULT, 2008; 2014a).

Na perspectiva teórica apresentada pelo referido autor, na análise do discurso, o texto é qualquer materialidade discursiva localizada em um momento histórico, inscrito por alguém presente na ordem do discurso (FOUCAULT, 2014a, p. 25), olhando os embates político-econômicos que marcaram a produção desse texto. Todo discurso é marcado pelo que já foi dito e o que vai se dizer ali, as memórias externa e interna, pois no discurso há sempre algo que se mantém.

O discurso em Foucault é aquilo que produz algo novo com elementos do velho. Como resultado de uma relação de poder que opera pelo saber, sua positividade está na produção das coisas, ao criar uma materialidade como vontade de verdade, uma linguagem inserida em um contexto. Assim, para esse autor, há uma preocupação com as condições de produção do discurso, as condições históricas (FOUCAULT, 2008; 2014a).

A análise do discurso foucaultiana ajudou-me a compreender que as coisas ditas hoje têm relação com outros discursos ditos em algum tempo histórico, uma memória que se apaga e volta depois para significar. O enunciado, uma unidade do discurso, forma-se em um certo espaço-tempo histórico, fortemente ligado ao que pode ou não ser dito (FOUCAULT, 2008). Fischer (2001, p. 203) refere-se àquilo que dá matriz de sentido ao discurso, uma formação que pode ser vista como princípio de dispersão e de repartição.

Os corpos evidenciam ideologias, são a expressão de subjetividades. O sujeito da biblioteca é aquele que tem um significado social dela. Assim, a relação da análise do discurso com o processo de subjetivação está no fato de que esse processo se dá dentro de uma rede discursiva que a todo momento está dizendo como podemos ser.

As cenas descritas nesta pesquisa são fragmentos de histórias contingenciais ocorridas no território da Biblioteca Estadual. Todas elas irromperam de forma inesperada nos momentos em campo. Entretanto, é válido salientar que essas imagens nada mais são do que ficções de ficções, não a experiência em si, mas, sim, uma representação da representação. Com isso, não apresentamos neste trabalho histórias que se acredita ser as verdadeiras, mas narrativas sobre o cotidiano da biblioteca que não puderam ser controladas, que escaparam aos olhos no decorrer da pesquisa em campo.

3 ESTANTE

Figura 3 – Fotos justapostas da Biblioteca Pública de Pernambuco e Arquivo Público



Fonte: Montagem do autor a partir de fotografias das bibliotecas.

3.1 JARDINS, VESTÍBULO E SALAS DE LEITURA

No momento em que o ônibus atravessou o cruzamento entre as Avenidas Cruz Cabugá e Mário Melo, levantei-me do assento para descer. Enquanto ajustava a minha mochila nas costas, a imagem da fachada da Escola de Referência em Ensino Médio (Erem) Sizenando Silveira passou pelas janelas do lado esquerdo do veículo. Havia escolares espalhados pelo pátio da escola e várias pessoas paradas no ponto de ônibus. Aproveitei a breve pausa no semáforo para me deslocar até a direção da saída. Poucos segundos depois, o veículo entrou novamente em movimento em direção ao Parque Treze de Maio. A Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco apareceu tênue ao longe na vidraça das janelas no momento em que o ônibus cruzou a Avenida Visconde de Suassuna, quase camuflada entre os verdes do Parque por trás do memorial em homenagem aos heróis pernambucanos mortos na Segunda Guerra Mundial. Desci do coletivo consciente dos passos que precisaria dar até o encontro dela, a Biblioteca Estadual, a poucos metros de onde eu estava, reluzente em justaposição ao Parque Treze de Maio e cercada pelas escolas.

Segui pela calçada da Rua João Lira em direção à Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco ouvindo o burburinho dos estudantes da Sizenando Silveira, desviando das pessoas à espera dos coletivos nos pontos de ônibus. Percebi do outro lado da rua alguns ônibus das prefeituras das cidades do interior estacionados à sombra das árvores do Treze de Maio. Já no meu lado da calçada, apareceu o muro que separa o Erem Sizenando da Biblioteca. Estava a poucos metros da Biblioteca, que se mostrou diante dos meus olhos luminosa e acolhedora. Visto de fora, o prédio está entre diferentes tons do verde no seu jardim, perfeitamente radiantes em um dia ensolarado.

Ao aproximar-me, vi a Biblioteca irradiando um brilho que ilumina todas as flores do seu jardim. Desconheço perfume mais gostoso do que o delas, o perfume de jasmim da Biblioteca de Pernambuco. Vejo esse jardim ao modo de Foucault (2015b) como um espaço de justaposição, provavelmente a mais antiga heterotopia. Nas suas palavras “o jardim é a menor parcela do mundo e é também a totalidade do mundo. O jardim é, desde a mais longínqua Antiguidade, uma espécie de heterotopia feliz e universalizante” (FOUCAULT, 2015b, p. 435).

A entrada na Biblioteca Estadual se dá pelo jardim. Assim que cruzei o portão, notei os carros no estacionamento à direita e no lado esquerdo as flores e a rampa de acesso ao primeiro andar. À minha frente, os setores de empréstimo, circulante e infantojuvenil, e dois bancos de praça quase sempre vazios à espera de alguém disposto. Costumo sentar-me em um deles para

mergulhar por horas entre as páginas de um livro. Em momentos como esses, testemunho os movimentos que ocorrem nesse lado da Biblioteca, enquanto leio alguma obra. São esses bancos de pedra que me confortam agora que venho descobrindo o gosto pela leitura ao ar livre. Uma vez, ao pousar minhas costas no encosto de um deles, machuquei uma folha da jiboia que o serpenteava. Como se não bastasse laçar as árvores atrás dos bancos, as jiboias também deslizam pelo encosto de concreto. Quando estou nesse banco no jardim da Biblioteca, minhas leituras seguem a passos lentos, cheias de deslocamentos que faço em meio à voz das pessoas e à sinfonia da mistura do som dos veículos, o burburinho dos escolares e o canto dos pássaros.

Outro elemento marcante nesse viridário são os pés de jasmim, que, espalhados na arte frontal do jardim, contribuem para que o espaço fique ainda mais belo. Quando estão carregados de flores, exalam seu perfume gostoso para todos. Sou recepcionado por esse delicioso aroma que me dá as boas-vindas e me desinfecta de qualquer estresse que tenha trazido comigo, como um agradável purificante que me prepara bem para algumas horas de estudo, fazendo-me sentir estar no próprio jardim do éden, uma espécie de éden jardim literário. As flores brancas estavam espalhadas entre o verde das folhas dessa planta, algumas já caídas no gramado. Olhando esse chão, que mais parece um tapete com flores de jasmim, sinto vontade de passar um momento à sombra que se forma debaixo, de passar horas olhando para cima para ver o céu aparecer entre os galhos floridos que mais parecem uma cortina de crochê, responsáveis pelo perfume que se espalha no jardim.

Caminhei na parte frontal da Biblioteca deslizando pela sombra das árvores desse jardim. Uma explosão de tons verdes diante dos meus olhos acompanhados do destaque colorido das flores. Neste momento pensei que o mesmo sol que ilumina a vegetação pode ser pensado como uma figura simbólica para proporcionar as condições para que, debaixo dessas árvores, haja iluminação das páginas dos livros. No meio desse local, há a belíssima Mandala de Francisco Brennand de 1971. O monumento está rodeado de flores em meio a uma sombra gostosa que se forma, e os jasmims atrás, assim como as outras plantas justapostas se entrecruzando com vegetação do outro lado da rua no Treze de Maio, como se ambos fossem um só espaço, uma biblioteca-jardim-parque.

Costumo ver os escolares em grupo com suas fardas espalhados por todo esse jardim. Às vezes, uns estão profundamente mergulhados em uma leitura, outros agrupados em uma roda de diálogo, e outros em momentos românticos desfrutando um da presença do outro. Há os que vêm para tirar um cochilo, provavelmente entre os intervalos das aulas, pois, ao lado da Biblioteca, a Sizenando é uma escola de tempo integral.

No térreo, o jardim da Biblioteca dá a volta por toda a estrutura sem obstáculos, como se tivesse mesmo sido pensado para recepcionar os que chegam. Aqueles bancos de ardósia, na frente dos setores circulante e infantojuvenil, à espera de alguém que saia de um desses setores com um livro da mão para ocupá-los, são um convite para momentos de puro deleite literário com toda aquela tranquilidade que só o jardim da Biblioteca tem a oferecer. Nesse mesmo chão da Biblioteca, ficam os setores de iconografia, pernambucana e de restauro, todos de acesso restrito por conter materiais delicados já desgastados pelo tempo.

Parei minhas voltas pelo jardim da biblioteca para me dirigir ao setor circulante, o acervo da biblioteca com vários gêneros literários disponíveis para empréstimo. Ao entrar nesse setor, sempre sinto felicidade por saber que os livros podem ficar sob minha posse por até quatorze dias, o motivo que faz meus pés percorrem as ruas feitas de estantes que dão forma a esse espaço. Vi, na entrada desse setor, duas estantes com temas cujos livros se apresentam como sugestão para aprofundamento no debate. São propostas atualizadas periodicamente consoante as datas comemorativas e campanhas de conscientização social.

O empréstimo de todos os livros desse setor se dá mediante a realização do cadastro anual. As pessoas que mais buscam livros entram no gráfico semestral dos que mais leem, informação que fica disponível na parede. Começo a montar estratégias de leituras me perguntando se um dia o meu nome poderá fazer parte daquela lista, movido pelo sentimento de prazer. Feliz também por aprender mais sobre temas e debates que considero importantes para conhecer mais sobre nós mesmos e o mundo.

Após vagar na circulante, segui meu caminho em direção ao setor vizinho, a infantojuvenil, ávido por aventuras. Ao entrar nesse recinto, uma explosão de cores emergiu diante dos meus olhos como um bálsamo visual reconfortante. Desconheço choque visual mais prazeroso. Parecia que meu corpo, ao adentrar pela porta, havia escorregado por um arco-íris repleto de livros coloridos, fantoches sorridentes, nuvens aconchegantes e jogos interessantes desse setor, o mais encantador de todos da Biblioteca, o que me fez sentir a própria Alice em queda no buraco na obra de Carroll (2009).

Encostar nos pufes da infantojuvenil é como tocar uma nuvem de algodão-doce de uma Biblioteca feita toda de doces e guloseimas, imaginada por Pinóquio na obra de Collodi (2014). No tatame me sinto como se estivesse ao lado de Tintim e Milu dentro de um barco navegando em mais uma grande aventura desenhada nos quadrinhos de Hergé. Voltamos a ser crianças e adolescentes quando estamos de um lado para o outro, indo e vindo, no balanço das horas, enquanto somos empurrados por tantos e tantos livros cheios de cores, sons e sabores,

desbravando oceanos, aventurando-nos por reinos e lugares mágicos, lançando-nos em diferentes aventuras, conhecendo criaturas estranhas, inventando novos espaços ou quem sabe estabelecendo estratégias em um jogo.

Deixei o setor infantojuvenil para me dirigir até a vitrine do setor pernambucana. Não há cores nem brilho. Tudo se apaga nesse setor escuro, que só pode ser visto do lado de fora por nós, os usuários, pois o material ali presente é delicado e repousa num sono das profundezas do tempo e blocos grandes de um material que mais lembra caixões posicionados na horizontal em diversas prateleiras. Senti-me como se estivesse parado em um penhasco apenas observando um mar silenciosamente escuro.

Dessa vitrine é possível ver esse setor cujos materiais guardados contêm o cotidiano de um tempo que já se foi. Lá dentro, uma vasta quantidade de jornais, revistas e outras publicações oficiais, todos impressos produzidos pelos principais jornais de grande circulação em Pernambuco. Do lado de fora, tento imaginar o silêncio dessa sala pouco iluminada com o cheiro de livros antigos invadindo as narinas, assim deve ser um passeio por aqueles quarteirões do passado materializados naquelas caixas grandes. De repente, fui tomado pela mesma angústia infantil. Foi quando deixei aquela vitrine, rememorando um pouco os medos da infância sempre que via algo próximo aos ritos mortuários. Entretanto, a inquietação desapareceu assim eu me dei conta de que ainda estava presente no jardim da Biblioteca com todo o arranjo de beleza viva que me é possível apreciar.

Depois das voltas pelos espaços no térreo da Biblioteca Estadual, optei por subir a rampa de acesso ao primeiro piso. Antes de entrar no vestíbulo, parei para observar o jardim da varanda de lajotas que circula todo prédio. Alguns minutos parado no parapeito e eu pude constatar que o jardim visto de cima é ainda mais bonito. Uma beleza que me inspirou a imaginar que eu poderia ser um pintor diante de um quadro em branco com uma aquarela em uma mão e um pincel na outra, prestes a dar vida a uma tela. Minha consciência estava feito um papel em branco, ávida por cores, sons e cheiros. Então, antes de acessar o vestíbulo, escolhi artistar por esse anel de lajotas.

Foram os afetos que sinto pela biblioteca que me fizeram encontrar as cores perfeitas na aquarela para colorir a tela em branco movido pelo desejo de compor um novo quadro. Parado de frente para o Treze de Maio, de costas para a entrada do vestíbulo, decidi pelo caminho à minha direita, no sentido à Sizenando Silveira, como se estivesse mesmo seguindo o fluxo que os carros fazem em direção à Avenida Ariano Suassuna. O objetivo deste trabalho é colorir o

que pode ser visto como uma vestimenta para cobrir ao meu modo o corpo de concreto da Biblioteca.

Comecei pela parte da frente da tela onde jogo as cores no Parque Treze de Maio, bem ensolarado e radiante, olhando de volta para a Biblioteca Estadual. Optei por colocar também as flores no jardim, sem esquecer de caprichar na quantidade de jasmims, e entre elas um telefone público. Para além das grades, a Rua João Lira com alguns carros estacionados sob a guarda dos flanelinhas. Há um homem em situação de rua bem na entrada da Biblioteca, em posição de guardião do espaço. Permiti-me adicionar ao mesmo tempo o barulho dos automóveis e o som dos pássaros, sem esquecer o cheiro gostoso de jasmim.

Na lateral direita dessa tela, baixo um pouco o ruído dos automóveis e o canto dos pássaros para acionar com um pouco mais a frequência o burburinho dos escolares dentro das escolas que estão lado a lado ou de costas para a Biblioteca. Docentes, alunos e gestores circulando de um lado a outro pelos corredores, responsáveis pelo som que ocorre na região lateral do quadro, juntamente à orquestra dos pássaros, rainhas e reis soberanos dessa sinfonia. Foi quando me dei conta de que atrás do quadro é possível exagerar na cor verde. O verde das plantas e dos pés de manga carregados da fruta responsável pelo aroma nesse lado da tela.

Completei a vestimenta com todas essas cores, sons e imagens ao retornar à entrada do vestíbulo pelo lado direito. As cores vistas por mim todas já misturadas na tela, foram diferentes tons de tinta usados pelos meus olhos de pincel, porque, quando estamos diante de um jardim tão bonito, é gostoso contemplá-lo brincando ser artista. Entrei no vestíbulo ainda embevecido por aquelas imagens vistas, cheias de cores, cheiros e sons.

Após vagar pelos caminhos do jardim em busca de povoar todo o espaço, entrei no vestíbulo do primeiro piso da Biblioteca, um espaço amplo que conecta outros setores e o segundo andar, além de servir também para exposições e eventos. É nesse saguão que há alguns objetos antigos que remetem a temporalidades passadas que não cansam de dizer quem nós somos. No chão caímos nas graças da Revolução de 1817 através de um tapete comemorativo, em uma das paredes um quadro com a pintura da parte frontal da biblioteca. Precisei conter a vontade de abrir uma das gavetinhas de um móvel antigo utilizado anteriormente como suporte para guardar o catálogo dos livros que fica ao lado do piano, artefato que já pude presenciar sendo utilizado por um grupo de músicos.

Na entrada do vestíbulo, deixamos as nossas mochilas, pois só é permitido entrar com o material de estudo. Lembrei de já ter visto nessa entrada algumas mesas com o aviso “Pegue e leve”, referente a livros disponíveis aos frequentadores. As exposições que já pude presenciar

nesse espaço são sempre consoantes às datas comemorativas ou a campanhas de conscientização social, tal qual as estantes na circulante. Próximo ao setor braile, estão os banheiros e o bebedouro que são utilizados não apenas pelos que entram para estudar ou pesquisar, já que servem também de suporte aos sujeitos que estão em situação de rua e frequentam a Biblioteca.

Permaneci por um tempo no meio do vestíbulo observando pessoas que iam e vinham de um lado para o outro. As vidraças ao fundo refletindo a imagem em tempo real do jardim. Tentei nesse momento não olhar o tempo na tentativa intencional de perdê-lo, enquanto meus olhos perseguiam os frequentadores e os funcionários da Biblioteca que atravessavam a minha vista. Passou alguém, depois outro, e mais outro, aquele que voltou, e eu parado. Notei que é esse saguão o local por onde as pessoas mais circulam, uns para os setores desse andar, outros subindo as escadas para acessar o segundo piso, onde há os setores administrativos, a sala dos direitos autorais e a praça da informação.

Passou um grupo de escolares em direção ao banheiro. Pouco tempo depois, voltaram vestidos com outras roupas e suas fardas estavam ou penduradas na cintura ou provavelmente nas bolsas. Vi também pessoas em situação de rua entrar e sair de dentro daquele mesmo banheiro, ou aproveitar para se hidratar com a água do bebedouro. Outros, além disso, seguem na direção da escada para subir até a praça da informação e a sala dos computadores.

Decidi subir mais um andar antes de entrar no setor de referência. Lá de cima, parei no parapeito de concreto para observar todo o vestíbulo do alto na frente da entrada do setor administrativo. Feito isso, caminhei até a sala dos computadores, passando pela sala dos direitos autorais.

Espaço de descanso e entretenimento. Em uma praça, passam as mulheres, os homens, as crianças, os idosos e os jovens. Por uma praça, a massa de pessoas passa. Em tantas, brincam as crianças, adultos em atividades físicas, idosos com jornais, ou tantos outros não fazem nada. Na praça da informação, os computadores estão dispostos ao público como meios de transporte em condições de deslocá-los para outros territórios. Os corpos, mesmo sentados nas cadeiras, navegam por outros mares através do poder da internet, nem parecem que estavam lá.

Ao entrar na praça da informação, aproveitei para fazer uma viagem em uma das naves. Passeio pelas páginas da internet sem que o meu corpo deixasse aquele banco na praça. Assim, sentado na minha nave, tentei imaginar qual destino as pessoas à minha volta teriam escolhido. Não fazia ideia de quem fossem, sempre concentrados/as nos seus tráfegos pelo poderoso mundo da internet. Por curiosidade, ainda tentei ver as telas dos meus vizinhos, e nelas as

informações passavam. Passaram um *show* musical, um curso a distância, notícias, entretenimento. E, quando menos se esperava, até o tempo passa, o momento em que bate as duas horas, tempo máximo de permanência na praça.

Depois de passar um tempo na praça da informação, desci os lances da escada de concreto observando as vidraças do vestíbulo que trazem uma visão panorâmica do jardim da Biblioteca e do Treze de Maio. Meu objetivo era mesmo traçar uma rota em direção ao setor de referência para me orientar.

O setor de referência é composto por muitas mesas para estudo individual e coletivo, e contém um acervo com uma diversidade de temas para fortalecer pesquisas. Enciclopédias, exemplares do *Guinness World Records*, *Vade Mecum*, diferentes tipos de dicionários, jornais e revistas estão entre os exemplos de materiais que podem ser usados para consulta nesse setor. Gosto dessas estantes cujos materiais eu nomeio de curiosidades sobre o mundo como se todas as respostas para as mais diferentes perguntas pudessem estar dentro das enciclopédias, ou as mais diversas informações curiosas nos diferentes materiais, ou até mesmo os códigos da língua portuguesa nos mais diferentes tipos de dicionários como os de palavras, dos termos e expressões, entre outros, além de diversas revistas de variedades e jornais.

Percebi que nessa seção as diferentes presenças estão reunidas mais do que em qualquer outro espaço da Biblioteca. Durante o dia, aparecem os alunos das escolas que fazem vizinhança com a Biblioteca, sei disso porque vestem as fardas escolares e estão sempre estudando individualmente ou em grupo. Já no período da noite, a paisagem se modifica e parte das fardas some, momento em que aumenta a quantidade de jovens e adultos, em sua maioria com os seus *laptops*, *Vade Mecum* ou jornais, o que me faz acreditar que estão se preparando para algum concurso ou passando um tempo. É possível ver o jardim da Biblioteca e uma parte do Parque Treze de Maio através das vidraças dessa sala.

Todos esses caminhos pelas curvas da Biblioteca Estadual me fazem afirmar que o espaço se constitui de diferentes pequenas bibliotecas, esfera concreta delimitada por muros. E se pensarmos que dentro deste espaço os frequentadores passam por diferentes processos de transformação que ocorrem pelo conhecimento, podemos vê-la como um grande casulo-biblioteca onde nós, as quase borboletas, estamos em constante mutação, prestes a abrir as asas para levantar voos inimagináveis.

Dentro deste casulo-biblioteca há diferentes expressões culturais para que nós, borboletas em formação, possamos concluir nossas metamorfoses literárias. Um lugar cuidadosamente organizado para atender ao público com potência para auxiliar processos de

formação cultural, espaço intencional como campo de possibilidades (RAFFESTIN, 1993). São as possibilidades dentro dessa arquitetura que nutrem as asas das futuras borboletas em uma metamorfose que não se processa do mesmo modo em todos os sujeitos. Cada futura borboleta escolhe como desfrutará desse processo. Em cada livro, as possibilidades para nadar entre letras, palavras e parágrafos nesse canto cheio de estantes que compõem ruas feitas de casas de livros, como se todo o conteúdo já se constituísse como um universo à parte nesse casulo, pois a literatura não preexiste ao espaço da biblioteca e jamais pode evitar sua morada (PRADO, 2018, p. 193).

Na saída do setor de referência, notei a presença das câmeras de vigilância, momento em que me dei conta de que elas estavam fixadas nas paredes dos outros setores também o tempo todo. Silenciosas, estão sempre de olho nos nossos movimentos. Foi nesse instante que também estranhei todas as vidraças que vestem os dois pisos da Biblioteca, pois aqui dentro é possível ver quem está no jardim sem ser visto, uma vigilância hierárquica (FOUCAULT, 2014c) que se impõe por todos os pontos.

Após o percurso pelas curvas do casulo, dei-me conta de que somos vigiados em qualquer lado da Biblioteca, até mesmo quando subimos o parapeito do museu e aumenta o nosso poder de visão ampla de todo vestíbulo. Momento em que ficou claro para mim a presença de um dispositivo panóptico que faz funcionar relações de poder numa função (DELEUZE, 2005, p. 46).

Uma arquitetura panóptica faz parte do dispositivo que reforça esquemas de vigilância como máquinas de fazer experiências que modificam o comportamento dos indivíduos (FOUCAULT, 2014c, p. 197). Compondo-se como um edifício onde a arte de ver sem ser visto se expressa em diferentes aspectos desde a organização espacial até as câmeras de vigilância, pode-se dizer que essa arquitetura incide nos corpos dos sujeitos. O poder perpassa a edificação da Biblioteca nos modos pelos quais organiza o espaço, orientando, distribuindo ou movimentando os olhares dos sujeitos e, assim, delineando visibilidades. Fórmula abstrata de configuração que impõe um único modelo qualquer de conduta ao maior número de pessoas (DELEUZE, 2005, p. 43).

Feitas essas incursões em campo, passei a refletir sobre as relações de poder que atravessam a arquitetura da biblioteca em diferentes discursos intencionalmente estabelecidos para operar conforme o desejo daqueles que detêm o controle do poder. A noção de espaço em Foucault pode ser vista como um acontecimento, como conceito e práticas e relações (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 106). De certo modo, as relações de poder, entre outras

coisas, edificam estruturas concretas. Assim, as diferentes práticas discursivas também fazem parte da composição dos espaços, incidindo nas subjetividades.

Deixei a sala de referência para voltar ao jardim. Os estudantes continuavam espalhados entre as sombras. São presenças na Biblioteca que me fazem considerar que há uma imbricação entre o território das escolas e o da Biblioteca Estadual nesses recreios feitos pelos alunos nos jardins, ou quando escolhem estar aqui para passar um momento exercendo a territorialidade (RAFFESTIN, 1993, p. 158), nas suas capacidades para marcar limites.

Nas intenções compartilhadas pelos membros de um mesmo grupo se dá o senso de identidade espacial (RAFFESTIN, 1993), tal qual exercem os jovens que derivam no recreio do jardim como sujeitos que ocupam essa Biblioteca como parte da territorialidade das suas escolas. Os que fazem o inverso, seguir até a Biblioteca para estudar entre os turnos da escola, também exercem esse senso territorial, como se a sua escola lá do outro lado do muro da Biblioteca fosse parte da territorialidade desta, pois os limites territoriais são vividos e consumidos (RAFFESTIN, 1993, p. 160).

É provável dizer que os sujeitos na Biblioteca, sobretudo alunas e alunos das escolas, exercem sua territorialidade criando outros espaços, inventando outros limites, marcando as próprias presenças. A própria passagem dos escolares pode ser vista como uma heterotopia crônica dentro do jardim, espaços de passagem, como o barco, pedaço de espaço flutuante, um lugar sem lugar (FOUCAULT, 2013).

Encaixada e desencaixada das escolas à sua volta, dentro e fora da sociedade, a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco se apresenta como um importante espaço para a formação cultural dos sujeitos da sociedade e dos escolares, abrindo possibilidades para ensaiar outras formas de si em espaços outros que os levam a sonhar e nutrir desejos de transformação da própria realidade pelos estudos.

Percebo na estrutura dessa Biblioteca os diferentes exemplos de heterotopias citados por Foucault (2013; 2015b). Jardins, museu, feira de livro pegue e leve, teatro de fantoches, concertos, festas comemorativas. Diferentes imagens que se encaixam na noção de heterotopia dentro de uma heterocronia de tempos que não cessam. Ainda é provável dizer que na Biblioteca o tempo não para de escoar devido aos usos que os sujeitos fazem desse espaço, movimentos que vão repercutindo em suas identidades.

Vivemos em um tempo em que a justaposição espacial se impõe em nossas vidas, sobretudo nas edificações que emergem constantemente. Na arquitetura contemporânea, estamos em evidência, pois nunca estivemos tão vigiados através de diferentes esquemas de

vigilância. Uma visibilidade-armadilha (FOUCAULT, 2014c, p. 194). Esse é o esquema que compõe o espaço-escola, uma construção cultural e histórica (FRAGO; ESCOLANO, 1998, p. 46).

Pode-se dizer que o espaço da Biblioteca é estruturado por diferentes normas e esquemas de vigilância. São as regras dentro dessa esfera, vista como um casulo, que organizam as metamorfoses das diferentes borboletas que estão sempre por vir. Sem elas, o espaço poderia ser apenas um depósito de livros. Em momentos de troca de experiência, mais do que apenas ler ou estudar, os sujeitos estão ressignificando valores culturais. É constituindo-se como um poderoso casulo coletivo que podemos pensar a importância da biblioteca, espaço dedicado a potencializar desejos, para preservar a memória social.

3.2 CLASSIFICAR, ORDENAR E ATRIBUIR: A DISCIPLINA NA BIBLIOTECA

Quando me aproximei pela primeira vez do prédio do Arquivo Público do Estado de Pernambuco João Emerenciano, não fazia ideia do tamanho do acervo raro que estava guardado e preservado nas suas belíssimas estantes de uma madeira escura quase no mesmo tom que forra o chão do espaço. De modo geral, o prédio é todo uma caixa de madeira antiga decorada com imagens e artefatos antigos e móveis rústicos. Precisamos deixar as nossas informações pessoais na recepção onde também ficam nossas bolsas e mochilas. Após a autorização, a grade que se abre funciona como um portão que nos desloca para o passado. A viagem por territórios remotos está garantida.

Nossas mãos são cobertas com luvas cirúrgicas, luvas que, em sua maioria de cor branca, são utilizadas por profissionais que recebem em suas mãos materiais e objetos delicados, seja pelo grau de debilitação ou pela raridade. É com elas que toco pela primeira vez um documento de 1927 sobre a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. Tento imaginar a quantidade de fatos históricos ocorridos no mundo desde a criação do documento que tenho em mãos. Em todos eles, cada página delicada com aquelas letrinhas datilografadas já estava ali materializada. Quase cem anos de história em minhas mãos, em uma manhã de abril de 2019, perto de um século de pequeninas páginas amareladas se desfalecendo pelo tempo desse documento antigo com informações estruturantes do que foi a nossa Biblioteca Estadual, instituição social, naquele início do século XX.

É na modernidade que se dá a consolidação das instituições sociais cujas funções enunciativas repercutem na formação dos indivíduos. Aqui destaco a escola e sua pedagogia

escolar e a biblioteca com uma pedagogia cultural. Essas duas instituições se interpenetram pela função subjetivadora de sujeitos da educação. Em meados do século XIX, as bibliotecas se massificaram com uma certa padronização. O discurso sobre sua função no campo da cultura e da emergência de práticas discursivas interferiu na formação dessas instituições com profissionais formados em um campo disciplinar para o trabalho na biblioteca.

Como instituições públicas nos Estados Unidos e na Inglaterra, as bibliotecas assumiram funções específicas na intenção de atender toda a sociedade, como defende Almeida Júnior (2003). Para o autor, as bibliotecas públicas que emergiram nesses países respondiam a uma das demandas da população que crescia com o advento da industrialização, como a qualificação de novos trabalhadores (ALMEIDA JÚNIOR, 2003, p. 76). No entendimento que tenho, o trabalhador inserido na cultura aprende um modo de ser ele próprio um trabalhador.

Identifico e destaco no discurso historiográfico que no Brasil a emergência das bibliotecas como instituições amplas só vai acontecer no século XIX, coincidindo com a própria emergência de um discurso em defesa da escola pública. Contudo, na historiografia, tem-se registro de bibliotecas jesuítas, já com bibliotecas escolares nos conventos. Para além dos jesuítas, os franciscanos, beneditinos e carmelitas também organizaram bibliotecas com a função de formar o sujeito cristão. Essa experiência, interdita com a suspensão das atividades religiosas quando das Reformas Pombalinas sob a influência do pensamento iluminista, sofreu um forte declínio, superado décadas depois com as bibliotecas escolares dos colégios religiosos (SILVA, 2011).

Com sua emergência no século XIX, as bibliotecas públicas passam a ter uma função de formação do homem culto moderno. As bibliotecas públicas contemporâneas destacam-se pela democratização da informação, uma atuação que se dá mais pelos livros, segundo Almeida Júnior (2003, p. 22). No caso da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, a sua fundação se dá em meados do século XIX. Logo na sua fundação em 1852, foi nomeada como Biblioteca Pública Provençal e, mais tarde, passou a ser chamada de Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco após a Proclamação da República.

Sua primeira localização foi o prédio do Liceu Provincial, atual Ginásio Pernambucano. Em 1854, as instalações se deslocam para o Colégio das Artes na Rua do Hospício, onde hoje funciona o Hospital Geral do Recife (BIBLIOTECA PÚBLICA DE PERNAMBUCO, s.d.). Entre 1860 e 1930, passou a existir no Palacete da Câmara Municipal no território do Convento do Carmo na Praça da República. Posteriormente, em 1888, suas atividades passaram a funcionar no prédio do Arquivo Público Estadual, na Rua do Imperador, edificação que viria a

ser considerada patrimônio cultural, devido à complexidade de bens materiais e imateriais que compõem sua arquitetura e por conta do seu acervo, composto por um conjunto de elementos que preservam a memória de diferentes grupos da sociedade (BIBLIOTECA PÚBLICA DE PERNAMBUCO, s.d.). Vale ressaltar que a Biblioteca ocupou esses espaços com vistas a atender às demandas da elite intelectual da época.

Sempre localizada na região central do Recife, espaço-tempo concomitante ao aparecimento dos liceus e outras escolas localizadas no mesmo território, teve como função principal contribuir na formação cultural de uma elite que via na Biblioteca uma das possibilidades para se alcançar uma educação moderna por excelência, equivalente ao progresso europeu, tal como está referido no *Relatório Bibliotheca Pública de 1927* (CUNHA, 1927).

Esse relatório, de certo modo, pode ser lido como um modo de enunciação do verdadeiro da Biblioteca. Em seus enunciados, o relatório define como foi sendo moldada a função da Biblioteca como uma instituição educativa à medida em que diz sobre como não deve ser e projeta o seu sistema de diferenciação de outras instituições. Evidencia um conjunto de objetos de saber que constitui o que é a Biblioteca, indica o seu sistema de classificação, organização e atribuição de objetos, espaços e tempos, além dos modos de comportamento das pessoas – funcionários e visitantes – no interior da Biblioteca.

O relatório aqui analisado é visto como um documento ao modo como defende Foucault (2014a, p. 21), ou seja, no documento, há um discurso indefinidamente dito – permanece dito, estando ainda por ser dito quando consideramos o seu estatuto. Essa compreensão me faz considerar a importância dos registros históricos que, em sua materialidade repetível, indicam as regras que orientam uma prática social em determinado tempo e também as funções que foram sendo exercidas.

Elegi alguns aspectos a serem tratados porque eles ajudam a pensar sobre práticas de disciplinamento. Um deles é o registro do momento crucial para a atual Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco, quando da administração a partir de 1925. Nesse período, assume as características de uma biblioteca a partir da racionalidade técnico-científica moderna. Obedece aos critérios científicos de sua operação e, ao mesmo tempo, clama pela civilidade e cultura da população.

Os enunciados contemplam de início um diagnóstico sobre como se encontrou a biblioteca e, na sequência, mencionam o que foi reivindicado sobre como ela deveria ser e o que foi feito para tal fim. Dá-se uma ideia de como foi encontrada a Biblioteca no período: “a nossa impressão foi contristadora, tal a situação lastimável, sob todos os aspectos que a

encontramos” (CUNHA, 1927, p. 4). Acresce impressões sobre o estado lamentável, deplorável e de indignação, indicando as responsabilidades “pela falta de interesse dos Governos com tão útil instituição” (CUNHA, 1927, p. 4). Ressalta que era à altura a segunda em importância no país, sendo superada apenas pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Propõe-se um espaço adequado sem problemas de saneamento até uma nova instalação definitiva.

O discurso sobre o espaço da Biblioteca demarca a necessidade de um lugar com asseio e ordem. Nesse sentido, defende-se a necessidade de um novo edifício para a defesa do patrimônio, para o acesso a ricas coleções e também para se alcançar a perfeição dos serviços (CUNHA, 1927, p. 5). “Um espaço tecnica e estheticamente, capaz de abrigar com decencia e dignidade, uma Bibliotheca publica official de um grande Estado como Pernambuco” (CUNHA, 1927, p. 6). Propõe-se uma biblioteca com os seguintes serviços:

- I – Direcção- -Gabinete do Director.
- II. – Portaria. – Sala da portaria e vestiario.
- III. – Secretaria. – Estatística. Informações bibliographicas. Memoranda noticiosa. Intercambio Bibliographico. Sala da Secretaria.
- IV. – Salão de leitura de jornaes, revistas e periodicos. Catálogo analytico por fichas.
- V.- Salão geral de estudo. Catalogo por ordem alphabetica de autores e materia.
- VI. – Sala especial de estudo, com consulta livre de encyclopedias, dictionarios e catalogos.
- VII. – Sala reservada para senhoras, com jornaes, revistas e publicações especiaes.
- VIII. – Deposito de obras (Stake-system) Salão reservado.
- IX. – Deposito de jornaes, revistas, periodicos, (compreendendo Legislação e publicações officiaes), Salão reservado. Gabinete do conservador.
- X.- Gabinete para o archivistas – Secção de manuscritos – Estudos paleographicos – Fichas.
- XI. – Salão de conferencias – Livro de visitantes.
- XII. – Officina de encadernação. Hygiene do livro – Estufa – Salão com divisao para essas secções.
- XIII. – Officina de impressão – Secção de publicações. – Expedição. Salão com divisão para essas secções. (CUNHA, 1927, p. 6-7).

Sustentado em uma rede discursiva que envolve o discurso científico, o discurso higienista e o discurso da civilidade, procede-se à organização e disciplinarização no modo de funcionamento da Biblioteca. Há uma preocupação com os processos de encadernação, rigor com a escrita e superação de erros, controle de desvios de materiais antigos, recuperação de livros, não uso de madeira nos depósitos, proteção por meio de técnicas científicas de manuscritos e impressos que podem transmitir micróbios e doenças contagiosas, e estruturas para viabilizar publicações. Para além desses cuidados, destacam-se as medidas de controle

com o uso do *stake-system*, ou seja, depósitos de livros fora da vista dos leitores; e controle da entrada da Biblioteca – entrada única.

Nessa organização, cria-se não só o espaço, mas os sujeitos que trabalham em suas especialidades e os modos de usos que dão inteligibilidade às regras da Biblioteca. Seguindo o modelo da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, propõe-se a seguinte organização:

- a) – Distribuir o pessoal em duas classes: técnico de carreira, cuja primeira nomeação dar-se-ia por concurso de títulos, com o estágio de um ano de serviços na Bibliotheca até a nomeação definitiva; acesso por merecimento e antiguidade até o cargo de Director.
- b) – Pessoal administrativo: porteiro, continuo e servente, dando-se o acesso até porteiro. (CUNHA, 1927, p. 9).

Os funcionários foram obrigados a usar farda a partir do novo regimento.

O objetivo defendido era transformar a biblioteca em um centro ativo de cultura. Oferece-se como exemplo dessas atividades culturais duas exposições “nos centenarios do Diário de Pernambuco e de D. Pedro II, tendo por ocasião do último, feito brilhante conferência o sr. Gilberto Freyre” (CUNHA, 1927, p. 7).

Em 1971, as instalações da Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco são incluídas no projeto do complexo educacional da Rua João Lira no centro do Recife, mesmo período em que passou a ser nomeada Biblioteca Pública Estadual Presidente Castello Branco⁴ pelo governo de Nilo Coelho, um nome nada original para o contexto da Ditadura Militar, que utilizava os nomes dos militares para nomear os espaços públicos. Este nome durou trinta anos. O Decreto nº 24.075 em 1º de março de 2002 restabeleceu o nome original do espaço – Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco⁵, um patrimônio que acumula e transfere bens imateriais às gerações e possibilita que os sujeitos se apropriem de um capital cultural que fortalece sua identidade.

O projeto original de 1971 incluiu a necessidade de construção de um prédio moderno para o funcionamento da Biblioteca dentro do complexo educacional que atendia à classe média daquela segunda metade do século XX com a função de oferecer a esse grupo uma educação moderna em cinco escolas que cercam Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. O único portão por onde todos deveriam chegar e sair da aula era o da Biblioteca. Os estudantes e seus mestres das diferentes etapas da educação básica tinham a oportunidade de circular por esse espaço, antes mesmo de entrar nas escolas.

⁴ Fonte: Placa de inauguração localizada no primeiro andar da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

⁵ Fonte: Placa de inauguração localizada no primeiro andar da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

De certo modo, nesse período, a Biblioteca vem a cumprir uma função educadora em convergência com a experiência escolar. Segundo Varela e Alvarez-Uria (1993), através de um exercício genealógico, as condições de surgimento da escola moderna como um equipamento social deram origem à criação do sujeito escolarizado, o escolástico. Entre os discursos que possibilitaram a emergência desse espaço, estão a definição do estatuto de infância, a emergência de um dispositivo institucional, a formação de um corpo de especialistas, a destruição de outras formas de socialização, a obrigatoriedade da escola e o controle social, o que nos faz pensar que a escola como a conhecemos hoje é uma invenção recente na história da humanidade.

Na perspectiva dos referidos autores, o estatuto de infância é apresentado como um conjunto de táticas em uma instituição que liga modos de vida familiar a modos educacionais e a classes sociais, que, através de um consenso, possibilitaram vigilância e cuidado contínuos. A invenção da infância se deu de forma divergente entre as classes sociais como uma emergência da família moderna (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1993). Ao abordar sobre a emergência de um dispositivo institucional como um dos discursos que possibilitaram o surgimento do equipamento social escolar, os autores compartilham que o espaço fechado, tal como uma ilha, passou a ser o lugar do conhecimento.

Entre os principais discursos desse exercício genealógico da escola moderna, é importante destacar dois: a emergência de um dispositivo institucional, e a destruição de outras formas de socialização. No que se refere à emergência desse dispositivo que possibilitou a criação do espaço fechado, Varela e Alvarez-Uria (1993) escrevem sobre as interferências desses lugares no processo de desenvolvimento intelectual dos alunos. Tais espaços, fechados em ilhas, passaram a ser os novos lugares como uma forma de paradigma de governo, cujo objetivo era transformar a personalidade do educando, um equipamento completo e cuidadosamente articulado, ou seja, espaço para a maquinaria escolar funcionar.

La escuela no es sólo un lugar de aislamiento en el que se va a experimentar, sobre una gran parte de la población infantil, métodos y técnicas avalados por el maestro, en tanto que “especialista competente” o mejor, declarado como tal por autoridades legitimadoras de sus saberes y poderes; es también una institución social y de transmisión de saberes que se verán relegadas y descalificadas por su de puesta en marcha. (VARELA; ALVAREZ-URIA, 1993, p. 38).

As condições de surgimento da escola como um dos grandes acontecimentos da modernidade com base na emergência de um espaço destinado à educação das ciências fizeram

desaparecer outros modos de educação. Essa escola não pode ser considerada apenas um espaço fechado e isolado em si mesmo, pois se trata de um equipamento social em que há a priorização de certos conhecimentos e o desprezo de outros saberes de outras culturas que fogem ao padrão hegemônico que historicamente vem se destacando na sociedade.

Tal como a escola, é possível dizer que a biblioteca também é uma instituição que dá um sentido, ela própria, à modernidade, tal com menciona Foucault (2015c, p.81) no posfácio publicado em março de 1967 a Flaubert, sobre a obra *A Tentação de Santo Antônio*, cujo título é *Um fantástico de biblioteca*. A ideia apresentada de um fantástico está relacionada à experiência de descoberta do espaço da biblioteca na Modernidade. Como criação moderna, possibilitou o imaginário se estender entre os signos, de livro a livro, no interstício das repetições e dos comentários. A biblioteca como uma instituição-chave da modernidade emerge em concomitância com enunciados sobre o homem moderno em suas diferentes e diversas dimensões culturais de classe, gênero, raça, geração e nacionalidade, entre outras.

No caso específico da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, na década de 70 e em meados da década de 80 do século XX, a experiência possível nesse espaço coexistiu com o discurso da escolarização da infância, que materializava com suas ações uma reiteração do projeto de produção do sujeito escolarizado. A sua vizinhança com as escolas no seu entorno e a facilidade de interação dos estudantes e professores entre as escolas e a Biblioteca operava assegurando a função da educação escolar sob o pressuposto da cultura, civilidade, valores e moralidade. Os empréstimos, atividades culturais e as regras de comportamento na Biblioteca foram os operadores da formação dos estudantes como sujeitos escolarizados.

Pensada originalmente como um espaço para fortalecer o capital cultural de uma elite emergente, como já mencionei, diferentes decisões políticas levaram posteriormente à construção dos muros em torno da biblioteca, separando-a das cinco escolas à sua volta. As escolas ganharam novos portões direcionados para as diferentes avenidas que compõem o quarteirão, e a Biblioteca continua a existir encaixada e, ao mesmo tempo, desencaixada de todas elas, interna e externa à dinâmica social do espaço central da cidade, um lugar na cidade e ao mesmo tempo um lugar outro.

Na atualidade, a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco continua localizada no centro do Recife e faz vizinhança com cinco escolas públicas e o Parque Treze de Maio. Possui um acervo amplo com mais de 250.000 volumes e está aberta ao público e aos escolares das diferentes escolas presentes no centro do Recife e de outras regiões.

Ao longo de sua história, a Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco tem como regularidade a função de ampliar a cultura da população, atuando como sede de diferentes ações culturais, como lançamentos de obras, apresentações musicais e rodas de debate. Foi nessa Biblioteca que aconteceu, por exemplo, o *I Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação*, no ano de 1954. Esse tipo de evento tem se mantido até os dias atuais, em especial as exposições artísticas, oficinas de arte para diferentes idades e concertos musicais.

3.3 ESCULPINDO CONDUTAS: PENALIZAR E RECOMPENSAR

Estavam todos empilhados na mesa, exalando aquele cheiro de livros antigos, perfume da história. A bibliotecária do setor das obras raras havia selecionado todos para que eu pudesse folhear aquelas páginas com anos de existência. Manusear cada um com luvas para protegê-los, pois os documentos contêm o registro de uma memória que diz muito sobre quem ainda somos, por isso as luvas de proteção. Passados os primeiros minutos em contato com eles, as questões postas nesta subseção de análise começaram a ficar evidentes para mim, pois passei a ouvir o que os documentos antigos me diziam.

Nessa busca, encontrei documentos antigos com procedimentos destinados a dirigir a conduta moral dos indivíduos. São práticas de regulação moral que orientam a conduta dos frequentadores, suscitando formas corretas de comportamento. É o que se vê no *Manual Básico de Conservação e Preservação em Documentos Impressos* (2016) e no *Relatório da Bibliotheca* (1927) – o primeiro disponível no Acervo de Obras Raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco e o segundo, no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Além desses documentos, aproveito para deixar também nesta subseção de análise algumas das cenas do diário de campo elaboradas durante esta pesquisa sobre procedimentos de direcionamento de condutas.

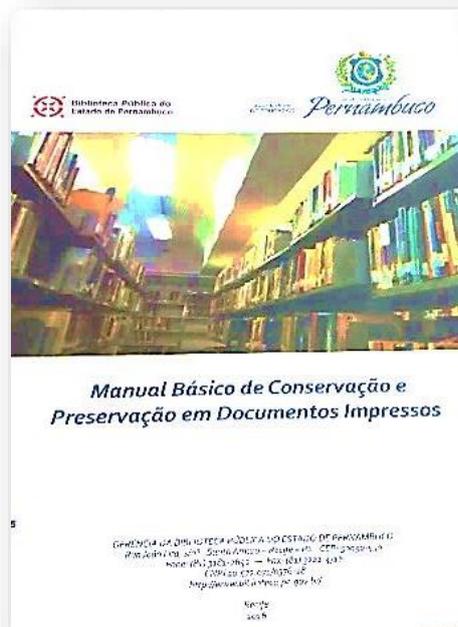
Vejo as regras de conduta na Biblioteca como uma questão importante devido aos seus aspectos estarem relacionados ao discurso de preservação do patrimônio cultural, tal como já foi indicado. Olhando o relatório da Biblioteca Pública de 1927, percebemos que, no primeiro momento do século XX, havia a proibição do empréstimo domiciliar, pois esse serviço era visto como risco permanente ao patrimônio, porque as pessoas não devolviam os livros conforme nos escreve Cunha (1927, p. 11).

O controle da conduta dos frequentadores está estabelecido nos espaços que se configuram por normas que vão regulando o comportamento dos corpos e moldando suas

identidades. Segundo Hall (1997, p. 16), aquilo que regula a conduta dos sujeitos é ação social. Além disso, as práticas reguladoras de significação operam pela cultura, funcionam como prática cultural dentro de uma relação de poder. Para Foucault (2014b), “As técnicas de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, os submetem a alguns fins ou à dominação, objetivam o sujeito” (FOUCAULT, 2014b, p.266). É o que se vê em alguns dos materiais impressos da Biblioteca, ou sobre ela, pois procurei voltar no tempo para analisar novamente o material encontrado no Arquivo Público, o relatório de 1927.

O *Manual Básico de Conservação e Preservação em Documentos Impressos* de 2016 se refere aos cuidados quanto à manutenção dos materiais impressos, especificamente dos livros. Entre as instruções que aparecem nesse manual, está a seção que trata dos cuidados com o material impresso com informações sobre os fatores que danificam o papel. É nesse ponto do texto que se apresentam os agentes internos, resultado da fabricação do papel, e os externos, divididos em quatro partes. São elas: físicos, químicos, biológicos e humanos (PERNAMBUCO, 2016, p. 24). Pelo que consta nesse documento, o homem, com seu livre arbítrio, aparece como um dos maiores agentes nocivos dos materiais bibliográficos, pois manuseia o material acarretando consequências consideradas maléficas ao documento (PERNAMBUCO, 2016, p. 23).

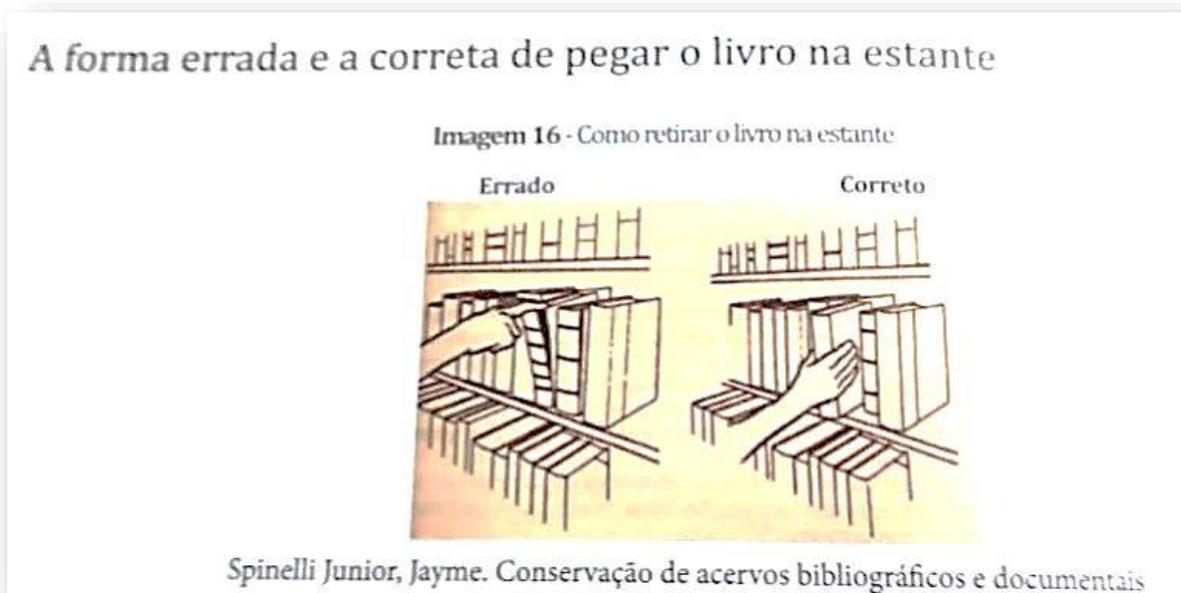
Figura 4 – Capa do Manual Básico de Conservação e Preservação em Documentos Impressos de 2016



Fonte: Acervo Obras Raras Biblioteca Pública de Pernambuco.

Pensando na longevidade dos materiais impressos, vemos, em um dos capítulos desse documento, o ensino da forma correta para retirar o livro da estante. Na tentativa de preservar os livros impressos, a Biblioteca conduz os sujeitos através da forma correta para manipular os livros, ação que se configura como um exercício disciplinar que visa orientar o comportamento. Conforme Foucault (2017, p. 18), o principal objetivo desses textos prescritivos é propor regras de conduta. A próxima imagem é referente à página do *Manual Básico de Conservação e Preservação em Documentos Impressos de 2016* sobre os modos corretos quanto à retirada dos livros da estante.

Figura 5 – Orientação sobre como pegar o livro na estante



Fonte: Manual Básico de Conservação e Preservação em Documentos Impressos (2016, p. 24).

A postura correta da mão retirando o livro da estante é o destaque dessa imagem. O corpo aparece para deixar evidente a forma de comportamento ideal que se deve manter ao manipular os impressos. Esse conjunto de regras prescritivas que pode ser visto nessa figura abre a reflexão em torno da vontade pedagógica da biblioteca, com suas regras de regulação da conduta dos sujeitos, produzindo, assim, comportamentos, gestos e movimentos. Com efeito, essa vontade de pedagogia pretende operar incidindo nos corpos.

Segundo Castro (2016, p. 85), o controle, tal qual os outros modos de disciplinamento, a exemplo da vigilância individual, castigo e recompensa, é uma das características do poder panóptico que se exerce de diferentes formas sobre os indivíduos. É provável que essas e outras normas presentes na biblioteca, ou em outros espaços sociais, atuem como reguladoras de condutas. De acordo com Hall (1997, p. 35), as condições culturais e discursivas de existência de toda prática social são forças externas à cultura, como fatores econômicos ou políticos, que interferem na sua forma.

Considerar as condições culturais de existência na prática social é reiterar o espaço da biblioteca como uma pedagogia cultural que opera pelos saberes através das suas normas e regulamentos, entre outras práticas. Soma-se a isso o que nos escrevem Camozzato e Costa (2013, p. 23) sobre essa vontade de pedagogia operante nas pedagogias culturais como uma contínua vontade de investir e atuar sobre os aspectos da vida dos sujeitos contemporâneos. Conforme escrevem as autoras, a vontade de pedagogia está relacionada a um desejo de condução dos sujeitos.

Pode-se dizer que há uma vontade de pedagogia na biblioteca que se expressa nos diferentes esquemas de condução da conduta dos corpos. De acordo com Camozzato e Costa (2013), a vontade aparece ou está dita para todos. “Vontade esta que, de algum modo, se faz ‘visível’ e ‘dizível’, mostrando-nos o quanto a sociedade e a população como um todo são alvos desta ampliação” (CAMOZZATO; COSTA, 2013, p. 41). É o que se vê na imagem anterior, por se tratar de um documento oficial, através de um conjunto de imagens verbais e não verbais para ensinar ao maior número possível de pessoas.

Textos prescritivos têm o objetivo de traçar comportamentos, moldar posturas, posicionar os corpos. Nessa vontade de ensinar coisas através de documentos oficiais, a biblioteca, uma pedagogia cultural, atua educando os corpos, produzindo sujeitos educados. Quando ela elege a forma correta para retirar livros da estante, informa também que as outras estão erradas. Independente dos diversos motivos que justificam essa escolha, que é justa, uma vez que o material precisa de fato ser conservado, os frequentadores do espaço começam a operar conforme o seu desejo, por isso se trata de uma pedagogia cultural.

Para Camozzato e Costa (2013), há uma diferença entre educação e pedagogia. A educação funciona como uma introdução ao mundo; já a pedagogia, como uma forma para viabilizar e refinar os modos pelos quais se dá essa introdução (CAMOZZATO; COSTA, 2013, p. 26). Em adição a isso, vale o registro que essas autoras nos escrevem:

Atuar sobre nós mesmos, para nos produzirmos, é algo que se relaciona à *vontade de pedagogia*, constituindo uma rede interligada em que ela atua de forma ininterrupta e não fechada em espaços institucionais previamente demarcados. A sociedade como um todo e, ao mesmo tempo, cada um de nós, é o seu objetivo. (CAMOZZATO; COSTA, 2013, p. 32).

Vejo nesse trecho do *Manual Básico de Conservação e Preservação em Documentos Impressos de 2016* a expressão de uma vontade de incidir nos corpos dos sujeitos. Ao eleger a forma correta para retirar o livro, ainda que seja para a preservação do material, a biblioteca passa a operar nos corpos dos sujeitos através dessa ênfase na conservação para a durabilidade dos materiais. Pode-se dizer que a vontade pedagógica passa a fazer sentido sempre que o leitor do documento sair dele agindo conforme aquilo que foi escrito.

A vontade de incidir nos corpos também aparece nos esquemas de vigilância e punição. Como já indicado, funcionou na biblioteca um projeto de construção de uma única portaria no prédio (CUNHA, 1927) para aumentar a segurança do espaço. Como resultado disso, hoje a biblioteca possui uma única portaria, por onde se configura o controle do ponto de vista de uma arquitetura panóptica que permite uma visão total do ambiente através dessa única entrada, como se a portaria fosse uma torre que tudo olha, mas sem ser vista.

Na entrada do primeiro andar, os vigilantes têm acesso às imagens das câmeras de vigilância espalhadas pela Biblioteca. Esse é o local onde as nossas bolsas e mochilas são deixadas. Trocamos esse artefato por um número que localiza os nossos pertences pessoais na prateleira, pois só podemos acessar os outros setores da Biblioteca portando livros e outros materiais para anotações. Esses números são como cifras de uma linguagem numérica na sociedade de controle como uma forma de permitir ou negar o acesso das pessoas à informação (DELEUZE, 1992). Os números não param por aqui, já que, dentro do setor referência, é possível receber outra ficha que corresponde à quantidade exata de itens pessoais levados para dentro dessa seção.

Considero esses números como um discurso por funcionarem como uma forma de vigilância dos corpos na Biblioteca. O controle está no número expresso em cada ficha que recebemos nas entradas desses setores. Com efeito, trata-se de uma forma de fazer operar nos corpos a conduta do bom comportamento e já antecipar o impedimento de qualquer desaparecimento dos materiais da Biblioteca, pois ninguém pode acessar o acervo com as bolsas. E para estar nos setores que possuam estantes, é preciso um número exato de livros próprios trazidos consigo.

No período em que estive em campo, pude presenciar nesse local algumas situações que expressam bem como se dá de outro modo o mesmo controle. Mudam os dias, trocam-se os sujeitos, mas a monitorização é a mesma. Em novembro de 2019, após uma breve pausa na leitura para ir ao banheiro, passei pela recepção e fui reconhecido por um dos vigilantes de plantão. Ao me ver, ele me pediu para, ao entrar no banheiro, notar se um rapaz, que já estava muito tempo lá dentro, estava fazendo algo que p funcionário estava considerando “errado”. Disse-me que estava olhando o corredor em frente ao banheiro pela câmera de vigilância.

Entrei no banheiro um pouco constrangido, nada de suspeito ocorria, apenas o óbvio, o rapaz estava fazendo o que tinha para ser feito dentro de um banheiro. Quando recebeu a minha confirmação de que nada ocorria no banheiro, o vigilante me disse que já o observava há muito tempo e fez aquele gesto com o dedo indicador no olho para expressar que estava de olho nele.

Em outra tarde daquele mesmo ano, resolvi me levantar do setor de referência para fazer uma breve pausa nos estudos. Quando passei pela catraca na frente da entrada do vestíbulo no primeiro andar, notei alguns adolescentes vestidos com trajes esportivos. Um deles segurava uma bola. Suados, aguardavam a sua vez para beber água do bebedouro, enquanto o vigilante do plantão organizava a entrada deles aos poucos, explicando que deveriam entrar de um por um sem fazer barulho ou bagunça.

É com essas memórias presentes em uma das partes do meu diário de campo, que retomo o que escreve Deleuze (1992) sobre a consolidação da sociedade do disciplinamento no século XX, tendo no pós-guerra o momento em que ocorreu uma crise dessas instituições disciplinares, o que as levou a serem substituídas por uma nova configuração social, a sociedade do controle. Segundo esse autor, os controles são uma moldagem de mudança contínua pela qual as coisas nunca terminam. Soma-se a isso o que nos escreve Hall (1997, p. 17) sobre a revolução cultural nesse mesmo momento no qual a cultura assume um papel importante na organização da sociedade.

A centralidade da cultura tem a ideia de centrar, enquadrar, moldar formas culturais globais capazes de serem identificadas em diferentes localidades, tanto em escala regional quanto global. Isso ocorre devido ao controle dos grupos culturais, que, através do próprio poder de homogeneizar as culturas, vão construindo sujeitos sociais pelo mundo, pela homogeneização cultural (HALL, 1997, p. 18). De acordo com o autor, “A expressão ‘centralidade da cultura’ indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo” (HALL, 1997, p. 22).

Vejo que o espaço da biblioteca influencia e regula a conduta dos sujeitos pelas práticas de controle dos corpos impostas pela sua arquitetura, regras de uso do espaço pela sua organização espacial. Trata-se de um espaço público que emerge dentro de uma relação de poder. Em conformidade com Hall (1997, p. 41), consideramos que há arranjos de poder discursivo ou simbólico. Assim, é possível afirmar que o controle opera nos movimentos dos sujeitos que vão sendo moldados e influenciados pelas normas do espaço.

O que a regulação normativa faz é dar uma forma, direção e propósito à conduta e à prática humanas; guiar nossas ações físicas conforme certos propósitos, fins e intenções; tornar nossas ações inteligíveis para os outros, previsíveis, regulares; criar um mundo ordenado – no qual cada ação está inscrita nos significados e valores de uma cultura comum a todos. (HALL, 1997, p. 42).

Vemos em Hall (1997) uma das formas de regulação através da cultura que se dá pela produção de novos sujeitos. E isso implica na identidade de quem somos. Entre os diferentes modos em que isso pode operar, ele compartilha que a instituição é capaz de introduzir um sistema de recompensas pelo tipo de conduta considerada apropriada. Cabe aqui também as punições que funcionam como lições que desencorajam as atitudes consideradas impróprias (HALL, 1997, p. 43).

As leituras referentes aos esquemas de vigilância, punição e recompensa me inspiraram a escrever a cena a seguir sobre o instante em que me dei conta dos esquemas de vigilância através da câmera presente no setor da referência, uma das formas de registro e controle dos frequentadores que me faz pensar em um possível enunciado: “Sorrindo, estou sendo filmado”:

Sorrindo, estou sendo filmado

Nos primeiros minutos do expediente me vejo sozinho no interior do setor de referência. Sentado, procuro abrir uma obra de ficção em busca de passar alguns minutos no interior da Biblioteca. Estamos eu, o ventilador, as estantes, a bibliotecária do outro lado da sala imóvel em sua função de se manter sentada naquela outra cadeira. Então meus olhos continuam vagando pela organização do espaço. Observo do chão ao teto. Sou convidado a sorrir, pois estou sendo filmado, diz a pequena placa amarela de aviso, assim como todas as outras espalhadas pelas quatro paredes desse setor. Fico me questionando em pensamento o que deve passar na cabeça de quem me assiste neste momento. Preciso estar com o livro aberto? Se eu olhar demais para os lados vão pensar que estou prestes a fazer algo errado? O que vão dizer se eu circular muito pelo espaço? Abro meu livro e começo minha leitura, consciente dos tantos olhos que me vigiam no espaço, sorrindo, pois estou sendo vigiado. (23/11/2020).

A câmera de vigilância que tudo olha sem ser vista está presente nesse setor da Biblioteca para garantir a segurança de todos. Ocorre que a presença desse objeto já incide nos modos como nos comportamos dentro do espaço, a ponto de passar pela cabeça de quem o frequenta estar em posição suspeita, se não estiver desenvolvendo as atividades que são esperadas, leitura e escrita. Com Foucault (2014c), aprendemos que o panoptismo é esse efeito de comportamento provocado pelos esquemas de vigilância que se instauram dentro dos corpos resultando na conduta almejada, ainda que as configurações que nos olham não estejam presentes.

A câmera na cena anterior funciona como uma variação do exame enquanto instrumento de disciplinamento, cuja ação tem por efeito garantir o bom comportamento dos corpos. Assim, nas interações sociais que se dão em espaços públicos estruturados pelos esquemas panópticos, os sujeitos operam conforme as regras da instituição. E sempre que interpretam tais normas por não saber quando estarão sendo vistos, as regras do bom comportamento já se encontram internalizadas em seus corpos. Essa interpelação se dá pelo medo.

Segundo Foucault (2017, p. 34), os sujeitos são assujeitados em situações como a descrita nessa cena. O modo como se dá essa sujeição é a maneira como o indivíduo estabelece sua relação com as normas e se reconhece como ligado à obrigação de pô-la em prática. Além disso, escreve-nos o autor: “A ação moral é indissociável dessas formas de atividades sobre si, formas essas que não são menos diferentes de uma moral outra do que os sistemas de valores, de regras e de interdições” (FOUCAULT, 2017, p. 36).

Folheio novamente as páginas do Relatório de 1927 e encontro a questão do controle das condutas do ponto de vista da punição. O documento deixa evidente a condenação do empréstimo domiciliar de livros por compreender que essa atividade apresenta perigo permanente para o patrimônio, ainda que seja efetivada por pessoas aptas a pegar livros emprestados. Visando melhorar as instalações com a construção de um novo edifício, a previsão era o encerramento do serviço de empréstimo domiciliar (CUNHA, 1927).

Algumas páginas depois dessa informação, consta uma previsão de efetivação do serviço de empréstimo. Mesmo contrário à ideia de empréstimo, o serviço estaria disponível às pessoas idôneas após a construção do setor circulante, mediante a garantia correspondente ao valor do livro, a vigência da taxa anual e outros documentos (CUNHA, 1927).

Outra problematização que surge com esse documento é o perfil dos sujeitos aptos a utilizar o serviço de empréstimo: conforme consta no relatório, seriam apenas aqueles que comprovassem as condições necessárias para ressarcir os títulos em possíveis situações de perda

ou roubo, configurando-se tal condição em uma clara segregação do ponto de vista de classe, pois, mesmo sendo contrário à ideia de emprestar os livros, o serviço estaria disponível a alguns frequentadores mais abastados.

Há punições previstas para serem aplicadas quanto à perda dos livros e outras estipuladas para os casos em que os sujeitos da Biblioteca quebram alguma das normas estabelecidas no espaço. A próxima cena é referente ao rompimento do silêncio, que teve como consequência a desconcentração de quem estava no setor de referência:

Extra! Extra! Rapaz é interditado pela bibliotecária após atender ao celular na biblioteca

Homem atende o celular dentro da Biblioteca e é impedido de continuar a ação pela bibliotecária responsável pelo setor. Na manhã da segunda-feira, 23 de novembro de 2020, por volta das dez horas, um rapaz sentado em uma cadeira no Setor de Referência atendeu o celular para se comunicar com alguém ali mesmo, em voz alta, atrapalhando a concentração dos outros usuários presentes no espaço. As testemunhas precisaram parar suas leituras, pois o volume da voz estava para além do que nem é permitido neste setor da Biblioteca. A bibliotecária de plantão prontamente se levantou para impedir que a ação durasse por mais tempo. O homem teria esquecido aquela regra que proíbe o uso desse aparelho dentro da sala de leitura. Após ouvir a advertência da funcionária, o rapaz permaneceu sentado mexendo no celular por alguns segundos antes de se levantar e ir falar ao telefone no vestíbulo. Logo após o ocorrido, os outros usuários da biblioteca puderam se concentrar novamente para voltar aos seus estudos. (23/11/2020).

A atenção que é atribuída a quem quebra o silêncio dentro da sala de leitura da Biblioteca é como despertar diante de uma notícia importante de jornal. A quebra do silêncio não só se constitui como uma pausa na leitura, pois também é um chamado a observar a pessoa que provoca o incômodo. Mesmo com o aviso na parede indicando a proibição do uso de tais aparelhos dentro do espaço, alguns ousam desconsiderar essa regra. Assim, são punidos em praça pública diante das testemunhas.

No espaço disciplinar da Biblioteca, com suas regras de uso e comportamento do espaço, pode-se dizer que, sempre que algum frequentador quebra alguma de suas normas, o poder disciplinar vigilante se faz presente. Nessa cena, podemos imaginar que o homem que atendeu ao telefone onde impera o silêncio, em prol da concentração nos estudos, provavelmente sabia sobre essa norma de que não se pode fazer barulho em alguns dos setores da Biblioteca, pois essa norma está nas paredes da sala através de imagens que lembram que não se pode atender ao celular no espaço.

A sanção normalizadora se faz presente sempre que alguma das regras da biblioteca é quebrada no interior do espaço. Esse poder disciplinar ensina que há uma forma de comportamento que é privilegiada pela Biblioteca, pois é através do silêncio que o poder disciplinar opera evidenciando o comportamento correto que deve ser seguido por todos. Segundo Goulemot (2011, p. 11), as bibliotecas se submetem à lei do silêncio, tal qual outros espaços, como igrejas e hospitais.

Em conformidade com o pensamento de Foucault, vejo que nessa cena que o rapaz fez um ato de resistência, uma condição presente onde há regras. Em um outro aspecto, escreve Hall (1997), pensando com Foucault em “Tecnologias do eu”, sobre a regulação que se dá pela cultura formando novos sujeitos quase sempre têm um acompanhamento de conflito de resistência. Para esse autor, “Quando uma pessoa pode ser definida como alguém cujas ações são sempre inaceitáveis, conduzidas por normas e valores que não compartilhamos, nossa conduta em relação a essa pessoa será modificada” (HALL, 1997, p. 42).

Um biblioteca se institui como o espaço do silêncio. Assim, acaba colocando os sujeitos em posições tão fixas por longos minutos que mais parece uma brincadeira de estátuas, entretenimento que tem uma vontade de congelamento do tempo, em que poucos movimentos são permitidos, conforme fazem as crianças quando se concentram ao brincar. Esse é o sentimento que se tem dentro dos espaços silenciosos da biblioteca, de que é proibido se mexer.

Estar nesse setor de estudos é quase como um convite à brincadeira de estátua. As esculturas nesse espaço inventam um corpo sentado, quase parado e em silêncio. Quase imóvel, pois é permitido quebrar um pouco a regra dessa brincadeira para virar as páginas do livro. Assim seguem os corpos em seu trabalho intelectual. Olhos fixos no livro. Objetos úteis aos estudos no espaço da biblioteca, sedutores capazes de capturar a atenção das estátuas por tanto tempo. Os corpos não se mexem nem fazem barulho em uma brincadeira coletiva de ser quase esculturas enquanto os estudos seguem.

Em uma tarde de novembro de 2019, novamente no setor de referência, percebi que havia mais adultos do que jovens. Nenhuma das fardas escolares. Tentei me concentrar, porém mais uma vez alguns funcionários estavam no jardim da biblioteca conversando muito alto a ponto de atrapalhar o silêncio dentro dessa sala. Notei que algumas pessoas também estavam incomodadas, e isso fez me sentir à vontade para ir até a bibliotecária e relatar o incômodo. Uma moça me olhou compartilhando desse mesmo sentimento desagradável causado pelos que estavam do lado de fora. Mantendo contato visual comigo, ela balançava a cabeça afirmativamente. Enquanto o barulho se encerrava, eu tentava me concentrar na leitura. Meus

olhos encontraram um pacote inteiro de biscoito em cima de uma mesa onde uma mulher estudava, audácia que me surpreendeu.

A interdição dos corpos em espaços disciplinarizantes funciona modificando os sujeitos para que se opere conforme aquilo que está estabelecido. De acordo com Foucault (2016), os afetamentos modificam o ser. “Modalidades de experiência, qualidades que afetam e modificam o próprio ser” (FOUCAULT, 2016, p. 30). Além disso, a experiência de interdição dos movimentos para a adaptação às regras pode ser vista como subjetivadora.

Em outro momento no setor de referência, já passava das dezoito horas quando decidi deixar a Biblioteca. Após mais um dia de observação, dirigi-me até o balcão desse setor para devolver a fichinha que correspondia à quantidade de materiais pessoais que eu portava. Notei que na mesa ao lado havia um adulto e uma criança estudando. Logo pensei se tratar de pai e filho, um com o seu *laptop* e o outro com um livro didático. Nesse momento, o menino tocou o ombro do pai, que parou sua leitura para olhar o livro do filho, em seguida balançou a cabeça e voltou sua atenção ao computador. O filho acabava de responder a atividade do livro, em seguida balançou a cabeça. A criança baixou a cabeça para chorar sem fazer barulho, respeitando o silêncio na Biblioteca, talvez por compreender, já desde pequeno, que se trata de uma norma soberana.

Segundo Goulemot (2011, p. 13):

Dessas catedrais do livro nascem paradoxos e contradições. O silêncio, o recolhimento ao qual convidam são muito alheios a nossa época tagarela e tomada por uma real agitação. A leitura silenciosa, sempre descrita como a marca da inscrição da leitura no intelecto e solidão do sujeito, exhibe-se ali diante de testemunhas.

Pode-se dizer que há uma regularidade quanto à quebra do silêncio na biblioteca. Muitas vezes, esse rompimento se dá de diferentes formas, sempre que alguém interfere ou por ruídos externos. O silêncio é frágil, muitas vezes precisa ser lembrado aos sujeitos da biblioteca. É quando ela atua como uma pedagogia cultural ensinando formas de comportamento através do controle dos movimentos dos corpos. Uma vigilância que se dá por diferentes configurações espaciais, tecnológicas ou pela ação dos sujeitos, para que nada fuja à norma, funcionando, assim, como um espaço do disciplinamento.

3.4 ATRIBUINDO LUGARES E CONDUTAS PARA DIFERENTES GERAÇÕES

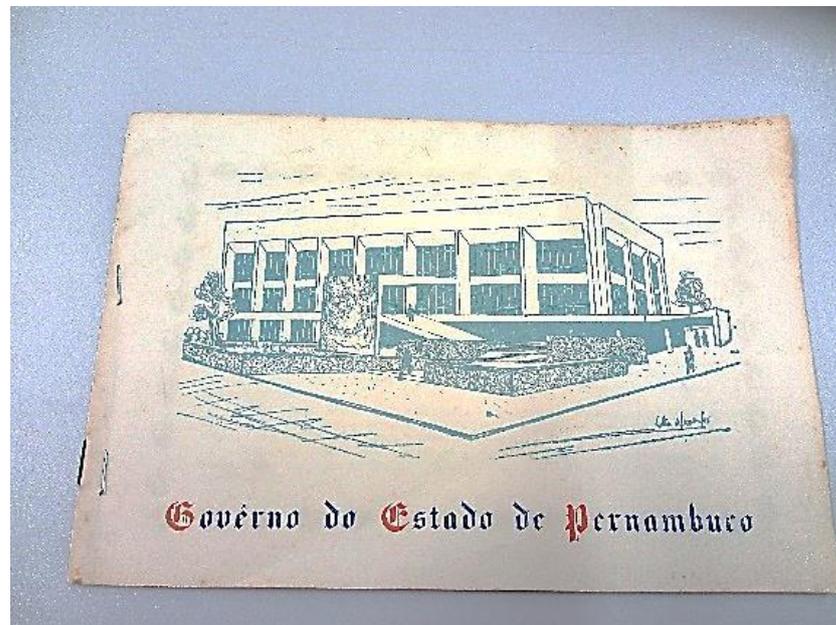
Das leituras que fiz dos documentos antigos do acervo de obras da Biblioteca Estadual, encontrei informações sobre a divisão espacial do ponto de vista da geração do atual prédio da instituição, localizado na Rua João Lira. O material impresso publicado pelo Governo do Estado de Pernambuco, provavelmente nos anos de 1970, período em que estava nomeada de Biblioteca Pública Estadual Presidente Castello Branco (sem periodização marcada⁶), contém as informações sobre a divisão de extensão como forma de organização do acervo nas diferentes seções para cada tipo de leitor/a – Biblioteca Circulante e Biblioteca Infantil, como consta nesse documento, seguido das diferentes atividades previstas para cada público.

Pode-se dizer que o documento sobre a Biblioteca, presente no seu acervo, trata-se de uma organização do espaço do ponto de vista da geração. Com ele podemos perceber o desejo de classificação com o planejamento de uso de artefatos e elementos que se voltam para cada público específico. Os artefatos e a literatura dizem sobre quem deve circular por cada um desses espaços, ainda que não haja uma regra de proibição da circulação entre outros espaços. Crianças, jovens e adultos podem transitar, sim, nessas salas, desde que conservem o material e não façam barulho.

Analiso nesta subseção as fotografias que fiz durante as visitas à Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco no período da pesquisa. São imagens referentes aos principais setores de atendimento ao público, infantojuvenil, de referência, circulante e vestíbulo do primeiro piso. A análise cultural aqui pretendida objetiva abrir uma discussão em torno da fabricação dos sujeitos nesses diferentes espaços da Biblioteca, do ponto de vista da geração.

⁶ Fonte: Governo do Estado de Pernambuco (sem periodização), disponível no Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Figura 6 – Capa do documento publicado pelo Governo do Estado de Pernambuco (sem periodização)



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Hoje a divisão do ponto de vista de geração continua a fazer parte da organização do espaço da Biblioteca Estadual através de esquemas de classificação estabelecidos para que os diferentes leitores possam acessar o material conforme a adequação à sua idade e participem das atividades culturais que são exibidas em cada uma dessas localidades. Pode-se dizer que as diferentes relações de poder estão implicadas na arquitetura do espaço, promovendo um controle dos corpos através dessas divisões. Segundo Hall (1997, p. 43), a classificação é forma de regulação: “Classificar ações e comparar condutas e práticas humanas de acordo com nossos sistemas de classificação cultural é mais uma forma de regulação cultural”.

De certa forma, na arquitetura, há todo um conjunto de simbolismo que implica no comportamento dos sujeitos, assim, essa organização acaba atuando, dentre outros elementos, como uma formadora de práticas culturais. Segundo Frago e Escolano (1998), a edificação escolar desempenha um papel a mais nesse processo, devido ao papel que desempenha na vida social: “tem-se de convir também que a arquitetura escolar é um elemento cultural e pedagógico não só pelos condicionamentos que suas estruturas induzem, aspectos que já salientamos anteriormente, mas também pelo papel de simbolização que desempenha na vida social” (FRAGO; ESCOLANO, 1998 p. 33).

Do ponto de vista estético, há uma diferença entre os setores de atendimento ao público, conforme aparece evidente em cada uma das fotografias analisadas nesta subseção. A

decoreção, objetos e livros podem ser lidos através de elementos discursivos sobre o ideal de sujeito pensado para cada um dos espaços da biblioteca. A questão da geração marca a classificação espacial, entretanto, as idades dos sujeitos não os impedem de estar em determinadas localidades da biblioteca, tampouco os faz que estejam proibidos de desfrutar do serviço de empréstimo de livros dos diferentes setores, pois o cadastro é mesmo para adquirir livros de qualquer uma das estantes.

A fotografia a seguir corresponde ao setor infantojuvenil da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco com todas as cores e poesias possíveis de se lhes adicionar. Elementos lúdicos que propõem o despertar para a fantasia, seja através do colorido das estantes com livros de diferentes texturas e tamanhos, seja nos brinquedos espalhados pelo espaço:

Figura 7: Setor infantojuvenil da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco



Fonte: Autor da pesquisa.

Poemas estampados em corações de papel pendurados por fitas coloridas. Em uma das paredes, há um poema fixo em cima de três pequenas prateleiras de madeira na altura das crianças, tal qual as mesinhas e os pufes próximos ao carpete, que também têm caixas com HQs e mangás dentro. Há uma boneca pendurada em uma das lâmpadas que ilumina as diferentes cores nos objetos. O frescor do ar-condicionado acomoda leitoras e leitores dentro do espaço. As capas de alguns livros são expostas por completo em duas prateleiras ao lado da entrada como frutas colocadas lado a lado na estante de uma frutaria à espera de alguém que apareça para consumir seu alto teor vitamínico. No fundo da sala, entre a estante e a vidraça, há uma

criança sentada em uma das mesinhas lendo. Mapas lúdicos e outras imagens compõem os outros lados da sala.

A ludicidade e a variação das cores marcadas nessa imagem funcionam como convite a leituras e outras atividades que despertem a imaginação de um público de potência criativa, tal qual o colorido dos objetos e símbolos presentes nesse setor da Biblioteca. Pode-se dizer com essa fotografia que a concepção de sujeito idealizado por esse setor é a criança e o jovem leitor. Segundo Goulemot (2011, p. 7), uma biblioteca pública é essencialmente um lugar consagrado à leitura.

Vejo no meio da fotografia esse sujeito criança leitora que utiliza o espaço para estar entre os livros sozinha e em silêncio. Essa quietude dentro do espaço estabelece uma aproximação íntima entre o ato de ler e a tranquilidade. Conforme Proust (1991, p. 43), a leitura é uma amizade que tem no silêncio sua atmosfera mais pura que a palavra.

Pode-se dizer da Biblioteca Pública como uma pedagogia cultural através daquela criança leitora em silêncio com um livro no centro da imagem. Um espaço público que educa e promove o contato com as diferenças. Isso sugere que campos de significação vão sendo ressignificados a todo momento nas interações entre sujeitos de diferentes gerações, ainda que organizadamente a literatura esteja distribuída em regiões inspiradas no fator idade dos sujeitos.

Segundo Ellsworth, os lugares de aprendizagem colocam os sujeitos no espaço transicional (ELLSWORTH, 2005 *apud* ANDRADE; COSTA, 2017) em contato com outras experiências novas que modificam o conhecimento construído pelos sujeitos até aquele momento. São espaços transicionais por funcionarem também como uma forma de apresentação e introdução dos indivíduos em um lugar que produz efeitos através da incorporação de novos significados. Vejamos o que nos escrevem os autores sobre essas incorporações:

[...] posicionam-nos em contato com novas experiências, novas sensações, que alteram aquilo que já sabiam. Introduzem os sujeitos em uma zona na qual os limites entre dentro e fora, entre o que se sabe e o que corpos e mentes estão assimilando produzem novos efeitos, novos conhecimentos. (ANDRADE; COSTA, 2017, p. 7).

A minha compreensão do espaço transicional com base na fotografia do setor infantojuvenil se dá pelas interações entre crianças e jovens da mesma idade e também com os seus responsáveis, pois muitas vezes eles acompanham os menores na Biblioteca. Em virtude dessas interações, novas experiências se dão em momentos em que as crianças e seus

responsáveis interagem entre si, ou quando os jovens circulam em grupo vestidos muitas vezes com a farda escolar, entre um intervalo e outro da escola. Nos momentos das oficinas culturais, com um número maior de frequentadores no espaço, aumentam as chances dessas interações e outros novos conhecimentos vão sendo construídos por todos.

A próxima fotografia é do setor de referência, com toda a sua organização espacial, onde os artefatos e estantes estão bem alinhados, o que de certo modo anuncia que o sujeito idealizado para ocupar essa parte da biblioteca é o jovem ou adulto à procura de um espaço tranquilo e silencioso para desenvolver os seus estudos:

Figura 8 – Setor de referência da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco



Fonte: Autor da pesquisa.

Os livros apertados lado a lado nas estantes, tal qual na imagem anterior, representam a ordem de organização que se dá nesse espaço da Biblioteca. A pouca iluminação em um dos lados da sala cobre as estantes, como são as nossas memórias preservadas nos espaços de pouca luz dentro das nossas cabeças, como salas pouco visitadas, mas que, às vezes, estão prontas para vir à tona sempre que um banho de luz é derramado em cima de sua materialidade. Nessa imagem, a iluminação se dá através do sol, que funciona como essa lâmpada que acende as nossas memórias. Retira-se o livro de uma estante pouco iluminada para acendê-lo nessas mesas

projetadas para o corpo adulto sob os raios do sol. Essa literatura disposta nas estantes desse setor remete ao contexto do universo adulto letrado, o ideal de sujeito previsto por esse espaço.

O sol penetra as mesas de estudo através das vidraças dispostas em uma das paredes do setor. Do outro lado dessas janelas, vemos a vegetação do jardim da Biblioteca e o Parque Treze de Maio. Sentado nessa cadeira, é permitido ao usuário da Biblioteca olhar o Parque e ser olhado por ele. É nessa seção que há mesas individuais e coletivas para que os usuários passem horas estudando. Aqui os alunos com as fardas escolares estudam sozinhos ou em grupo. Há jovens, adultos ou idosos com seus *laptops*, *vade mecum*, ou jornais, o que me faz acreditar estarem se preparando para algum concurso. Esse espaço é de profundo silêncio, pois o barulho não é permitido.

Em dezembro de 2019, eu estava divagando em pensamentos, enquanto observava o comportamento dos sujeitos. Sem perceber, notei um dos olhares direcionados à minha pessoa. Um homem havia parado seu estudo para fazer comigo exatamente o que eu estava fazendo naquele momento. Outro ponto importante a ser observado é sobre o barulho que as pessoas fazem sempre que abrem a porta, momento em que todos levantam suas cabeças como se tivessem acordado de um sono profundo. O mesmo movimento é feito quando o celular de alguém tilinta: ficamos todos com as nossas caras de assustados por alguns segundos, como se alguém nos despertasse dos nossos melhores sonhos.

O material da estante é apenas para consulta local. São diferentes tipos de documentos que variam entre livros de conhecimentos diversos a materiais para concurseiros. Pode-se dizer que o ideal de sujeito pensado para estar nesse setor é o adulto e o jovem que pesquisam, além daqueles que buscam conhecimentos de um modo geral com a variedade de materiais jornalísticos. A nomeação das estantes se configura como uma classificação dos livros para ostentarem uma identidade, assim, o leitor não precisa abrir um exemplar para saber do que se trata, pois a estante já fez isso, atribuindo um pouco da antecipação da leitura. Segundo Chartier (1999, p. 45), os livros nas estantes das bibliotecas são os meios pelos quais autores/as se fazem circular.

A minha permanência na biblioteca me faz notar a frequência de algumas pessoas adultas estudando na maior parte do tempo dentro da referência. Sempre que estou sentado, reconheço os rostos que já me são familiares, pois escolhem quase sempre as mesmas carteiras para se manterem quietos enquanto desenvolvem suas leituras concentradamente. Determinação e foco são as palavras que utilizo para compreender os seus movimentos, pois há

os que passam minutos sem levantar a cabeça para observar o que passa à sua volta – parecem estátuas, estátuas concentradas em seus estudos.

O acesso ao setor de referência se dá pelo vestíbulo, assim que subimos a rampa em direção ao primeiro piso. Esse espaço amplo lembra um museu com seus artefatos antigos, quadros, tapetes e paredes com momentos importantes da história de Pernambuco, como pode ser visto na próxima imagem.

Figura 9 – O vestíbulo do primeiro piso da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco



Fonte: Autor da pesquisa.

Livros e outros objetos valiosos estão expostos nas mesas de madeira no centro desse grande vestíbulo da Biblioteca, como as peças valiosas de um museu. Mais ao fundo na imagem, é possível ver o piano e um grande armário antigo com os registros dos livros (cada uma das suas gavetinhas testemunha a história do registro dos livros mais antigos da biblioteca). Ambos são objetos decorativos em madeira escura parados no centro do vestíbulo como testemunhas de outras temporalidades passadas, ao mesmo tempo em que se mantêm no presente.

Os registros impressos nas gavetinhas já se encontram digitalizados, e o armário de gavetinhas permanece fixo no chão do vestíbulo. Em cima dele, há um quadro com a imagem da entrada da Biblioteca Pública, ao lado de uma imagem em madeira de Jesus crucificado. Olhando-o, vem o desejo de abrir cada uma dessas gavetas para ler aqueles registros, mas logo a regra da proibição contém qualquer curioso que observa um armário de madeira, sem

cadeados, que parece ter parado no tempo, como quem quebrou o relógio ou rasgou o calendário.

O tempo parece não fazer sentido para essa testemunha de outros momentos da mesma Biblioteca na qual me encontro. Olhando essa imagem, sinto-me no passado e no presente, enquanto meus pés flutuam em uma época em que eu ainda não havia nascido, ao mesmo tempo em que permanecem fixos no grande vestíbulo no primeiro andar da biblioteca.

Esses deslocamentos no tempo podem ser feitos também em uma parte do chão do vestíbulo, pois é feito de um carpete enorme com mapas, textos e outros elementos que fazem homenagem à história da Revolução Pernambucana de 1817, imortalizada para nos ajudar a não esquecer do que foi aquele movimento separatista, tal qual uma réplica do painel criado em 1967 pelo artista José Corbiniano Lins, originalmente exposta na Praça Cívica na Avenida Cruz Cabugá no Recife – nessa fotografia vista em um painel de uma das colunas de concreto do salão.

Pode-se dizer que há uma vontade de pedagogia (ANDRADE; COSTA, 2017) no desejo da Biblioteca em manter viva a memória cultural através das exposições, como a que aparece na fotografia, que visa mostrar ao público coisas que fizeram e ainda fazem parte da nossa cultura, assim como a listagem das obras presentes em uma coluna branca em uma base de madeira pura que mostra os principais livros lidos pelos sujeitos durante um período, em uma tentativa de ensinar a todos sobre a importância dessa atividade.

Um das exposições que pude prestigiar durante a pesquisa ocorreu em 2019, cujo tema *Pernambuco Literário* mostrou a literatura de cordel e o cangaço em diferentes expressões artísticas, como artesanato, música e livros de autores e artistas do estado. Essa exibição com diferentes artefatos, a exemplo do chapéu de vaqueiro, também expôs ao público um documentário sobre a história e a cultura do cangaço pernambucano. Outra coisa presente nesse espaço foi um *banner* em tamanho médio colocado logo na entrada com um *ranking* dos principais livros lidos pelos frequentadores no primeiro semestre daquele ano.

Em outro momento nesse vestíbulo, pude testemunhar um pai com seu filho pequeno com uma mochila nas costas e segurando um prato de comida em uma das mãos, e na outra segurava a criança, ambos em situação de rua. Depois que entraram no banheiro, voltei à referência para recolher as minhas coisas para deixar a Biblioteca. No balcão, enquanto pegava a minha mochila, os dois passaram por mim, o pai com uma garrafinha cheia de água. Seguimos os três na direção da saída, eles atravessaram a Rua João Lira e entraram no Parque Treze de Maio.

A próxima fotografia é referente ao setor circulante, com todas as estantes de um acervo grande, duas delas na entrada com sugestões de livros consonantes ao tema em torno das questões sociais com ênfase em semanas comemorativas.

Figura 10 – Setor circulante da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco



Fonte: Autor da pesquisa.

Corredores de uma rua composta por estantes de livros espremidos com suas lombadas à mostra ao usuário da Biblioteca. Em outras estantes na entrada do setor, livros têm suas capas por completo expostas, tal qual no setor infantojuvenil. As ruas são marcadas pelos gêneros das diferentes obras, como se formassem uma cidade feita de caminhos marcados pelos nomes dos sujeitos que tiveram destaque na história que nos foi contada. Por essas ruas, o cheiro dos livros antigos aromatiza todo o espaço. Há a Rua das Ficções Brasileiras, Rua das Poesias, Rua dos Contos e Rua das Biografias, entre tantas outras abertas às possibilidades de viagem através da

sua literatura. Esses caminhos feitos de livros, nesse setor da Biblioteca Pública, fazem-me compreender que o sujeito idealizado é o jovem e o adulto letrados e interessados por diferentes gêneros textuais, da literatura clássica a textos mais contemporâneos, e que, de passagem por esse território, escolhem até duas obras para ler em casa por quinze dias.

São estantes cujo conteúdo remete também ao público que frequenta o setor de referência, mas que aqui pode ter a possibilidade de consultar, desejar, descobrir, encontrar e carregar esse material para casa. A vontade pedagógica da Biblioteca opera nesse setor através do controle da quantidade dos livros que podem ser emprestados. E o tempo desse empréstimo é imposto a todos, com possibilidade de penalização em caso de perda dos livros. Desse modo, no momento em que se dá a devolução dos livros por parte dos usuários da Biblioteca, há uma afirmação do espaço como uma pedagogia cultural, ao incidir nos corpos dos sujeitos para promover práticas de significação, ou seja, uma prática cultural que é adquirida, sobretudo, através de regras.

Em novembro de 2019, fiz uma pausa na leitura para visitar esse setor com o intuito de renovar alguns livros. O bibliotecário começou várias conversas paralelas. Uma das informações que me deixou surpreso foi o fato de que, quando um usuário não devolve um livro, fica em débito com a Biblioteca e, se isso durar, a instituição não vai atrás dele, e o livro se perde. Essas estantes também são como caixas de surpresas, por isso, um passeio por elas pode ser algo surpreendente. Não saber exatamente o que cada lado desses quarteirões reserva para nós é o que pode tornar esse passeio inesquecível, pois, a cada esquina, o improvável pode acontecer.

Não podemos desconsiderar que muitas vezes passamos muito tempo perdidos entre as estantes de uma biblioteca à procura de um livro com uma leve pontada de frustração por não decifrar os códigos de classificação do espaço, que parece mais uma linguagem secreta dos bibliotecários. Em alguns momentos, é preciso mergulhar de cabeça dentro da estante à procura de algum livro que parece ter se escondido por vontade própria de não ser encontrado. Livro da biblioteca escondido tal como árvore no meio da floresta (POLASTRON, 2013, p. 11), nem sempre o encontramos, às vezes é desconsiderado quando, durante a busca, o outro irrompe diante dos nossos olhos chamando a nossa atenção, como se estivesse há anos ali parado esperando pelo seu momento.

Em outro momento no ano de 2019, eu estava no setor circulante prestes a devolver um livro já pensando em renovar outro. Assim que cheguei, ocorreu-me a ideia de pegar mais outro emprestado, o que me fez pedir ajuda ao bibliotecário. Estávamos na estante das biografias. Ele,

deslizando o indicador pelas lombadas dos livros, tomou um susto ao encontrar a obra sobre alguma personalidade que lhe era familiar. “Eita! Tem esse livro aqui. Não sabia. Vou pegar depois”, disse-me. Antes de deixar o setor, notei duas estantes frontais, uma com livros de ficção e biografias que dialogavam com a semana da consciência negra, e outra com livros de poesia em consonância com a semana nacional da poesia, conforme consta na imagem anterior. Estantes que apresentam debates e semanas de conscientização nacional acerca de temas importantes a serem discutidos em sociedade, logo na entrada, como uma vitrine de joias raras.

Nesse setor, é possível encontrar também em uma das paredes um *ranking* com os nomes dos leitores do semestre, uma classificação que se dá pela quantidade de livros que os sujeitos pegam emprestado na Biblioteca em um período de aproximadamente seis meses. Enquanto leio os nomes daqueles diferentes leitores, fico a pensar de qual bairro são ou se residem em outras cidades, assim como vou tentando imaginar seus rostos enquanto meus olhos passeiam por seus nomes fixados naquelas tabelas e gráficos.

O cheiro de livros antigos é algo marcante, assim que adentramos à circulante. Aquelas estantes na entrada nos convidam para uma olhada em seus livros estrategicamente reunidos pela temática levantada no período em prol de uma visibilidade acerca de um tema ou questão de interesse social. Assim, do ponto de vista organizacional, essas estantes se abrem temporariamente, são como vitrines flutuantes, heterotopias de tempo breve, como diz Foucault (2013; 2015b). Trata-se de um pedaço de um não lugar capaz de reunir livros de diferentes gêneros de outras estantes para compor o seu corpo. Os livros se deslocam das suas estantes originais para formar uma outra estante que pode ser vista como uma heterotopia crônica, ligada ao tempo, não por ser eternidade (FOUCAULT, 2013, p. 25), mas o modo de exposição, uma ação temporária.

As campanhas de conscientização social em estantes fluidas que aparecem por um determinado período já com prazo para desaparecer têm o poder de reunir no seu interior os livros de diferentes gêneros, como que convocados a se retirar de suas estantes originais para compor esse pedaço de não lugar, ou não estante. O debate social promove esses deslocamentos dos livros, que passam a estar reunidos não mais pelas afinidades da estrutura textual, mas, sim, pelo mesmo conteúdo que diferentes tipos textuais podem carregar.

Segundo Manguel (2006), a organização de uma biblioteca é como espelho de um contexto social do seu tempo, um arranjo espacial em articulação com debates que circulam na sociedade. Isso sugere que o movimento de organizar uma estante por temas na entrada da Biblioteca é como um reflexo da arrumação do setor espelhando-se em temas de interesse

público. De acordo com esse autor, todo sistema organizacional das bibliotecas no mundo está imposto aos usuários com uma visão através de suas categorias (MANGUEL, 2006, p. 48).

Manguel (2006) também escreve que a massa de informação é o que faz existir na biblioteca sistemas de classificação para abrir o seu espaço em constante crescimento:

Bibliotecas são entidades em crescimento constante; parecem multiplicar-se por si sós, reproduzem-se por aquisição, furto, empréstimo, doação, por lacunas associativas ou pelos mais variados esforços de completude. Seja em Alexandria, Bagdá ou Roma. Essa massa de palavras em expansão acaba por exigir sistemas de classificação que lhe abram espaço para crescimento, fronteiras móveis que a salvem das limitações do alfabeto ou da inutilidade sob o peso excessivo dos itens numa mesma categoria. (MANGUEL, 2006, p. 56).

Esses diferentes movimentos em distintos contextos possibilitam a constante mutação das bibliotecas pela sua ordem organizacional. Regras de organização que conferem a vitalidade desses espaços para a garantia da memória. Para Manguel (2006, p. 63): “O mero fato de sabermos que os livros de uma biblioteca são arrumados segundo uma regra, seja ela qual for, confere-lhes identidades prévias, mesmo antes de abriremos suas páginas”.

O *ranking* dos frequentadores que mais leem os livros pode ser visto como uma classificação ordenada pelo critério da quantidade de livros emprestados em um período do ano. Dessa forma, funciona como uma premiação aos sujeitos que mais pegam os livros emprestados, reiterando que o ideal de sujeito pensado para usar este espaço é o jovem ou o adulto letrados. Segundo Carvalho (2018), o ritual performativo ensina muito mais aos que não foram premiados do que aos premiados, pois é um momento de reiteração de práticas e condutas selecionadas como as normais.

Pode-se dizer que o *ranking* funciona como uma ação de premiação. Essa organização implica no comportamento dos que não aparecem na lista, pois é através do reconhecimento como esse que a biblioteca reafirma um ideal de comportamento previsto – sujeitos letrados, leitores vorazes – estimulando, assim, que outros se espelhem nessas condutas. Segundo Andrade e Costa (2017, p. 10), a noção de pedagogia pública em Giroux está relacionada ao conjunto de forças ideológicas e institucionais com intenção de produzir sujeitos competitivos. Os arranjos sociais que têm por finalidade estabelecer a concorrência entre os sujeitos estão estruturados por relações de poder que possuem diferentes interesses.

Uma biblioteca é como um mundo desconhecido à espera de ser descoberto pelos frequentadores ávidos para começar a escrever as páginas da sua história. E cada uma/um que descobre essas terras nunca desbravada tem o poder de colorir cada folha dessa memória à sua

maneira. Segundo Goulemot (2011, p.221), a biblioteca é o lugar por excelência do passeio sem destino e da caça proibida. Ela possui uma ordem, está estruturada por diferentes regras, oferece materiais que podem surpreender quanto à capacidade de colaborar com estudos. Não saber o que nos espera, entre os diferentes caminhos dentro da biblioteca, é o que motiva ao constante retorno.

As fotografias vistas nesta subseção revelam a biblioteca como uma pedagogia cultural que confere identidades aos sujeitos pelos modos como classifica os setores e distribui o material, ou dito de outro modo, através de uma vontade de pedagogia nessas classificações e organizações de atividades culturais. De acordo com Hall (1997, p. 26), as identidades sociais são construídas no interior da representação através da cultura. É com essa reflexão levantada por esse autor que podemos dizer da classificação como uma operação poderosa da modernidade, pois é através dela que fortes valores circulam e sujeitos são fabricados.

São fotografias dos diferentes setores apontando que esses espaços de atendimento ao público da Biblioteca Estadual têm diferentes concepções de pessoas que frequentam cada uma das regiões. Os espaços se organizam do ponto de vista da literatura para receber os sujeitos. Pode-se dizer que há uma vontade de pedagogia operando nesses arranjos espaciais, da mesma forma nas oficinas, exposições ou qualquer outra atividade oferecida ao público. De certa forma, são tentativas de ensinar aos seus usuários sobre os valores da cultura, assim como a respeito da importância do hábito da leitura, algo que se dá nas estantes ou pela exposição de listas, a exemplo da indicação dos livros mais lidos, possivelmente uma clara tentativa de mostrar que ali a leitura se faz presente, que os seus livros estão sendo utilizados, como modelo de comportamento ideal a ser copiado por outros sujeitos.

A vontade de pedagogia presente nesses diferentes espaços que têm estantes-vitrines com sugestões de leituras, cujas obras possuem capas totalmente expostas ao público, configura-se como desejo de incidir nas práticas de leituras dos seus usuários através da rememoração de expressões culturais de alta relevância com o intuito de garantir a memória.

Do ponto de vista estético, os principais setores de atendimento ao público da Biblioteca Estadual, setor infantojuvenil, setor circulante e setor de referência, estão organizados com suas decorações, objetos e livros de uma forma que convida os frequentadores a estarem no seu interior. Pode-se dizer que há na organização desses espaços uma classificação do ponto de vista da geração, pois, ainda que haja a possibilidade de livre circulação das pessoas de diferentes idades por todas as regiões da Biblioteca, a organização do espaço funciona como um discurso que diz para quem ele foi pensado.

3.5 CRIANDO FRONTEIRAS DE GÊNERO

Os mergulhos que dei pelas memórias da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco nas páginas do Relatório de 1927 me deslocaram para a compreensão de que o espaço, ao criar os serviços, constrói também pessoas. É o que se vê em Cunha (1927, p. 8), quando planeja organizar salas específicas por gênero naquele começo de século XX, em que eram oferecidos diferentes materiais literários às mulheres e homens. Após percorrer as páginas escritas desse documento, senti a necessidade de me lançar em outra aventura pelas memórias da Biblioteca. Assim, explorei as páginas da literatura direcionada às mulheres da primeira metade do século passado, presente no acervo de obras raras dessa Biblioteca.

Em razão disso, ocorreu-me um encontro com diferentes revistas presentes no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco que me foram importantes para compreender melhor o que nos escreveu Cunha em 1927 sobre a importância da projeção de uma sala específica para garantir uma educação segura às mulheres.

Classificar os espaços e ordená-los para definir atributos encontra-se no projeto de reforma da Biblioteca de 1927, com vistas, entre outras coisas, a construir diferentes salas de estudo para cada gênero – de um lado, as mulheres e, de outro, os homens. Esse enunciado evidencia a organização espacial da Biblioteca do ponto de vista de gênero, com efeitos nos modos de subjetivação através dos diferentes materiais selecionados para cada um dos setores (CUNHA, 1927, p .8).

O espaço para as senhoras, tal como está no registro do relatório, deveria ser:

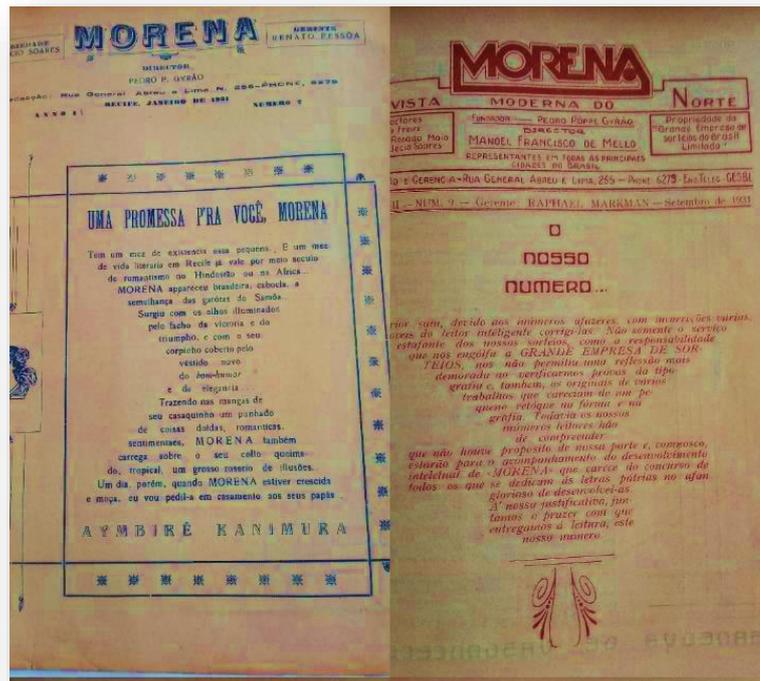
[...] uma sala especial no novo edifício para senhoras, com revistas, jornaes, ilustrações e livros uteis á cultura feminina, o que viria concorrer para elevar o nível intelectual da mulher pernambucana, fornecendo-lhe boa leitura, publicações de actualidade feminina e, assim um meio facil e seguro de educação. (CUNHA, 1927, p. 8).

De modo geral, o documento deixa evidente que a construção dessa sala serviria para o funcionamento de atividades que garantissem uma boa leitura de diferentes tipos textuais de atualidades do universo feminino, entretanto não deixa claros quais os títulos das obras escolhidas naquele momento para compor as seções das estantes no interior desse espaço.

Movido pela curiosidade de saber a respeito da presença da literatura de grande circulação voltada para as mulheres no começo do século XX, mergulhei no acervo de obras

raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco para encontrar essas publicações. Em consequência dessas imersões, conheci as revistas *Morena* e *Deliciosa* com capas cujas diagramações, em sua maioria, fazem referência à cintura de pilão, como vemos na imagem a seguir.

Figura 11 – Capas da Revista Morena



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Nos anos 1920, os livros e impressos dirigidos às mulheres tratavam de temas que se voltavam para os cuidados das tarefas do lar, dos filhos e do marido, além das práticas socialmente aceitas como a boa conduta da mulher – conhecimento permitido entre os limites de um espaço dentro de uma prática de controle do exercício de leitura pela perspectiva de gênero e disciplinamento das mulheres. Espaços como a biblioteca reiteram práticas discursivas através dessa projeção de sala com tais publicações, exemplo disso são as revistas *Morena* e *Deliciosa*, entre outras publicações da época guardadas no acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Trata-se de uma prática discursiva que determina as regras de convivência na biblioteca do ponto de vista de gênero. A projeção de uma seção para as mulheres define uma posição de

sujeito de gênero, ou seja, designa para os sujeitos de gênero a “situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos” (FOUCAULT, 2008, p. 59).

A *Revista Morena* é composta por textos de tom poético que dizem respeito, em sua maioria, aos amores românticos, fazendo muito uso de palavras de gentileza e docilidade para se referir às mulheres. Há também alguns escritos e publicidades que são direcionadas ao público masculino. É o que se vê nas páginas que divulgam barbearias e alfaiates, entre outros serviços.

Já a revista *Deliciosa* não é muito diferente da outra. Ambas parecem ser a mesma revista, apenas com títulos diferentes. Há o mesmo padrão de textos escritos em tom poético para narrar histórias quase épicas de grandes amores, com uma forte lição moral ao fundo. Uma edição específica dessa revista me chamou a atenção pela presença de uma menina na capa, conforme pode ser visto na imagem a seguir.

Figura 12: Capa da Revista Deliciosa



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Do ponto de vista da arquitetura, o espaço pode ser compreendido como um discurso tal como está sustentado por Frago e Escolano (1998), em suas análises das espacialidades de espaços educacionais. Como discurso, tem a função de uma criação cultural (FRAGO; ESCOLANO, 1998, p.26). Com esse entendimento da edificação da biblioteca como um discurso, observo como ele reverbera outros enunciados que estão localizados em outras esferas da sociedade, de modo que, por estarem interligados pela rede discursiva, podem ser localizados

também em diferentes momentos. Afinal, naquele período, as posições dos sujeitos de gênero estavam bem demarcadas e reiteradas nos diferentes discursos da sociedade. O lugar do homem era o trabalho externo e o lugar da mulher o lar, com a função principal da maternidade.

Essa separação das salas de leitura por gênero é um modo de enunciação que reitera por meio da arquitetura enunciados sobre o ser mulher e o ser homem. Esse conjunto de diferentes valores dispostos em diferentes salas ajuda a dizer das condutas e posições de sujeito na sociedade.

[...]. A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. (FRAGO; ESCOLANO, 1998 p. 26).

A classificação das salas de leitura do ponto de vista de gênero incide na formação da identidade de gênero de mulheres e homens por meio dos objetos culturais disponibilizados, livros e materiais impressos em geral previamente selecionados e organizados nas diferentes salas com o objetivo de condicionar a leitura dos sujeitos. Essa ação se configura como um controle das práticas literárias dentro da biblioteca.

A modernidade foi o período em que as instituições escola e família passaram a agir na formação pessoal e social do sujeito, ação formativa que se expressa em todos os momentos da vida do indivíduo, seja no tempo livre, seja no não livre.

O meu acolhimento a essa contextualização está sustentado na pesquisa de Almeida (2008) sobre revistas femininas de educação da mulher, que teve como objeto empírico o *Jornal das Moças*⁷ para apontar as formas disciplinares cujo objetivo é construir o sujeito civilizado e obediente, mesmo fora do trabalho, tendo na leitura uma potência para fazer valer um projeto de disciplinarização.

O *Jornal das Moças* e outras publicações destinadas às mulheres no começo do século XX fizeram parte da literatura posta às mulheres como reforço do modelo de suas condutas. Puericultura, cuidados domésticos e fidelidade ao marido, entre outros valores, eram atribuídos ao público feminino nessas publicações com larga escala de circulação nesse conjunto literário que reiterou os valores da família heterossexual cristã. É importante situar que, a partir do século XIX, configurou-se um conjunto de práticas discursivas em diferentes campos de saber,

⁷ Periódico direcionado às mulheres do Brasil na primeira metade do século XX (1914-1965).

como a medicina e a pedagogia, voltadas para a conduta moral dos indivíduos na sexualidade, cujo cuidado está relacionado à austeridade sexual (FOUCAULT, 2017, p. 29).

A literatura em circulação no começo do século passado, da qual fazem parte o *Jornal das Moças*, a *Revista Morena* e a *Revista Deliciosa*, constitui a rede discursiva implicada sobre gênero em diferentes práticas sociais. O debate em torno da educação da mulher no Brasil no começo do século XX se mostra pertinente para refletir sobre a classificação por gênero na proposta do Relatório de 1927. Para Almeida (2008), as influências dessa prática educativa se deram muito tempo pela influência da tradição ibérica, a mesma educação dada às mulheres portuguesas, voltada para os cuidados domésticos, do marido e dos filhos, por serem consideradas integrantes do sexo inferior.

Figura 13 – Capa do *Jornal das Moças* (ed. 629, julho de 1927)



Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira – *Jornal das Moças: Revista Quinzenal Ilustrada* (RJ).

O século XX foi o da valorização da instrução feminina, termo que se refere a um modo de treinamento. Esse foi o contexto favorável para o fortalecimento dos enunciados sobre ser mulher como alguém dócil, cuidadora e do lar, o que permitiu à Biblioteca Estadual pensar um espaço específico para as mulheres. Quando dizemos que os enunciados que constam no projeto de 1927 estão em um campo discursivo é porque, para além da entrada do Salão das Senhoras,

eles se repetem de diferentes modos, seja na literatura como nas revistas *Morena* e *Deliciosa* e no *Jornal das Moças*, seja em outros artefatos.

Docilidade e cuidado vinculados à identidade da mulher foram os enunciados que possibilitaram a sua entrada no campo acadêmico, sobretudo no século XX, especificamente nas profissões de enfermagem e pedagogia, atividades que não estavam distantes do seu papel no lar. Esse enunciado sobre ser mulher apareceu na literatura sobre civilidade, moda, higiene, culinária e saúde das crianças, em diferentes tipos de publicação em circulação, como as revistas femininas, a exemplo do *Jornal das Moças* na pesquisa de Almeida (2008). Assim, havia uma diversidade textual que não escapava do controle do que era permitido e do que era proibido, um controle feito pelas instituições sociais – Igreja, família e escola.

Prova disso se expressa na página em que a revista *Morena* se dedica a mostrar leitoras “suburbanas”, como as ganhadoras de concursos de beleza e uma aluna da Escola Normal que se destacava por sua inteligência, como podemos ver na imagem a seguir.

Figura 14 – As leitoras “suburbanas” da Revista *Morena*



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Schwarcz (2019) escreve que, no final dos anos de 1870, ocorreu no Brasil um aumento de escolas públicas criadas pelo governo imperial, que teve como iniciativa criar os primeiros prédios escolares nomeados de “palácios escolares”, visando proteger, assistir, educar e instruir as crianças. Assim, a autora nos escreve que, com o tempo, as escolas ficaram especializadas, separando as crianças por gênero, cabendo à educação das garotas a doutrina cristã, leitura, escrita e cálculo elementar, entre as aulas de bordado e costura (SCHWARCZ, 2019, p. 135). Uma educação desigual com restrição de conhecimentos mais complexos e que localizava as meninas na esfera do lar.

Vejo revistas *Morena* e *Deliciosa* como produtos literários que fazem ecoar o que nos escreve Foucault (2014c) sobre o disciplinamento. Isso sugere que tais revistas, quando organizadas nas estantes, estariam projetando um poder na consciência das leituras que reverberam nas formas de se comportar, se posicionar e se portar através das leituras femininas disponibilizadas às mulheres daquele início do século XX que projetavam uma educação feminina voltada para uma docilidade que se encaixava perfeitamente com o papel de educadora e cuidadora do lar, filhos e marido, valores cobrados à época.

Trata-se de leituras com função subjetivadora que ativam posições de sujeitos na sociedade, formas de existência das mulheres construídas nas práticas culturais que as localizam em lugares específicos da sociedade previamente reservados para elas, negando-se o direito a acessar o conhecimento que advém das ciências. São identidades que podem ser entendidas como discursos cujos enunciados podem ser identificados em outros espaços que repetem o papel da mulher na sociedade, pois as nossas identidades precisam ser compreendidas na prática cultural como práticas discursivas (HALL, 1997, p. 29).

De acordo com o autor citado, a expansão da cultura se dá em formas mais amplas e abrangentes de instituições e práticas, assim, é possível falar sobre cultura em diferentes aspectos (HALL, 1997, p. 32). Os enunciados presentes na projeção de uma sala específica para as mulheres com toda uma escolha literária para ser apreciada por elas é uma forma de fazer existir o enunciado do papel da mulher como ser gentil, generoso e que cuida – uma cultura da maternidade e da família.

Não há enunciado que de uma forma ou outra não reatualize outros (FOUCAULT, 2008). Conforme nos escreve esse filósofo, os enunciados estão sempre em rede e para compreendê-los é preciso olhar para esse campo associado. Assim, procurei, em outro momento

da história da educação no Brasil, esse mesmo enunciado que classifica e separa as classes escolares do ponto de vista de gênero.

Saviani (2013), ao registrar as ideias pedagógicas do Brasil do século XIX, momento de coexistência entre as vertentes religiosa e leiga da pedagogia tradicional, compartilha sobre a reforma da Escola Normal de São Paulo em 1890 com o advento dos grupos escolares. Centrada na escola primária, o objetivo era agrupar os alunos com o mesmo nível de aprendizagem na formação das classes, assim estava previsto o órgão de demonstração metodológica, cuja estrutura se dava por duas classes, uma masculina e a outra feminina, configurando claramente uma divisão de alunos do ponto de vista de gênero.

Para Foucault (2008), a repetição é uma particularidade do enunciado de materialidade repetível. Assim, busquei fazer mais um recuo no tempo, especificamente no período do Brasil Colônia, momento em que esse mesmo enunciado se expressa na proposta de organização do espaço educativo do ponto de vista de gênero. Saviani (2013) registra as ideias pedagógicas de uma educação brasílica no período em que os jesuítas aqui estiveram presentes. Conforme esse autor, Manoel da Nóbrega, ao pretender implantar uma extensa cadeia de colégios no litoral brasileiro, visava a um projeto de educação para o sexo feminino que não foi visto com bons olhos pela Metrópole. Isso se configura como uma das primeiras tentativas de separação da educação das mulheres no Brasil.

Esses recortes no tempo mostram que a biblioteca opera reiterando uma rede discursiva sobre a leitura adequada para o universo feminino. Há uma repetição que tende a normalizar a organização do espaço do ponto de vista binário para classificar os lugares onde os sujeitos devem ser posicionados conforme o seu gênero.

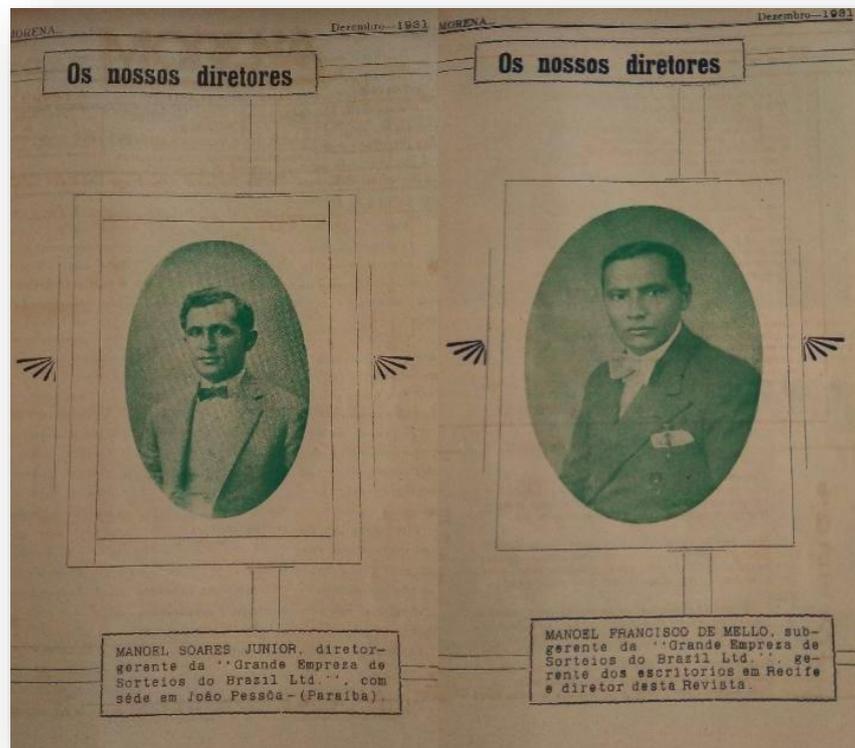
No mesmo relatório de 1927, algumas páginas à frente, após abordar o projeto de construção de uma sala para as senhoras, mostra-se, em uma folha completa, o seu ideal de educação para os homens, ao planejar também a Sala de Iniciação Cultural para Moços, tendo em vista a compra de um acervo de acordo com o corpo docente dos cursos oficiais, como direito, medicina, engenharia, entre outros (CUNHA, 1927).

A proposta de criação da sala dos moços, na verdade, era o projeto de construção de uma pequena biblioteca para homens. Conforme consta no documento (CUNHA, 1927), tratava-se de uma *Pequena Biblioteca Circulante* para iniciação como meio prático de difusão do ensino superior e da cultura em geral. Em decorrência disso, o espaço serviria para validar a presença dos sujeitos do sexo masculino na condução da vida social em diferentes áreas do

conhecimento, pois é nesse trecho do texto que vemos algumas palavras-chaves, como pesquisa, centro ativo de educação e necessidade de organização do meio.

Percorrendo as páginas da *Revista Morena*, pude perceber que era uma publicação de grande circulação voltada para as mulheres, mas que era dirigida por homens, o que pode ser visto na imagem a seguir. Do mesmo modo, dá-se a direção do *Jornal das Moças* e da *Revista Deliciosa*.

Figura 15 – Diretores da Revista Morena em dezembro de 1931



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Outro ponto relevante é o fato de que essas publicações, ainda que se voltassem para o público feminino, tinham a colaboração de homens leitores que passavam a fazer parte do quadro do público que consumia tais revistas. Em virtude disso, passo a compreender que esse material literário posicionava os gêneros em um espaço pelos modos como passava a incidir nas diferentes formas como cada uma/um deveria se comportar e agir. Em dezembro de 1931, a *Revista Morena* mostrou a diversidade de homens e mulheres em uma página cujo título dizia sobre seus bons “amigos”. Conforme podemos ver na próxima imagem, as mulheres eram

colocadas como seres frágeis e doces, sempre acompanhadas por adjetivos que enalteciam a docilidade, elegância e inteligência. Já os homens eram vistos como os agentes da revista espalhados por diferentes regiões de Pernambuco e da Paraíba.

Figura 16 – Os bons “amigos” da Revista Morena (dezembro de 1931)



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Aprendemos com Foucault (2014b) que é através das técnicas e procedimentos de correção que se expressam as artes de governar a si e aos outros, fazendo funcionar a governamentalidade. Ao propor a construção de uma sala específica para cada identidade de gênero, a Biblioteca convida as mulheres e os homens a utilizar os espaços previamente reservados. Fica evidente, no projeto de 1927, uma classificação das salas da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco, segundo o ponto de vista de gênero que faz operar o poder disciplinar.

Essa dispersão dos corpos por gêneros no espaço da Biblioteca é uma das técnicas de operação do disciplinamento. Para Foucault (2014c), as localizações funcionais dos corpos em espaços determinados servem a uma utilidade. Na perspectiva teórica apresentada por Foucault (2014c), cercar e posicionar os corpos em determinados lugares no espaço não se trata de uma ação neutra, pois há intenção de produção de corpos obedientes, configurando-se como uma operação do poder.

Segundo Castro (2016, p. 110), o exercício disciplinar do ponto de vista do poder em Foucault tem por objetivo e resultado a singularização dos indivíduos. Observa-se, nas palavras desse autor, que o ponto de vista produtivo do disciplinamento em Foucault é a produção de singularidades, tal como as identidades de gênero construídas na prática social.

Compreendo gênero do ponto de vista de Louro (2014), como um desprendimento das características sexuais, mesmo considerando as formas como são representadas na esfera social, para entendermos como aquilo que é dito sobre ser homem e ser mulher acaba construindo a identidade do homem e da mulher. De acordo com essa autora, o que se diz sobre ser feminino ou ser masculino é o que constrói o que é feminino e o que é masculino em um momento histórico, assim a compreensão do lugar que homens e mulheres ocupam na sociedade se dá em tudo o que socialmente se constitui sobre os sexos (LOURO, 2014, p. 25).

A posição de sujeito de gênero nos espaços sociais é um território discursivo por onde se realizam os diferentes tipos de enunciados. Projetar uma sala para os moços é convidar a juventude masculina para ocupar um espaço socialmente privilegiado que promove os homens como os provedores do lar em condições de ocupar os espaços de protagonismo da sociedade. Essa perspectiva não se aplica à identidade feminina, destinada à sala das senhoras projetada para contribuir para a educação segura das mulheres, um ideal de formação cultural previsto para as mulheres com os conhecimentos do universo feminino previamente selecionados. Basta observar nas publicações aqui já citadas que elas expressam, entre outros elementos culturais,

os afazeres domésticos, corte e costura, e puericultura, além de outros exemplos historicamente constituídos como atividades vinculadas às mulheres.

Selecionar, escolher e projetar todo um corpo de documentos específicos para as mulheres nessa perspectiva é fazer circular enunciados que vinculam a mulher aos serviços do lar, ao ser mãe, ao cuidar do marido. Posto isto, aquilo que foge a esse contexto de conhecimentos oferece perigo ao ideal de mulher representada no Relatório de 1927, pois era preciso, com a criação do salão para senhoras, manter a regularidade de que a mulher não precisaria atuar com autonomia nos diferentes espaços previamente reservados aos homens.

No projeto também estão previstas as construções de outros espaços para promover cursos especiais de literatura, exposição de livros e comemorações cívicas, atividades consideradas como indispensáveis para transformar a Biblioteca num centro ativo de cultura (CUNHA, 1927).

A diferença das salas da Biblioteca do ponto de vista de gênero contribui com a formação identitária de gênero do que pode ser uma mulher e o que é ser homem. A Biblioteca passa a fazer parte de um corpo de instituições que na prática social vão dizendo aos sujeitos, delimitando o universo do sexo feminino e lhe ensinando também o que não faz parte dele, assim como abrindo possibilidades historicamente reservadas ao sexo masculino, quando lhes entrega o corpo científico como opção de material a ser consumido.

As identidades de gênero são construções que se dão na prática social, assim podemos afirmar que essas identificações do que era ser mulher e ser homem naquele final dos anos de 1920 se deram através da literatura que lhes eram reservadas. Uma escolha que, por mais naturalizada que pudesse parecer, não passava de uma construção pensada e projetada para manter as posições dos sujeitos dessa forma, tão estáticas quanto os tijolos nas paredes das salas para senhoras e a pequena biblioteca de iniciação para os moços. Assim são as identidades de gênero pequenos tijolos fixos que vão nos sendo impostos até se formar uma parede fixa que nos confere uma identificação daquilo que somos.

4 ESTANTE

Figura 17 – Fotos justapostas da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco



Fonte: Montagem do autor a partir de fotografias das bibliotecas.

4.1 DERIVAS NO TEMPO PANDÊMICO

Esta subseção trata de uma análise cultural dos escritos que emergiram nesta pesquisa e de imagens recentes e antigas sobre a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. Os registros são atos criativos que se inspiram na escrita alegórica surrealista de uma etnografia pós-moderna, sem pretensão de ser um texto propriamente etnográfico de raiz antropológica (CLIFFORD, 2014). Nessa perspectiva, para a análise, também foram usados elementos da análise do discurso e da análise cultural devido a enunciados percebidos no material empírico composto por textos, novamente nomeados por cenas, em fotografias antigas da Biblioteca e em outras imagens produzidas por mim durante o período em campo.

Natureza poética, tradicional e cosmológica compõe a escrita de uma etnográfica alegórica (CLIFFORD, 2014), portanto procurei estruturar as cenas das minhas derivas, sobretudo em momentos do caminhar e parar (CARERI, 2017), brincando com as diferentes figuras de linguagem que me permitiram viabilizar o refletir sobre a Biblioteca pela ordem do improvável. Esse é o tom que compõe as cenas desta subseção de análise, um texto de aproximação surrealista cuja estética procura preservar os fragmentos de momentos inimagináveis em que me fiz biblioteca enquanto estava em campo.

O eixo norteador foi uma ruptura com a continuidade da descrição cultural para dar visibilidade aos sistemas de significação ocorridos no território da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. A análise emerge dos acidentes ocorridos nas divagações pelos descaminhos da Biblioteca no período de 2019 e 2020. São cenas de fragmentos de histórias contingenciais ocorridas na Biblioteca que sugeriram de forma inesperada em campo. Porém, é válido salientar que essas imagens nada mais são do que ficções de ficções, não a experiência em si, mas, sim, uma representação da representação. É importante frisar também que neste trabalho não constam histórias ditas verdadeiras, mas narrativas sobre o cotidiano que não puderam ser controladas, as que escaparam diante dos meus olhos no decorrer da pesquisa.

Há também nesta subseção imagens capturadas no período da pesquisa e fotografias antigas da Biblioteca. É importante argumentar novamente que os enunciados presentes nestes registros e nas imagens não garantem a efetividade da subjetividade. São cenas e imagens do cotidiano com elementos que representam o que fazem os sujeitos com a experiência de Biblioteca.

Tento imaginar essa arquitetura cheia de coisas que emanam vida, como uma célula composta por um conjunto de diferentes expressões culturais presentes em suas organelas,

livros e computadores, entre outros artefatos mergulhados na estrutura gelatinosa do seu citoplasma, quase que pequenos órgãos no entorno do núcleo que carrega a memória das culturas e a potência para inspirar as histórias que estão por vir. Essa poderosa célula atua na formação de seres grandiosos para o corpo. Tecidos, músculos, ou qualquer outra coisa nova que possa ser sonhada dentro ou fora dos seus limites territoriais.

Fluido de aparência gelatinosa, é, assim, a composição do espaço interno de todas as nossas células. Moléculas orgânicas e organelas em torno do núcleo preservando a memória de tudo aquilo que a célula é, foi e ainda está para ser, tal como no interior de uma biblioteca com todas aqueles diferentes artefatos prontos para se conectar a outras células e juntas, preservar esse DNA social que é a nossa cultura. Foi Battles (2003) quem escreveu que os livros de uma biblioteca são como órgãos espremidos uns contra os outros na escuridão. Os livros são como as coisas vivas e inanimadas do mundo. São como as coisas vivas, não exatamente como textos, objetos do mundo (BATTLES, 2003, p. 16). Mais do que texto, possuem uma vida.

Esse corpo-biblioteca sofreu um ataque de um agente externo, o novo coronavírus. Tomado de surpresa, de repente, a dinâmica dentro dele se fez outra, já não podíamos nos deslocar por ele como antes. Novas regras surgiram o mais breve possível para que pudéssemos expulsar desse corpo o indesejado. A Biblioteca Estadual reativou parte dos seus serviços dentro de um contexto difícil que impôs a reabertura de outros espaços públicos, empurrando funcionários, frequentadores ou clientes para conviver nesse “novo normal”, lado a lado com o perigo. Na pandemia de 2020, os direitos à proteção e imunização se articularam como ameaças às demandas que Estado, mercado e corporações ditam (FREITAS, 2020, p. 20). O “novo normal” nada mais é do que a tentativa de sobrevivência, entre outras coisas, do capital daqueles que detêm o poder, nem que para isso uma parte da população, que não pode ficar em casa, saia para arriscar a sorte no mundo do trabalho.

Diante desse cenário pandêmico, a reabertura da Biblioteca Pública de Pernambuco se deu no começo do terceiro trimestre de 2020. Após o primeiro mês do retorno de parte das suas atividades, decidi voltar a campo por entender que ainda precisava de respostas para as minhas questões de pesquisa, agora embevecido pelas contribuições da banca de qualificação.

Sabendo dessa conjuntura, optei por estar na Biblioteca respeitando os protocolos de segurança, consciente da ameaça do coronavírus. Atento a essa adversidade, um contexto tão difícil e triste para o mundo, voltei à Biblioteca em outubro para mais um período de observações e registros como narrador em um momento pandêmico, procurando juntar os pedaços do que nos restou com o avanço da pandemia nos primeiros meses de 2020, um cenário

difícil, tal qual o pós-guerra, ao despedaçar ideias, sonhos e vidas, pois a morte é a sanção daquilo que o narrador pode contar (BENJAMIN, 1994).

Os registros do que me fiz na Biblioteca Estadual compõem o corpo empírico desta subseção, uma análise cultural das notas de um pesquisador da biblioteca em um tempo pandêmico. Cenas em que jogo com o alegórico surrealista, utilizando-me também de metáforas durante as costuras do debate. Comparo a Biblioteca em seu “novo normal” com uma célula humana adoecida por um vírus, assim estabeleço uma reflexão sobre esse espaço como se fosse um grande corpo. Nos dizeres de Battles (2003, p.12), a biblioteca é como um corpo humano. Imagino que, do ponto de vista da arquitetura, ela é um corpo com seus sistemas em funcionamento, uma grande caixa complexa com informações metabólicas e genéticas, indispensáveis para o funcionamento e a reativação da memória social. Ocorre que esse ser/corpo foi atacado pelo novo coronavírus em 2020. Situação perigosa que passou a alterar todo o funcionamento das suas células, pois o novo coronavírus as usa para se multiplicar.

Uma pandemia inesperada e prontamente precisa que redirecionou o fluxo normal das nossas vidas para combater o indesejado. Em decorrência disso, foi preciso elaborar formas para continuar existindo enquanto espaço de interações sociais. Assim, ocorreu uma modificação de toda a dinâmica cultural dentro da Biblioteca, fazendo como que a vida tomasse outros rumos, abrindo novos espaços nunca pensados.

A marcação temporal das divagações desta subseção corresponde ao momento de observações que se iniciou em outubro de 2020, período em que as cenas foram registradas. No primeiro momento desta análise, estão as navegações pelo citoplasma dessa Biblioteca vista como uma célula, em seguida, as balizas no entorno da membrana, ou o caminhar do lado de fora.

4.1.1 Mergulhos pelo citoplasma da biblioteca

Após quase oito meses distante, precisei controlar minha ansiedade dentro do ônibus, enquanto estava a caminho da Biblioteca Estadual. Com máscara de proteção no rosto e carregando minha mochila, não larguei um pequeno frasco de álcool que possuía em mãos. Conferia se não havia esquecido nada em casa, pois estavam em minha posse dois livros da Biblioteca desde março. Livros que foram mais do que lidos: são a testemunha da angústia que sentia todos esses meses querendo devolvê-los, já na intenção de encontrar-me com outros, mas esse dia parecia algo distante. Olhei muito para eles enquanto desejava ver as portas da

Biblioteca abertas, tendo que controlar essa vontade de devolução, desejando um novo empréstimo. Finalmente outubro, e com ele a oportunidade de voltar à Biblioteca, ainda que fosse apenas para devolver os livros no primeiro momento que esperava ser bem breve, porque o ano de 2020 foi quase todo de distanciamento em decorrência da pandemia. Dentro do ônibus, sabia que ainda não poderia voltar para casa com outros livros da Biblioteca, mas o fato de saber da disponibilidade do serviço de devoluções foi o que acendeu em mim a esperança de dias melhores. Estava ansioso por matar a saudade daquele cheiro de biblioteca, aroma de livros antigos dentro dos setores e o de perfume de jasmim no jardim, bálsamos para a minha alma.

Desci do ônibus com o frasco de álcool na mão. As escolas silenciosas, as ruas desertas como nas primeiras horas de uma manhã de feriado. A inesperada pandemia de 2020 impôs um desafio ao mundo. As interações humanas passaram a ameaçar as vidas por todo o planeta, colocando-nos em isolamento como uma das medidas para conter o avanço do vírus. Após alguns meses de instauração da quarentena rígida, com o fechamento do comércio, escolas e repartições públicas, entre outros espaços, decidiu-se “afrouxar” essa privação com a autorização dos governos estaduais. Os espaços foram reabertos seguindo os protocolos de segurança para contenção do coronavírus, em sua maioria, uso de máscara e álcool a 70%, no que se nomeou de “o novo normal”, ou as novas formas de estar nos lugares lado a lado com o perigo, pois, no começo do terceiro trimestre de 2020, o período de vacinação ainda não havia se tornado uma realidade no Brasil.

O termômetro, objeto criado pelo homem para medir o movimento das ondas da temperatura no nosso corpo. A ondulação dessa tempérie oscila e se altera quando um corpo estranho invade nossas células. Meu corpo estava diante do termômetro, a condição para acessar o espaço da Biblioteca. Os segundos pareciam horas intermináveis, e meus olhos estavam fixos no artefato enquanto refletia sobre as possíveis barreiras que impossibilitavam o acesso ao espaço. É impossível não achar que se pode descobrir uma febre de surpresa, ou que se foi contaminado pelo novo coronavírus. Naquele momento, a temperatura foi um discurso, fez falar o que se passava por dentro através das ondas magnéticas, que agora eram o grau de acesso à Biblioteca. O bipe do termômetro disparou! Estava tudo bem comigo. A temperatura do meu corpo autorizou minha entrada na Biblioteca.

Além da estabilidade da temperatura do corpo, era preciso fazer uso de máscara para acessar a Biblioteca Estadual nos tempos da pandemia de 2020, tal qual em outros espaços públicos. Assim que adentrei-a, após quase seis meses distante, encontrei alguns dos setores fechados, uma parte dos serviços restritos ou desativados. Suportes de álcool espalhados por

todas as regiões até onde era permitido circular. Esse foi o momento em que uma nova Biblioteca Pública se apresentou diante dos meus olhos.

A cena a seguir, *Livros em quarentena*, retrata o momento em que um artefato famoso em quase todas as bibliotecas, sobretudo nas públicas, apresenta-se totalmente afetado por todo o contexto pandêmico de 2020, que lhe conferiu outra função, pois, sem esse contexto de forte impacto sanitário no mundo, jamais poderíamos pensar na sua existência, uma prova material do ataque do vírus às organelas da Biblioteca. Emergiu diante dos meus olhos, assim que entrei pelo grande vestíbulo.

Livros em quarentena

A quarentena é um momento de suspensão do espaço-tempo, um congelamento da vida. Afasta-se para proteger. Uma estante-vitrine no meio do museu da Biblioteca Estadual poderia passar despercebida se não fosse composta pelos livros em quarentena. Os livros em quarentena precisam de um tempo para voltar às suas estantes originais, e, assim, evitar contaminar outros livros depois de retornarem das mãos dos usuários. No espaço flutuante da estante nomeada pelos livros em quarentena, as obras de diferentes gêneros se encontram em um mesmo espaço dividindo um momento, uma não estante, ou pedaço de não lugar, prestes ao desaparecimento. (16/11/2020).

A estante dos livros em quarentena foi instalada no vestíbulo do primeiro andar da Biblioteca para receber os livros que estavam com os usuários antes da pandemia. Pensada como uma das medidas de segurança em decorrência desse contexto pandêmico, nela o material precisava ficar isolado para evitar que outras contaminações acontecessem, tal qual nos humanos. Assim, essa estante, cujo tempo será breve, expressava bem toda a realidade da sociedade na pandemia do novo coronavírus. Localizada na entrada, servia para acomodar os livros que foram emprestados antes do fechamento da Biblioteca, pois apenas o serviço de devolução, o uso das salas da referência e a praça da informação estavam disponíveis.

Um artefato cuidadosamente elaborado para reforçar os cuidados que devemos ter em um momento tão delicado. Estantes não brotam completas dentro das bibliotecas sem passar por decisões e escolhas. Muitas vezes, a configuração organizacional recebe outras ordens, e, no contexto da pandemia de 2020, a suspensão para evitar a propagação do novo coronavírus se mostrava em todos os aspectos da vida social, como pode ser visto nessa cena em que os livros são postos em quarentena. Uma estante afastada dos sujeitos da Biblioteca, onde não é permitido o acesso aos livros. Com essa estante, a Biblioteca reforça valores em torno de

proteção e cuidados para preservação da vida durante o momento de pandemia, contribuindo para que todas e todos se conscientizem.

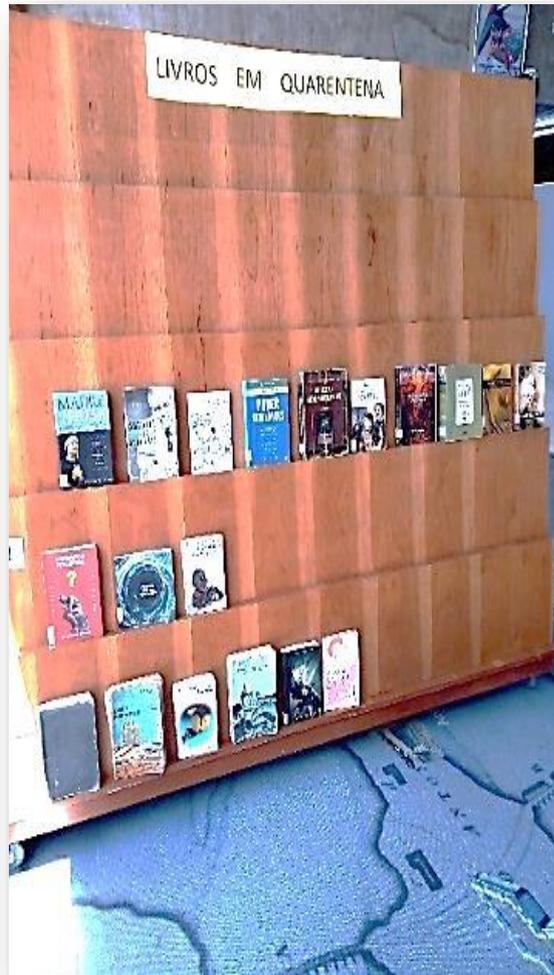
A estante também representa as angústias e medos referentes a esse momento peculiar com o afastamento físico das pessoas que amamos. Devolvemos os livros nas mãos dos bibliotecários de plantão. Em seguida, eles foram deixados sozinhos na estante. Distantes uns dos outros, ficam os livros afastados em isolamento tanto quanto os nossos os nossos corpos nas nossas residências. A estante dos livros em quarentena foi mais uma das tentativas, entre álcool, termômetro e restrições, para conscientizar sobre a iminência do perigo que, quando afastado, afastaria também a estante dos livros em quarentena.

Estante, entendida aqui como um espaço, é o artefato onde os livros fazem morada. Reflito um pouco sobre como o mundo estará após esta pausa dolorosa, para acreditar no fim da estante dos livros em quarentena tal qual nessa pandemia. A possibilidade desses desaparecimentos é um desejo pautado na crença na ciência, evidências de que o espaço dessa estante não é fixo, pois o tempo a apagará. As heterotopias crônicas são assim, de cronía mais breve (FOUCAULT, 2013).

De ocupação temporária, assim são as heterotopias crônicas. Surgem já prestes ao seu desaparecimento, tal qual uma estante no meio do vestíbulo da biblioteca, cuja função é separar os livros que chegam das mãos dos usuários em meio a uma pandemia para evitar que outras localidades da biblioteca sejam contaminadas. Artefato móvel que ganha existência já prestes a perdê-la, um pedaço de não lugar no meio de uma heterocronia (FOUCAULT, 2013; 2015b).

A imagem a seguir representa o momento em que eu me deparei com a estante flutuante dos livros em quarentena, objeto que só mesmo uma pandemia poderia fazer aparecer. A organização dos livros já anuncia que se trata de uma exposição de tempo breve, pois a olhamos também com esperanças de que o momento passe rapidamente.

Figura 18 – Estante dos livros em quarentena



Fonte: autor da pesquisa.

O tema da estante “Livros em quarentena” estava em cima do tapete azul com estampa do mapa de Pernambuco em homenagem à Revolução Pernambucana de 1817. Cada andar dessa estante contém a data em que os livros foram devolvidos. Lado a lado com as capas à mostra, eles ficam por quatorze dias como se fossem artigos de vitrine a esperar por serem vistos, e foram, pois os objetos estavam localizados no meio do vestíbulo do primeiro andar, espaço escolhido para receber os livros das mãos dos frequentadores da Biblioteca.

Vejo na organização dessa estante, mais do que os cuidados com a preservação dos materiais impressos, uma forma de conscientizar também os sujeitos para os cuidados necessários para evitar os perigos do novo coronavírus. A Biblioteca cuida do seu material tal qual os sujeitos devem estar neste momento difícil em que o mundo atravessa uma pandemia.

Assim, ensina a importância de manter o distanciamento social através de uma estante cujo objetivo é a conscientização.

A data de devolução dos livros é o critério que a edifica. Por um momento, os livros de diferentes gêneros dividem o mesmo espaço, espelhando aquilo que de mais grave ocorre na sociedade em decorrência do novo coronavírus. As bibliotecas têm essa vontade de impor-nos uma certa visão de mundo por meio de sua ordem e categoria (MANGUEL, 2006), como se elas desejassem mesmo espelhar-nos aquilo que realmente nos acontece, numa clara tentativa de nos dizer, em momentos bons ou ruins, que somos partes dela à medida que ela nos constitui.

Perdendo-me pelos recintos da Biblioteca em 2020, encontrei outro espaço da ordem dos cuidados: o setor de restauro, ou o hospital dos livros, onde os profissionais desenvolvem cuidadosamente seu ofício para salvar e recuperar os livros. Essa unidade de processamento técnico pode ser vista na imagem a seguir.

Figura 19: Sala de Restauro, o hospital dos livros



Fonte: autor da pesquisa.

Cilindro cheio, aparelho de desinfecção, pia, alguns lados da parede e chão de azulejo branco. A composição da sala lembra um ambiente hospitalar. Nas mesas, há tesouras, cola, cordas, agulhas e um livro antigo aberto banhado de mofo à espera de uma nova costura, colagem ou qualquer outro processo de restauro. Há linhas e agulhas da mesma cor das capas para que os danos causados pelo tempo sejam amenizados. Esse é o espaço do cuidado, onde a recuperação de cada material é também a recuperação de uma memória nele presente.

Dentro do Restauero, vejo, ao fundo da sala, janelas de vidro que cobrem quase toda a parede, por onde enxergo a parte lateral do jardim e as costas de uma das escolas. Pés de manga carregados de frutas, em meio a outras árvores; as escolas dando também as costas para a Biblioteca com seus alunos circulando ou sentados pelos corredores. Por ser tratar de uma das unidades de processamento técnico, esse hospital dos livros não recebe os usuários, apenas os profissionais habilitados para recuperar o material.

As especialistas trabalhavam cuidadosamente usando luvas cirúrgicas. Circulando pelos lados desse hospital, reencontrei um livro de história, que não via desde os tempos da escola, em uma das prateleiras à espera da sua vez para ser atendido. Livros velhos, artefatos carregados de memória. Tentei imaginar o que se passou na vida de cada um deles, ou quantas vidas por eles passaram, por onde e com quem estiveram, os mais variados motivos que os fizeram chegar à sala de recuperação.

Enquanto meus olhos perseguiam atentos os dedos habilidosos da bibliotecária protegidos por luvas durante aquela cirurgia delicada para salvar uma memória, percebi a nossa semelhança quanto ao uso de máscara. Luvas e máscaras, artefatos constantemente usados nos hospitais, agora partes da rotina dentro da Biblioteca, tal qual em qualquer outro espaço público no mundo, como se de repente todo o planeta fosse uma única pessoa lutando para se livrar de uma febre que insiste em não ir embora.

Do ponto de vista estético, o restauro faz lembrar uma sala de hospital, conforme já foi dito. Ocorre que o artefato máscara, presente no rosto da funcionária, agora é parte fundamental no combate à pandemia, utilizada por todas e todos nós como uma das medidas para frear os riscos. Percorri os corredores da Biblioteca mascarado, assim como todas as pessoas à minha volta, como se todo o espaço fosse de fato um ambiente hospitalar, sentimento que ganhou reforço quando vi por todos os lados os suportes de álcool.

A próxima cena mostra a minha percepção de cidadão mascarado mergulhado no citoplasma de uma célula atacada pelo inimigo externo. E representa como enxerguei as outras presenças enquanto nossos diferentes movimentos tornaram realidade os usos das máscaras de proteção por todo o espaço, obrigatoriedade que segue os protocolos de segurança estabelecidos por todo o mundo.

O baile de máscaras

O baile de máscaras ocorre de diferentes formas em cada canto da Biblioteca. Uma festa diferente em que os corpos mascarados bailam imóveis, sentados nas cadeiras apenas com suas mentes em movimento, navegando entre arquipélagos, povoando topônimos, encontrando-se os perigos de uma floresta mágica. E esses movimentos é o que confere a beleza dessa folia de máscaras. Quem são essas pessoas de máscara? Algumas são vermelhas, outras azuis, com estampa. A minha é preta. E tem as brancas, que são as que mais me fazem lembrar hospitais. Diferentes cores bailam mascaradas na biblioteca. Na referência, essa festa procede de forma tranquila quase sempre com poucos usuários, que às vezes demoram para chegar. Já na praça da informação, as máscaras atravessam outros planetas nas outras dimensões que aparecem diante daquelas telas. Em qualquer uma das curvas da Biblioteca, os vejo em silêncio, corpos mascarados concentrados entre páginas ou telas, são sujeitos dançantes da biblioteca divertindo-se em uma contagiante festa em que o corpo se mantém parado na cadeira enquanto a mente se remexe em suaves movimentos. Quem será que está por trás da máscara? Os rostos não podem ser vistos, ninguém pode se mostrar completamente, e nesse clima de mistério e sedução, autores/as e leitores/as, no baile de máscaras, bamboeiam em sincronia parados na cadeira que está no meio desse salão em dia de festa. Para viver uma experiência de baile de máscara na Biblioteca basta ter uma máscara, artefato de proteção indispensável em tempo de pandemia. (27/11/2020).

A invenção do artefato máscara se deu para atribuir aos sujeitos um outro deles mesmos por um momento breve em diferentes situações de uso. As máscaras hospitalares passaram a fazer parte do nosso cotidiano após o surgimento do novo coronavírus neste tempo pandêmico, situação semelhante à pandemia de 1920, com finalidade de proteção. Ganhamos outros rostos quando estamos mascarados. Outros de nós mesmos. Ainda que por um momento breve, nosso rosto não está mais ali. Sem ela, as portas da Biblioteca se mantêm fechadas. Os corpos cuidam de se proteger do perigo, movidos pela capacidade de inventar espaços nessa condição nova de mascarados.

Nessa cena, vejo o silêncio dos corpos mascarados sentados em momentos de concentração como sujeitos em oscilações de uma dança. O corpo parado e a cabeça dançando com seu diferentes parceiros, os/as autores/as, em movimentos suaves no baile. Os rostos não podem ser vistos, ninguém pode mostrar-se completamente, pois se trata de uma forma de proteção de si e das outras pessoas. Assim, nessa nova forma de usar a Biblioteca, quase não os vemos, os rostos, o que lembra os bailes carnavalescos em que mistério e sedução permeiam toda a brincadeira no salão.

O corpo também é um grande ator utópico quando se trata, entre outras coisas, de máscaras, pois é através dela que ele entra em comunicação com poderes secretos, depositando uma linguagem que evoca para dentro do corpo um enigma como também a vivacidade do

desejo (FOUCAULT, 2013), tal qual a tatuagem e a pintura instalam o corpo em outro espaço, colocando-o em um lugar sem lugar direto no mundo, uma comunicação que se dá com as divindades ou com o universo. Assim, funcionam como operações pelas quais o corpo é arrancado de seu espaço para ser projetado em outro (FOUCAULT, 2013, p. 12).

As máscaras na Biblioteca utilizadas no período pandêmico servem como barreira de proteção, como artefato importante deste período histórico. Os sujeitos da Biblioteca precisam utilizá-la, assim como deve ser feito em outros espaços públicos, para que todos estejam um pouco mais seguros. Dizemos desse “baile” de máscaras para expressar o momento que nos obriga a utilizá-las no espaço em um momento que esperamos ser o mais breve possível, tal qual numa dança em que elas modificam nossos rostos, atribuindo-nos uma espécie de outro de nós mesmos.

Os novos rostos que emergem em tempos de pandemia com identidades outras que lhes são atribuídas pelo uso das máscaras encobrem uma parte privilegiada de nós mesmos, o rosto, espaço privilegiado da nossa apresentação (GIDDENS, 1991). Com as máscaras, mais parecemos seres descarados, corpos sem rostos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2014), ainda que a nossa cabeça, região onde de forma privilegiada se expressa o rosto, seja como uma estranha caverna aberta ao mundo exterior (FOUCAULT, 2013).

Lendo ou dormindo, os novos rostos mascarados seguem seus estudos respeitando o distanciamento social em carteiras separadas. Esse novo rosto está impossibilitado de acessar os livros da biblioteca, pois só lhes é permitido o uso de material próprio. Trata-se de uma temporalidade atípica em que coisas antes proibidas se tornam realidade. Exemplo disso é a permissão para que os frequentadores entrem no setor de referência com bolsas e mochilas, regra até então inviável. Além disso, nem todos os mascarados chegam à Biblioteca para se debruçar em livros. Com fones de ouvidos, alguns estão concentrados com os olhos na tela do computador enquanto assistem à sua videoaula, como se o *laptop* fosse um pedaço de sala de aula flutuante, tecnologia que permite a esses mascarados acessar a sala de aula sem se levantar da cadeira na Biblioteca, descolando-se através desse pedaço de espaço flutuante, o *laptop*.

Outro ponto importante sobre o baile é que, mesmo conscientes dos avisos sobre o uso obrigatório da máscara, ocorreram, em alguns momentos, flagrantes de sujeitos no espaço sem esse artefato, instantes em que pessoas na Biblioteca desconsideraram tal regra, arriscando-se ainda mais ao vírus. Desde o início da pandemia de 2020, infelizmente, essa ação se repete em diferentes espaços públicos. Sem dúvida, uma situação de risco que coloca em perigo não só aquele que não se mascara como também os outros à sua volta.

Foi em novembro de 2020 que presenciei uma pessoa sem máscara no interior do setor de referência. Faltava pouco para as quatorze horas, momento em que o expediente da Biblioteca se encerra ao público, pois o horário ainda estava bastante reduzido em virtude da pandemia, momento em que as duas funcionárias, em pé, olhavam-no de suas mesas aproveitando a espera por largar. Parte das luzes já estava apagada, os ventiladores desligados, tudo já dando a entender que o horário estava chegando ao fim. Pontualmente às duas da tarde, uma das bibliotecárias foi até ele comunicar o fechamento do espaço, que prontamente vestiu sua máscara antes de sair.

Segundo Foucault a resistência ao poder é parte inerente em toda relação de poder, assim, essa força é contemporânea e integrável às estratégias de poder (CASTRO, 2016, p. 387). Uma relação que implica no aparecimento de sujeitos capazes de desconectar o poder em evidência, ainda que de modo mais breve. Não é porque estamos em pandemia, contexto que nos obriga a usar máscaras, que essa norma será obedecida, ainda que em uma situação de risco iminente.

É inegável que a ação de não usar máscaras em lugares públicos, como a biblioteca, ainda que por um momento breve, ou de não manter uma distância significativa das outras pessoas, configura-se como um risco de perdas irreversíveis. Vale lembrar que essa postura se apoia nas palavras e práticas de figuras de autoridade que, de modo irresponsável, desmereceram a utilização das máscaras em plena pandemia de 2020, exemplo disso foi o péssimo comportamento do representante que ocupa o mais alto cargo do Poder Executivo, aquele que deveria ser o melhor exemplo quanto aos cuidados em um momento grave de pandemia. Infelizmente, sabemos que as estratégias para conter a curva de contágio adotadas por governantes sérios de outros países estiveram na contramão das propostas apresentadas pelo governo brasileiro (CAPONI, 2020).

O presidente declarou guerra aos governadores dos estados, negou a ciência, estimulou aglomerações, negou por diversas vezes as propostas das vacinas. Posturas irresponsáveis como essas contribuíram para que o país, pouco antes do fim do primeiro semestre em 2021, chegasse à triste marca de mais de meio milhão de vidas perdidas para uma doença cujas vacinas seguem a passos lentos em decorrência de atitudes como essas adotadas pelo insensato presidente da República. Mais de meio milhão de sonhos, projetos e desejos interrompidos. Posturas imprudentes de um chefe de Estado que, durante a pandemia, levou o Brasil a adotar a estratégia negacionista que cumpre fielmente as exigências do neoliberalismo (CAPONI, 2020, p. 208).

A reunião ministerial corrida em abril de 2020, momento da primeira onda de Covid-19, deixou-nos evidente a perversidade desse governo em plena pandemia. Refletindo sobre as falas do principal chefe no período pandêmico, figura autorizada na ordem do discurso (FOUCAULT, 2014a), como um campo de significação (WILLIAMS, 1992), poderemos concluir que suas infelizes palavras foram aceitas como efeito de verdade por alguns sujeitos que passaram a significá-las no momento em que as usaram para mover as próprias ações.

O exemplo do não mascarado na Biblioteca não poder ser visto como uma resistência à nova norma da instituição, por descrença no perigo ou para se sentir mais confortável, algo tão inexplicável quanto a ausência de uma advertência pela quebra dessa regra por parte das bibliotecárias. Fui testemunha do rompimento de uma das práticas disciplinares dessa nova Biblioteca em pandemia, seja por parte do frequentador que estava sem o objeto no rosto, ou pela ausência da intervenção por parte das funcionárias. É certo que a escolha de não usar a máscara é resultado de uma consequência do que disseram as figuras de poder presentes na ordem do discurso, que de modo autoritário, atribuíram modos de viver sob mais risco em meio à pandemia, enquanto negavam a ciência.

A ação de romper uma regra nova da Biblioteca não pode ser vista apenas como faísca de resistência, pois, mais do que isso, é o resultado de um poder produtivo nefasto proferido por figuras autoritárias em sua autoridade de manipular a opinião dos sujeitos para que se lancem em constante risco. É provável que as bibliotecárias não tenham solicitado a colocação da máscara porque ele estava só à mesa, ou porque talvez estivessem pensando já nos minutos que antecederiam o fim do expediente. Entretanto, sabemos que o vírus não escolhe o momento certo para atacar, assim mantém-se espalhado sobre qualquer superfície à espreita.

Durante os momentos de observação, tive o desejo de romper uma dessas novas regras, mas nada que me fizesse estar na Biblioteca sem a máscara. Tratou-se da vontade de estar mais próximo de algumas estantes suspensas para evitar a circulação do vírus. Posto isso, a próxima cena é referente ao choque que tive após retornar à Biblioteca, depois de meses, e encontrar as estantes de modo nunca antes pensado, instante que me deixou confuso entre a vontade de me despedaçar e o desejo de não respeitar aquela nova norma para ir ao encontro dos livros.

Fitas inesperadas, estantes laçadas

Fita de crime, ou fita de barricada. Usada para separar os sujeitos da cena do crime ou evitar que entrem em contato direto com o local do acidente, funciona como um símbolo de uma ruptura espacial e interrompe a circulação dos corpos com o intuito de preservar a imagem do ocorrido evitando possíveis alterações. As estantes, móveis que mais conferem identidade a

qualquer biblioteca, seja aqui em Pernambuco, seja em qualquer outra região do mundo, não renunciam à sua função, pois são elas que conferem ao espaço uma identidade própria, podendo apresentar diferentes funções para além de simplesmente guardar livros. Funcionam também como um grande catálogo de opções para leituras, uma abertura para leituras nunca pensadas. A estante da biblioteca é um espaço outro onde a memória se faz presente através dos livros, possibilitando que as ideias circulem. Envolvidas pela fita de barricada, as estantes estão imóveis, mais silenciosas do que nunca. A pandemia de 2020 em decorrência da Covid-19 fez com que a Biblioteca tomasse essa atitude de suspender os usos dessas estantes para evitar a propagação do vírus. Ninguém pode se aproximar delas, pegar qualquer uma das suas enciclopédias, dicionários, Guinness Book, ou qualquer outro livro de conhecimentos gerais. Mordança de dupla cor estrangulando as chances de conhecer outros universos. Escudo protetor contra o vírus potente que parou o mundo. Corda que prende as possibilidades de se abrir aos novos conhecimentos. Espaço de uma janela fechada em concreto, tela de um quadro todo em branco à espera do momento mais seguro para que os artistas possam pintar as artes da própria vida, uma antítese de fita inesperada. Há um ano, nenhum usuário desta Biblioteca poderia prever esta realidade que se apresenta diante dos nossos olhos hoje. (16/11/2020).

A simbólica fita de barricada que serve para isolar espaços onde há ocorrência de um crime ou acidente se mantém no entorno das estantes no setor de referência da Biblioteca. A estante pode ser vista nessa cena como um importante objeto que marca as bibliotecas não apenas como um suporte físico por onde se organizam os livros, mas também como propostas temáticas que guiam os caminhos dos leitores. Essa demarcação com a fita de crime faz parte da norma que impede os usuários da Biblioteca de tocar nos materiais, como uma das medidas de contenção do novo coronavírus. Trata-se de um tempo estranho que nos possibilita de estar na Biblioteca Estadual, mas sem poder tocar nos livros. E a fita de crime está ali protegendo aquelas estantes das mãos dos sujeitos que por lá circulam.

Estantes que podem ser vistas a distância enquanto o perigo espreita todos nessa divisa do espaço pela fita de barricada que separa os sujeitos dos livros da Biblioteca. Em um tempo pandêmico, fecham-se as possibilidades de caminhar entre as estantes, assim não nos é dada a oportunidade para esbarrar em obras que nem fazemos ideia de que existam. O sonho de biblioteca está suspenso até que a doença que afeta o mundo e se instaura nestes novos modos de estar nesse tipo de espaço desapareça, deixando apenas uma lembrança angustiante de um momento difícil.

Figura 20 – Fitas inesperadas, estantes laçadas.



Fonte: Autor da pesquisa.

Estantes de livros presas por fitas de barricada no interior de uma sala de estudos vazia. Em cada uma das estantes, há um aviso impresso em papel amarelo sobre a proibição de encostar nelas para pegar o material, em decorrência da pandemia do novo coronavírus. São laços que amordaçam os espaços por onde se fixam os livros, impedindo que os usuários da Biblioteca cheguem até eles. No centro, há uma mesa com duas cadeiras sem ninguém. No fundo da sala, há um aumento da iluminação em decorrência dos raios do sol que penetram as vidraças por onde se dá a visualização da vegetação do jardim e uma das escolas vizinhas à Biblioteca Pública.

No período de funcionamento em 2020, os frequentadores da Biblioteca puderam acessar o setor de referência apenas para estudar com o próprio material. Em decorrência desse momento pandêmico, poucas pessoas passaram a utilizar o espaço, conforme se vê na imagem anterior, com as ausências que se expressam em cadeiras desocupadas diante de mesas vazias.

Pode-se dizer que, dentro da estrutura da Biblioteca, no período pandêmico, ocorreram alterações na sua rotina que se repetem em outros espaços públicos como medida de proteção das vidas e contenção do vírus. São novos artefatos que, de certo modo, analogamente aos espaços hospitalares, impõem a todo momento questões referentes à higienização e cuidados com o corpo. Poucas pessoas passaram a frequentar a biblioteca nesse momento, quase todas respeitando todos os protocolos de segurança. Assim, os elementos por dentro dessa célula

seguem movidos por diferentes interesses em meio à luta travada contra o inimigo que se mantém conectado e destruindo sonhos por todo o mundo.

4.1.2 Balizas em torno da membrana

O relógio marcava poucos minutos para as nove horas da manhã, e eu estava sentado em um banco de praça no Parque Treze de Maio, esperando o momento da abertura da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. Tinha um encontro marcado com a Biblioteca, por isso preferi chegar mais cedo, pouco antes das nove horas, horário de abertura do portão na pandemia. O dia estava ensolarado, pessoas faziam atividades físicas na pista de corrida, um homem em situação de rua estava sentado no coreto, enquanto o relógio parecia me desafiar deslizando lentamente seus ponteiros. Eu já nem conseguia mais me concentrar no livro, para mim uma das melhores obras de ficção que não canso de reler, apenas desejando me deslocar até a Biblioteca.

Depois de passar uma breve eternidade sentado no banco do Parque Treze de Maio, finalmente, entre um arrastar de uma página e outra do livro, o relógio colaborara marcando enfim as nove horas daquela manhã. Aquele foi o meu momento com ela, a Biblioteca, coisa que a minha geração chama de *date*, uma forma de significar os encontros entre dois seres, nesse caso eu e a Biblioteca, uma conexão inexplicável entre dois elementos de um mesmo espírito. Não sabia exatamente se eu era ela ou se ela era eu naquele momento.

Meus pés seguiram ansiosos pela pista em direção à Biblioteca, desviando automaticamente das pessoas, e os meus olhos estiveram fixos nela, que continuava linda com todo aquele brilho de uma manhã de céu azul que acende os verdes de ambos os jardins, que movimenta as suas flores. Olhando-a de longe, vestida com aquele manto colorido de flores e uma mandala, sua bela medalha, desejei continuar vivo por longos anos para poder continuar aproveitando bons momentos nela. Quando já estava bem perto, precisei desviar de patos e pombos que rodeiam o Monumento em Homenagem aos Pernambucanos Mortos na Segunda Guerra Mundial. Feito isso, parei na Rua João Lira diante da Biblioteca. Ficamos por um instante separados pelo fluxo de infinitos carros que não cessavam de passar entre nós. Um olho meu nos carros, o outro nela, e por dentro eu tentando controlar o desejo de atravessar logo para abraçar a Biblioteca.

Imagine-se você, leitor/a, sozinho/a, portando apenas uma mochila, na frente da Biblioteca Estadual em um dia ensolarado na primavera, vendo o ônibus que o trouxe se afastar

na direção da Rua Visconde Suassuna até desaparecer de vista. Sabendo que poderá se abrigar de modo seguro em um espaço para forasteiros nos jardins da Biblioteca, com a missão de iniciar a descrição de todas as coisas inimagináveis que há no espaço. Suponhamos que você não tenha experiência nem outra pessoa para te auxiliar até o fim da missão. Imagine-se entrando pela primeira vez, sozinho/a, e um/a guia vai ao seu encontro para prestar um auxílio apenas no momento inicial. O sol ilumina bem todos os espaços desses jardins que têm livros pendurados por barbantes nas árvores, poesias fixadas em folhas de papel colorido entre as folhas vegetais. Uma de suas estantes está posta debaixo de um dos pés de jasmim com os livros de diferentes autoras e autores e ao seu lado um delicioso banco por onde as jiboias serpenteiam seu encosto em um insistente convite para que você sente nele por horas.

Seu/a guia conhece bem os caminhos desse recinto; ele/a não está preocupado/a com a forma como você observa, cheira ou toca os livros e as estantes desse local. No primeiro momento, ele/a te enche de esperança de que esse encantamento ganhará mais força com o passar do tempo, e que, ao voltar sozinho, seu deslocamento será mais fácil e você se embevecera constantemente em cada um desses retornos. Na volta, você acha a estante dos livros improváveis entre as ixoras. As poesias de autores/as e autores/as insurgentes penduradas por barbante na árvore das grandes rebeliões. Os livros avançados para uma alimentação inimaginável na estante do pé-de-manga. Com o passar do tempo, familiarizando-se com todas as cores, cheiros, sons e sabores que há nesse jardim-biblioteca, ou talvez biblioteca-jardim.

Foi no ano de 1250 que Richard de Fournival, filósofo medieval nascido na França, imaginou um modelo horticultural de organização da sua biblioteca através de uma organização inspirada no jardim como espaço de realização da colheita dos frutos do conhecimento por parte do seus contrerrâneos (MANGUEL, 1997). Esse jardim-biblioteca se dividia em três grandes canteiros, compostos por canteiros menores, nomeados de *areolae* (aréolas). Possuíam sumários ou *tábulas* por onde os temas dos livros ficavam registrados, assim, do ponto de vista organizacional, dentro da cada *areolae* nesse jardim, as *tábulas* ganhavam um número de letras igual à quantidade de livros guardados dentro. Fournival usou os matizes das cores para distinguir cada letra na *tábula*. Dessa forma, um livro de música, no canteiro da Filosofia, recebia um A maiúsculo vermelho-rosado, e o outro, um A uncial púrpura (MANGUEL, 1997, p. 222).

Fournival acreditava que o conhecimento era algo a ser visto, admirado e colhido, tal qual a beleza dos elementos de um jardim. Inspirado nesse modelo de jardim-biblioteca, olho para os jardins da Biblioteca Estadual brincando de inventar seções com as suas flores, frutos e

artefatos. Em cada *areolae* um conjunto de plantas semelhantes. Uma *tábula* para esse exército de ixoras que prontamente cercam a Mandala de Brennan, outra para as jiboias abraçadeiras dos bancos de praça, sem esquecer a do bálsamo de jasmim. Em um exercício criativo de uso das metáforas, podemos inventar sistemas de classificação no espaço do jardim como se os livros pudessem ser catalogados pelas flores, frutos e cheiros ávidos por corpos dispostos a passar longas horas exercitando sua colheita.

Para Foucault (2013; 2015b), o jardim pode ser visto como o mais antigo exemplo de heterotopia por articular em um espaço real outros que aparentemente seriam incompatíveis. A compreensão desse filósofo está sustentada em argumentos com diferentes jardins milenares. O dos persas foi um retângulo em quatro partes na qual o mundo é formado, como um templo. Os tapetes orientais representavam jardins, por isso eles estabelecem uma conexão com os tapetes voadores que percorriam o mundo. De acordo com o que foi dito pelo autor, “o jardim, desde os recônditos da Antiguidade, é o lugar de utopia” (FOUCAULT, 2013, p. 23).

A justaposição, regra geral das heterotopias, articula espaços geralmente incompatíveis em um lugar real (FOUCAULT, 2013, p. 24). O trânsito, escola e natureza percebidos de modo simultâneo no jardim da Biblioteca Estadual. Cada um desses outros espaços produz diferentes sons que conferem a esse local a condição de justaposição espacial desses diferentes lugares. Ao mesmo tempo em que escutamos o barulho que vem das escolas, somos atravessados pelos ruídos dos veículos que trafegam na frente da Biblioteca, e, entre uma pausa e outra que fazem no semáforo, é possível ouvir o canto dos pássaros.

Um dia, sentado com um livro em um dos bancos do jardim da Biblioteca Estadual, vi um rapaz no outro banco de pedra ao lado do meu sentado observando todos os lados do jardim com o celular na mão. O barulho dos carros ofuscava o canto dos pássaros em meio ao som da conversa de um dos profissionais da limpeza com uma mulher. Pouco tempo depois, uma garota entrou pelo portão e o rapaz prontamente ficou em pé para abraçá-la. Beijos e amassos no banco de pedra da Biblioteca, um assento testemunhal das expressões sentimentais de um jovem casal, enquanto eu estava entre letras, cantos dos pássaros e os ruídos dos carros.

Já em novembro de 2020, sentado nesse mesmo banco, o meu momento de leitura foi interrompido pelos profissionais da limpeza que passaram por mim conversando entre si. Foi quando me dei conta de que não estava dentro do livro, mas, sim, em um dos cantos da Biblioteca. Sentaram-se nos bancos de madeira que ficam na frente do setor infantojuvenil e continuaram aquela conversa em voz alta, fazendo-me notar que no jardim não há restrições

quanto ao barulho, ainda que haja os que gostam de ler entre aquelas árvores sentindo aquele cheiro agradável de jasmim, feito eu.

Lembro-me de outra vez em que eu estava parado no parapeito que há na entrada do vestíbulo no primeiro andar. Era um começo de uma noite de 2019, e eu olhando para baixo do jardim quando meus olhos encontram três pessoas sentadas a uma mesa do jardim, uma jovem e dois idosos. Ambos seguravam o mesmo livro que ela lia em voz alta, configurando-se como um belíssimo momento de partilha literária entre diferentes gerações.

Derivas literárias que ocorrem sempre que estou no jardim da Biblioteca. Em outro momento, sentado no banco, vi quando um idoso, deslocando-se com sua bengala, parou diante de um dos profissionais da limpeza para pedir informação. Queria saber onde ficava a *lan house* da Biblioteca. O funcionário balançou a cabeça dizendo que não havia aquele lugar. O idoso, não conformado com a resposta, insistiu que um conhecido estava dentro da *lan house*, uma sala da Biblioteca cheia de computadores. Após ouvi-lo dizer isso, levantei do banco para comunicar que sabia do que o idoso estava falando, tratava-se da praça da informação. Instantes depois, estávamos subindo a rampa, eu e o idoso. Após a medição de temperatura e a higienização das mãos com o álcool, ele subiu deixando sua sacola na recepção.

Ainda no banco, em uma manhã de um sol forte em novembro de 2020, o vento movimentava as plantas e flores do jardim da Biblioteca. Olhando-as, parecia que eu estava diante de um belo quadro de coisas vivas. O canto dos pássaros se fez evidente no momento em que os carros pararam de passar na frente da biblioteca, é certo que estavam contidos no semáforo. Vi um idoso cego saindo de dentro da Biblioteca, acompanhado de uma vigilante que o conduziu, com calma, até o outro lado da Rua João Lira, deixando-o na entrada do Parque Treze de Maio. Enquanto eu assistia a essa cena, um homem entrou e seguiu na direção em que eu estava. Desconectei-me da imagem do idoso já entrando pelo Parque para me preparar para dar atenção ao rapaz que estava chegando até onde eu estava.

Ouvi com atenção as dificuldades de vida pelas quais ele estava passando. Segurava uma flanela em uma mão e dois recipientes de plástico, um com água e o outro com detergente, oferecendo-se seus serviços. Comuniquei que nenhum dos carros estacionados era meu e me desculpava por não poder ajudar, no momento em que um dos vigilantes irrompeu entre nós na tentativa de intervir na situação, e o rapaz terminava de me ouvir já se levantando para ir embora, saindo como se tivesse se dado conta de que não pertencia àquele lugar. Fiquei acompanhando a saída dele com meu olhar, mesmo instante em que o vigilante também o olhava me informando coisas sobre aquele rapaz das quais não me lembro. Naquele mesmo

instante, um dos profissionais da limpeza passou por nós, e o vigilante, prontamente, perguntou a ele o nome do pássaro que estava cantando naquele momento. Não prestei atenção na resposta, mas estava consciente de que o semáforo próximo à Biblioteca estava vermelho.

Em outra manhã pandêmica, sentado nesse banco do jardim, tentei por diversas vezes me concentrar na leitura. Ocorriam vários movimentos à minha volta que tiravam a minha atenção, momento em que uma jovem entrou pelo portão e veio na minha direção. Marquei a página do livro em que estava já para me preparar para ensaiar respostas para as possíveis perguntas que ela provavelmente me faria. Passou por mim. Fiquei como se tivesse em um vácuo. Parou diante dos bancos de madeira na frente da infantojuvenil, mas foi impedida de sentar por um dos profissionais da limpeza que, junto com um grupo sentado em outro banco daquele, comunicou que devido à pandemia aqueles bancos estavam interditados. Havia a fita de barricada para validar as palavras dele. Ela, mesmo sem entender, deu meia-volta e se sentou no outro banco de pedra ao lado do meu. Ficamos próximos por alguns minutos, até que, pouco tempo depois, ela se foi embora.

Quando mais nada chama a sua atenção no espaço do jardim da Biblioteca, o perfume de jasmim entra pelas narinas como um convite a uma lenta pausa reflexiva. Esse foi o momento em que novamente recuperei o fôlego para voltar à leitura a partir de onde havia parado. A cena a seguir é um convite para que o/a leitor/a possa também cheirar esse espaço.

O jardim com cheiro de jasmim

O jardim da Biblioteca tem o cheiro de jasmim, espaço que testemunha uma sinfonia urbana híbrida que nasce da justaposição dos ruídos dos carros com o canto dos pássaros. Freios, pássaros, buzinas, canto, direção. O sinal ficou vermelho. Param os carros, cantam os pássaros, riem os estudantes, e o cheiro de jasmim me lembrando que ainda estou na Biblioteca. Debaixo de um pé de jasmim sinto a brisa da sombra em um dia ensolarado embalado pela leveza do perfume de jasmim que recepciona os usuários quando chegam à Biblioteca. Seus galhos marrons com folhas verdes e as flores brancas são como um crochê feito para vestir a arquitetura dessa Biblioteca em que me vejo. Descendo ou subindo, as pessoas trafegam nas curvas da rampa de acesso que passa por cima do pé de jasmim, pássaros e carros formando um *medley* musical. (18/11/2020).

O perfume do jasmim presente no jardim da Biblioteca Estadual recepciona os sujeitos que chegam e também os que se dedicam a passar um tempo em deriva literária em um dos bancos de praça. Nessa cena, também há uma descrição sobre os diferentes sons da urbe recifense, pássaros cantam em meio ao ruído dos veículos e o burburinho que advém das escolas que cercam a Biblioteca, formando um único som, composto por diferentes barulhos. O pé de

jasmim é como uma colcha de crochê florida que reveste toda a arquitetura da Biblioteca quando ela é vista debaixo dessa árvore. É debaixo dessa cortina perfumada que vemos os sujeitos da Biblioteca subir e descer a rampa de acesso ao primeiro andar. É daqui que assiste-se a tantos outros espalhados pelas sombras com livros ou amigos.

Figura 21 – O jardim com cheiro de jasmim



Fonte: Autor da pesquisa.

Forma-se debaixo do pé de jasmim uma sobra deliciosa. As flores brancas, presentes nos galhos e no chão mais parecem um tapete feito de duas metades, uma de grama e a outra de concreto, forrado pelas flores que despencaram em meio às folhas secas. Nessa sombra é possível descansar, olhando as estantes no setor circulante, as da seção pernambucana, que nessa imagem estariam ao lado esquerdo, se a câmera as tivesse capturado. Já ao lado direito, está a grade que divide a Biblioteca da Rua João Lira. No centro da imagem, vê-se o muro que divide a Biblioteca da Erem Sizenando Silveira. E mais ao fundo, estão prédios que compõem a faixa urbana central do Recife.

Foi no começo de uma tarde em dezembro que me permiti mais uma sessão de leitura no jardim da Biblioteca. O verde das plantas e das árvores e aquele céu azul iluminado por um sol radiante acederam-me a ideia de fazer um lanche literário no banco de pedra. Pão com queijo, iogurte, uma garrafa de água e um livro. Sentia-me pronto para recarregar as energias e vivenciar mais um momento de uma leitura prazerosa em meio àquele burburinho de carros articulado ao canto dos pássaros. Os minutos passavam à medida que eu devorava pão, letras, queijo, palavras, iogurte, parágrafos. Quando o pão acabou, menos uma página do livro devorada. Uma jovem mascarada entrou pelo jardim, parou diante da janela lateral do setor circulante, em seguida parou na frente do setor para ler os avisos na porta.

Ela observou todos os lados à procura de mais informações, até que percebeu a minha presença ali no banco e aproveitou o momento para saber sobre as atividades de empréstimo. Baixou a máscara quando fez isso. Respondi me sentindo o próprio bibliotecário com anos de experiência. Ficamos por alguns minutos conversando sobre a falta dos livros que a pandemia nos fez ter ao longo dos meses de 2020, conscientes da importância em manter o distanciamento nesse momento. Antes de me deixar naquele banco, lembrou de reajustar a máscara no rosto. No mesmo instante em que ela cruzou o portão, um rapaz entrou pelo jardim.

Da mesma forma, ele parou na frente dos avisos antes de seguir na minha direção para me fazer as mesmas questões minutos antes feitas pela garota. Dessa vez, além de dizer sobre a suspensão do serviço, acrescentei tudo que sabia sobre a sala de leitura a pedido dele, que não demorou muito para me perguntar para qual lado o setor de referência ficava. Agradeceu-me e seguiu pela rampa. Pousei meus olhos no trecho do livro que estava suspenso desde os dois últimos eventos, mas o fechei no mesmo instante porque fui tomado pela curiosidade para presenciar uma pessoa chegar pela primeira vez na sala de leitura. Não resisti e o segui. Encontrei-o sozinho a uma mesa com livro e caderno abertos, máscara pousada na mesa. Notou a minha presença pouco depois e continuava tranquilamente a sua leitura sem a vontade de mascarar-se para participar comigo e com as outras poucas pessoas ali presentes do baile de máscaras. Abdicou do seu direito de também ser um de nós, os mascarados.

Próximo aos bancos de pedra do jardim, há algumas mesas. Nelas já vi alunos do Ensino Médio estudando em grupo, um professor de inglês dando aulas a uma criança, e alguns jovens que aproveitam para estudar para diferentes concursos. Uma vez, notei a presença de um jovem sentado no chão com as pernas esticadas no final do jardim, quase encostado ao muro da Sizenando Silveira, distante de tudo e de todos com o seu livro. Ao lado dessas mesas, fica o Setor Pernambucana, que pode ser visto através dos vidros como descrito na cena a seguir.

A vitrine da memória

Aproximadamente setenta passos são fundamentais para desfilarmos da entrada da Biblioteca até o fim do corredor externo na frente da vitrine da memória, um mostruário de vidro com diferentes tipos de materiais antigos em uma grande sala nomeada de Setor Pernambucana. Seguindo em frente, vejo ao meu lado direito essa vitrine. Já ao meu lado esquerdo, há o jardim frontal da Biblioteca, que observa a passagem dos automóveis e a presença do Parque Treze de Maio. Apesar do céu estar azul, cai uma leve chuva nesta manhã. Vejo através deste vidro uma sala sem luz que guarda o registro de diferentes momentos das histórias ocorridas no Estado de Pernambuco e também outros materiais sobre o Brasil e o mundo. Caminhando na claridade do sol, imagino o silêncio que predomina na escuridão dentro da vitrine da memória. Observo, tomado por um sentimento de solidão, como se a memória fosse essa coisa que se mantém guardada em um grande quadrado com as luzes apagadas, e cada material lá dentro como uma parte estruturante de uma mandala no escuro. A memória que se guarda dentro de uma caixa escura, podendo ser acessada sempre que possível. A vitrine da memória é um espaço reservado aos que têm autorização para estar lá. No final dessa travessia de aproximadamente setenta passos, meu corpo está na lateral (03/12/2020).

Uma caminhada na frente das vidraças da sala escura do Setor Pernambucana pode ser uma forma de, com os olhos, entrar em contato com parte do passado do Estado de Pernambuco materializado nos documentos impressos. São jornais e revistas, entre outras publicações, guardados em caixas grandes de madeira que mais parecem caixões deitados em prateleiras largas. Pode-se dizer com essa cena que a sala é escura e pouco frequentada, como se as memórias repousassem em um sono profundo que atravessa décadas. Dessa vitrine, tudo que podemos acessar são os nomes dos títulos nas lombadas.

Um dos princípios de uma ciência heterotopológica é fazer desaparecer uma heterotopia ou organizar uma ainda inexistente (FOUCAULT, 2013). Cemitérios são espaços heterotópicos citados por esse autor para expressar o testemunho de outros lugares que, a partir do século XIX, foram postos à parte da cidade como se tratasse de um centro e lugar de infecção, de contágio da morte (FOUCAULT, 2013, p. 23). Os suportes que abrigam as páginas dos jornais parecem caixões em uma sala com pouca iluminação dentro da Biblioteca. O pouco dos elementos que pude ver nessa sala escura me fez estabelecer uma comparação com o espaço do cemitério, como se em cada caixa daquela a memória repousasse no escuro.

Olhando essa vitrine do lado de fora, é possível sentir que se pode tocar um pouco memórias não vividas, mas que deixaram marcas no presente. Memórias que dormem numa caixa de uma sala escura, ainda que estejam vivas no nosso presente, no que somos hoje. Raios

do sol que logo são substituídos por gotas de chuva que atravessam as manhãs no jardim da Biblioteca, em meio aos ruídos e ao silêncio que se alternam nesse espaço.

Sentado em um desses bancos de pedra, olho para o setor circulante com suas portas fechadas. Sou tomado pela saudade do cheiro dos livros antigos e pelo desejo de desfrutar do serviço de empréstimo. No fim de 2020, a rotina na Biblioteca seguiu com seus novos hábitos em decorrência da pandemia, parecendo ser até outra Biblioteca. Seguimos por ela, fazendo novos usos do seu espaço. Desse banco de pedra, o som da urbe invade meus ouvidos me conduzindo junto aos carros. Um deles passou fazendo propaganda de algum estabelecimento. Os pássaros ganham notoriedade quando o semáforo para, conforme já foi dito. O barulho híbrido, composto por esses diferentes sons que fazem vizinhança com a Biblioteca, é o concerto que nos acompanha desse lado de fora da instituição. Novamente vejo o setor circulante à minha frente, e antes de ser novamente invadido pela saudade de pegar livros emprestados, abro o que tenho em mãos para continuar minha leitura em fuga, aqui nesta Biblioteca em tempos de pandemia que já se estrutura como uma heterotopia de tempo breve, as crônicas assim como as festas (FOUCAUT, 2013, 2015b), mas que se arrasta por esses meses dolorosos que esperamos que passem o quanto antes.

4.2 CONDUTAS OUTRAS NA BIBLIOTECA: AS EXPERIÊNCIAS TRANSGRESSORAS

O espaço de uma biblioteca se institui por regras. No romance de Eco (2018), os monges pagaram com a vida a ousadia de ultrapassar os limites impostos pelo abade, porém é possível dizer que essas mortes podem ser vistas não como derrotas, mas, sim, como atos de resistência de sujeitos ousados, movidos pela curiosidade em se aproximar de um conhecimento encoberto por aquele que detinha o poder maior. Vejo a fictícia biblioteca em *O nome da rosa* como uma representação literária de um contexto histórico das bibliotecas, pois, desde o período medieval, elas existem com suas regras, proibições, permissões e sujeitos com coragem para transgredir.

As bibliotecas sempre foram um espaço feito de normas que conduzem e orientam os corpos. Os sujeitos nesse espaço, em sua maioria, tendem a respeitar cada uma das normas para evitar prováveis punições, pois, em um espaço com diretrizes, é quase que certo uma penalidade quando uma delas não é respeitada. É a câmara de vigilância de prontidão na sala de leitura, atividades sistemáticas direcionadas ao público, o prazo para devolução de livros, entre tantas outras que fazem parte da rotina dos sujeitos que utilizam o espaço, a ponto de sofrerem uma sanção quando desrespeitam alguma diretriz.

Essa organização espacial já nos impõe um comportamento ideal. São as formas de ser na biblioteca, considerando o conjunto de princípios já estabelecidos. Entretanto, há corpos nesse espaço com condutas que destoam daquilo que é esperado. São os sujeitos da biblioteca que a subvertem para viver uma experiência dentro de outra já em curso, ou as transgressões das normas do espaço. Por tudo isso, nesta subseção, escrevo sobre as condutas outras vistas no período da pesquisa, registradas como cenas.

Antes de tudo, é importante ressaltar mais uma vez que a Biblioteca Estadual é um espaço de socialização e partilha de experiências culturais. Nela há regras de organização e orientação das condutas dos sujeitos, conforme já foi dito. No entanto, ocorre que, em muitos desses momentos em que se dão as atividades de uso do espaço, alguns dos frequentadores fazem o dispositivo disciplinar falhar, ainda que por um momento breve. São condutas diferentes na Biblioteca que revelam a forma como alguns indivíduos se relacionam com o espaço. Condutas outras de uso do espaço que mostram que a Biblioteca, mesmo com suas normas, não controla os movimentos de todos os sujeitos.

A cena a seguir faz parte dos registros feitos durante o período de observação de campo e mostra um dos momentos em que ocorre uma atividade programada pela Biblioteca e simultaneamente as condutas outras de sujeitos que, mesmo inseridos nesse contexto, arrumam uma forma de escapar daquilo que estava previsto para navegar por caminhos outros pelas páginas de um livro.

O pequeno marujo pelos mares das letras

Faltavam poucos minutos para o início do evento. Era dia de oficina de *origami* no setor infantojuvenil da Biblioteca e as crianças estavam agitadas à espera desse momento. Em dias atípicos como esse, em que se dá a programação de férias, ocorrem gritos, risadas, correrias de um lado a outro, entre outros movimentos que os pequenos fazem por todo o espaço, espalhando barulho nesse que é considerado o espaço onde se deve fazer silêncio. Eu estava sentado em um banco da sala e pude ver que, em meio a todo aquele burburinho, uma criança navegava por outros mares através de um livro. O pequeno marujo seguia determinado dentro daquele barco em meio à forte tempestade de sons. Deitado no tatame, com a cabeça apoiada no pufe amarelo, não desgrudava os olhos das páginas do livro, nem se preocupava com a correria das outras crianças à sua volta. Gritos, risadas, choros, nada disso impedia o pequeno marujo de seguir navegando pelos mares. A equipe começou a organizar as crianças para iniciar a oficina. Era o sinal de que a viagem do pequeno marujo chegara ao fim. A essa altura, já havia outras e outros marujos também encerrando suas viagens por mares de letras, números e imagens. Levantando-se daquelas mesinhas brancas ou do pufe amarelo do tatame, seguiram para se juntar ao grupo maior. (08/01/2020).

Essa cena ocorreu pouco antes do início da oficina de *origami*, atividade da programação de férias, no setor infantojuvenil da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. Nela há o registro de práticas de leituras livres cometidas por algumas crianças durante o início da oficina, vista aqui como uma atividade sistemática organizada pela equipe da Biblioteca. Os minutos que antecedem a atividade são de muita efervescência sonora, pois é natural que as crianças se expressem dessa forma quando estão em um ambiente agradável prestes a iniciar uma atividade divertida. Ocorre que, nesse mesmo espaço, em meio ao barulho, outras crianças optaram por passar esse mesmo momento com livros, subvertendo as regras do espaço-oficina para experimentar o mesmo momento pelo qual todas as outras também passavam, porém de outro modo, quase que estando e não estando no interior do setor ao mesmo tempo, entre o livro e a oficina.

Pode-se dizer que a oficina de *origami*, atividade sistemática, é um movimento de disciplinamento dos corpos das crianças através de uma brincadeira planejada. Prova disso é que os pais inscreveram seus filhos conscientes da ação cultural que ocorreria. As crianças, em sua maioria, são mais expressivas quando se sentem felizes em algumas situações. Porém, há as que escolhem demonstrar isso de um modo mais tranquilo, como vimos na cena anterior, capazes de subverter o comportamento esperado e também o planejamento sistematizado quando escolhem seguir no contrafluxo, sendo retiradas de suas atividades de leitura quase por obrigação após seus responsáveis lembrar-lhes do porquê de estarem ali.

Olho as crianças leitoras em meio ao início de uma oficina como corpos dissidentes capazes de fazer o operador do disciplinamento falhar por um tempo, ainda que estejam diante de uma atividade planejada. O operador racha e novos espaços se abrem. Não posso deixar de considerar que aquela concentração parecia fazer os corpos saírem do espaço, como se esses navegassem por outros territórios distantes de tudo o que estava à sua volta, prova disso foi o olhar assustado delas e deles quando seus responsáveis as/os acordaram das aventuras proporcionadas pelos livros em mãos, como se estivessem voltando de um outro lugar.

A potência da leitura está nas possibilidades de deslocamentos pelas páginas dos livros. Caminhos que parecem tirar o nosso corpo do lugar em que estamos porque a nossa mente navega por outras regiões feita de letras. Quando um livro nos prende, não importa o tamanho do barulho que façam à nossa volta. É comum na biblioteca praticarmos leituras silenciosas que são vigiadas pelos outros que nós também vigiamos.

Segundo Proust (1991, p. 24), as leituras da infância deixam nos sujeitos as imagens dos lugares e dos dias que os fizeram. O autor nos provoca a refletir sobre as leituras infantis, sejam

na esfera familiar ou em lugares de socialização. Isso sugere formas de nos conduzir a pensar sobre a importância de estimular tais atividades, pois momentos como o descrito na cena mostram que tais leituras são capazes de repercutir na identidade dos sujeitos. Assim, a leitura passa a contribuir para que a Biblioteca se mantenha viva no interior daqueles corpos infantis em meio à barulhenta oficina de férias.

Soma-se a isso a ideia levantada pelo autor de que a leitura na infância se trata de um milagre fecundo de uma comunicação no seio da solidão (PROUST, 1991, p. 28). Um outro aspecto sobre a leitura foi registrado por Goulemot (2011) como atividade que muitas vezes tem o poder de nos desconectar das coisas que acontecem à nossa volta, até mesmo dos olhares dos outros próximos.

[...] Numa biblioteca frequentada, lemos sob o olhar de outrem. A leitura, muitas vezes, instala-nos numa espécie de ausência, em outro lugar mental, mais real que o mundo em volta. Lemos esquecendo os olhares divertidos ou reprovadores lançados sobre nós, esquecendo um pouco o controle social de nosso corpo. (GOULEMOT, 2011, p. 13).

Na cena já mencionada nesta subseção, vejo a oficina de *origami* como uma atividade programada inserida dentro do dispositivo educacional que tem por objetivo interferir na formação do sujeito educado. O rompimento dessa atividade sistemática promovido pelas crianças leitoras releva que, no espaço da Biblioteca, as transgressões das regras podem se fazer presentes, a partir do momento em que alguns dos sujeitos quebram a condição disciplinar do espaço se entregando a outras leituras, ou outras atividades no mesmo momento em que uma atividade preestabelecida está em andamento. O dispositivo deixa de operar ainda que por um tempo breve, conforme escreve Chartier (1999, p. 11): “[...] um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado”.

A oficina de *origami* foi conduzida por outra criança de aproximadamente dez anos, oficina de criança para criança, conforme dito pela equipe de bibliotecárias e bibliotecários do setor infantojuvenil. Crianças que leem livros em meio ao barulho de uma atividade cultural prestes a iniciar na Biblioteca, criança leitora que passa a compartilhar com as outras os seus conhecimentos culturais, todas crianças incendiárias no espaço heterotópico (CARVALHO, 2016).

As infâncias incendiárias são capazes de criar outras formas de existir subvertendo a ordem espacial. Uma das bibliotecárias do setor infantojuvenil me informou que, em outro

momento, no jardim da Biblioteca, ocorreu a competição de passinho⁸, organizada pelos alunos das escolas vizinhas, geralmente nos intervalos das aulas. Isso significa momentos de inversão total da ordem que se expressam em instantes como o passinho e a leitura individual em meio a uma atividade sistemática na Biblioteca. São infâncias capazes de se realizarem com outras histórias, verdades, suas próprias heterotopias ao fabricar o que ainda não existe, conforme escreve Carvalho (2016, p. 85).

Da mesma forma registra Berticelli (1998) sobre o espaço que, pela ótica da noção de heterotopia, possibilitam-se novos modos de existir na escola, abrindo outras configurações que funcionam como lugares de aprendizagem. É o que se vê na competição do passinho, na criança leitora que conduz as outras em uma oficina e nos pequenos leitores que, em meio ao barulho dos demais, permanecem concentrados nas suas leituras individuais.

São infâncias incendiárias porque quebram a lógica disciplinar provocando os incêndios na Biblioteca, infâncias que subvertem o espaço criando outras formas de existir. Para Carvalho (2016), a noção de heterotopia possibilita problematizações das infâncias com a verdade e o conjunto de questionamentos próximos das condições referentes ao surgimento de outras verdades.

A heterotopia é uma estratégia invasiva na política do espaço e também na política do tempo. Em toda heterotopia repousa uma heterocronia: não se vive a mesma temporalidade nos mesmos espaços; não se vive a mesma espacialidade na mesma temporalidade. O muro a segregar, a delimitar, a demarcar o bem privado, também, pode ser objeto de contenção, de encarceramento, de exclusão, de cisão, de controle de fluxos de bens, de pessoas, de animais. Qualquer indivíduo de dentro do muro pode ser alguém distante e inacessível para quem estiver de fora [...]. (CARVALHO, 2016, p. 78).

Escreve Carvalho (2016, p. 78) que a noção de heterotopia oferece possibilidades de experiências de contraespaço em um contratempo, e isso destoa da lógica normalizadora para possibilitar criar lugares imprevisíveis ou até mesmo impensáveis. Assim, ele considera a infância como lugar essencial das heterotopias, pois os lugares criados pelas crianças podem ser considerados outros lugares, um lugar outro. É com esse texto que passo a cena anterior como outra evidência desse incêndio. Uma forma transgressora por parte de alguns sujeitos da Biblioteca que, ao transgredir as normas do espaço, colocam fogo nas paredes para socializar a sua experiência de aprendizado ao desativar para si uma das normas de uso do espaço.

⁸ Movimento cultural que emergiu nas periferias da Região Metropolitana do Recife (RMR) na segunda década do século XXI.

É com essa noção de incêndios que passo a ver as infâncias na cena descrita acima como potências criativas que provocam-nos a refletir sobre as diferentes formas que podemos estabelecer com o espaço. O ato de invenção de leituras outras em meio ao barulho de uma oficina prestes a ocorrer já se configura como um ato revolucionário em si mesmo, mostrando as outras formas de transgredir o espaço. São experiências contraculturais, como nados contra a corrente, como que instaladas à margem dos olhares do previsto.

Escreve Foucault (2013, p. 20) que as crianças conhecem bem os contraespaços, utopias realizadas. A oficina de *origami* também pode ser vista como uma heterotopia crônica, pois faz parte de um grupo de heterotopias de um tempo mais passageiro, precário, com variadas formas que mais remetem às festas. Um grupo de espaços outros, assim como as feiras que ocorrem em locais vazios na periferia das cidades, ou as cidades de veraneio (FOUCAULT, 2013, p. 25), tais quais outras expressões culturais que ocorrem de forma temporária no espaço da Biblioteca, a exemplo das oficinas de passinho. Espaços reais que surgem como se seu tempo escoasse por uma ampulheta.

Lembro-me de que, em dias sem eventos, diferentemente do descrito na cena anterior, o setor infantojuvenil é silencioso. Tal como nos outros setores da Biblioteca Estadual, os usuários não podem circular com suas bolsas, há a presença das câmeras de vigilância e o mesmo número do cadastro pode ser utilizado para empréstimo de livros. Sempre que estou nesse setor, percebo quão silencioso ele é. Às vezes, há adultos lendo para crianças deitadas no tatame, ou até mesmo as crianças fazendo barulho entre as estantes, nas mesas de jogos. Esse mesmo espaço, fortemente marcado pela regra do silêncio na maior parte do tempo, permite a quebra dessa norma em momentos como os de oficinas culturais que se apresentam como festas na Biblioteca. Aos corpos é permitido que façam barulho, na velocidade dos movimentos por diferentes regiões do espaço.

A próxima cena é referente a uma obra de autor desconhecido que revela o quão ousado ele foi. Um momento em que um corpo dissidente rompe com a ordem espacial da Biblioteca provocando fissuras e revelando que não importam as proibições que estejam dispostas no espaço, pois sua coragem para transgredi-las o move a deixar sua marca.

Estudo: eis tudo

Diferentes fórmulas da física e da matemática, ao lado de alguns escritos, misturadas em um mesmo espaço se apresentam diante dos meus olhos. Um quadrado pode ser utilizado de diferentes modos pelos sujeitos, assim, os usuários podem depositar nele as reflexões que circulam em suas cabeças. Escrever para não esquecer, e desse desejo em manter a memória aquecida

qualquer espaço pode se tornar um espaço de registro. Poderia ser um caderno escolar, ou quem sabe o quadro branco de uma sala de aula. Talvez seria uma tela de pintura, ou quem sabe os muros de uma cidade. E nessa de perceber a minha mente divagando enquanto estou preso dentro desse quadrado, de repente leio “Estudo: eis tudo!”, entre diferentes fórmulas e cálculos, registrados na parede de um dos boxes do banheiro masculino da Biblioteca. (16/11/2020).

Nessa cena, vemos que há o registro de palavras entre diferentes fórmulas da matemática em um dos boxes do banheiro masculino da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. Sabe-se que não são permitidas pichações nas paredes da Biblioteca, algo de que provavelmente o autor da obra também sabia, mas que não o impediu de desenvolver seu ato. O texto “Estudo: eis tudo!” representa a consciência da importância dos estudos na sua vida, o corpo que transcende as normas para deixar evidente um alerta para os estudos. Os corpos dissidentes escapam ao disciplinamento, muitas vezes para levantar questões que nem sempre entram na ordem do debate.

Os papéis em branco estão ávidos por letras, números, imagens. São tantas expressões dos níveis de aprendizagem que podem ser registradas em um papel em branco que este acaba sendo uma das partes fundamentais no processo de construção do conhecimento. No papel, repetimos aquilo que primeiramente vimos em um quadro em branco posto na parede da sala de aula. A parede branca do banheiro da Biblioteca, sem quadro, funcionou como se fosse um papel para um frequentador que a usou como suporte da memória, tal qual as páginas em branco de um caderno.

Figura 22 – “Estudo: Eis tudo!”



Fonte: Autor da pesquisa.

A palavra estudo pode ser definida pela junção de duas outras “eis” com “tudo” na perspectiva de um frequentador da Biblioteca que a escreveu na parede do banheiro masculino, com sentido de ser usada para explicar que através desta é que se dá o esclarecimento sobre todas as coisas. Escrita ao lado esquerdo dessa imagem, “Estudo: eis tudo!” está explanada ao lado de algumas fórmulas matemáticas e de física, como se esse pedaço da parede fosse mesmo uma imensa folha de papel branca, em qualquer caderno, pronta para receber essas expressões numéricas. Berticelli (1998) escreve que as heterotopias apontam para onde os saberes educacionais emergem em tempos de pós-modernidade – a transgressão (ordem da transgressão), outros modos de interpretação da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco que não querem dizer uma transgressão moral.

Para Carvalho (2016, p. 83, 85), as infâncias são heterotópicas, cada uma delas como uma experiência microrrevolucionária para a nossa relação com os espaços e as normas estabelecidas, explicando que as infâncias incendiárias oferecem as condições para uma outra verdade capaz de fabricar o que ainda não existe.

Vejo nos sujeitos que aparecem nas cenas apresentadas nesta subseção movimentos de transgressão do espaço da Biblioteca. São corpos dissidentes que em sua ação quebram a norma social vigente, assim existem no espaço de outros modos provocando fissuras, subvertendo as regras, transgredindo a moral. Corpos que nos ensinam que nem sempre aquilo que foi

estabelecido por alguém é o suficiente para eles. Dessa forma, fazendo o dispositivo do controle falhar, incendei a Biblioteca.

4.3 O INESPERADO DA BIBLIOTECA: A BIBLIOTECA PÚBLICA QUE SE DESLOCA

Entrei no setor das obras raras com o intuito de observar os materiais referentes às informações sobre a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. Luvas nas mãos e a ansiedade no peito, antes de percorrer as páginas daqueles livros antigos cujos cheiros vão me enchendo de alegria sempre que estou diante deles. Aos poucos, páginas fragilizadas passam diante dos meus olhos, reviro-as com todo o cuidado para não ver seus pedacinhos se desfazerem diante das minhas mãos encobertas pelas luvas brancas. Páginas tão antigas que me fazem refletir um pouco sobre os diferentes momentos históricos ocorridos no Brasil e no mundo, enquanto elas já estavam ali materializadas.

Percorrendo um pouco mais o acervo das obras raras, seguro em minhas mãos alguns dos álbuns de fotografias da Biblioteca de Pernambuco. Imagens de eventos, lançamentos de livros, passagens de escritoras e escritores renomados, palestras e diferentes comemorações ocorridas. Diferentes expressões culturais que expressam o quão viva essa Biblioteca Pública sempre foi.

Passeando entre as páginas dos álbuns, encontrei imagens que me diziam sobre deslocamentos feitos pela Biblioteca, momentos de atravessamentos, além dos muros para que outros sujeitos na sociedade pudessem ter a oportunidade de estar em contato com ela em outras regiões da cidade, mostrando as possibilidades de encontro com as comunidades, as atividades culturais no Parque Treze de Maio e os eventos literários de grande relevância para a cultura de Pernambuco.

A imagem a seguir é referente ao deslocamento da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco para o Parque Treze de Maio, provavelmente nos anos de 1970, pois, no acervo de obras raras dessa instituição, não há uma data específica para essa fotografia. Na ocasião, é possível ver a diretora da época, cujo nome também não aparece na referência, assistindo a um concerto com os frequentadores da biblioteca.

Figura 23 – Concerto no Parque Treze de Maio



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Um concerto na frente do Monumento aos Pernambucanos Mortos na Segunda Guerra Mundial, localizado no Parque Treze de Maio, defronte da Biblioteca Estadual, provavelmente nos anos 1970, com a presença da diretora da Biblioteca ao centro. No primeiro plano, vemos os músicos, sentados com seus instrumentos; já no segundo, a diretora de pernas cruzadas com um vestido branco e os braços sobre os joelhos. Há outras pessoas em torno dela, umas sentadas, outras não, todas contemplando o espetáculo. O maestro está em pé no canto direito da imagem, conduzindo os músicos no momento em que a plateia assiste ao espetáculo.

É provável que, ao definir a categoria heterotopia como uma possibilidade de justaposição de espaços, utilizando-se de diferentes exemplos, Michel Foucault estava explicando sobre as aproximações que ocorrem quando os sujeitos delimitam espaços enquanto expressam a sua territorialidade. Freqüentadores da Biblioteca Pública assistindo ao concerto no Parque Treze de Maio, configurando-se todos em um só espaço. A Biblioteca, historicamente o lugar onde se dá a leitura, promove um evento musical no Parque, local de lazer e de descanso. Assim são as heterotopias, justaposições em um lugar real de espaços que deveriam ser incompatíveis (FOUCAULT, 2013).

Divago enquanto vejo as fotografias antigas. Nessas derivas, descobri que foi na Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco que ocorreu o I Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação no Recife em 1954. Na ocasião, estava presente a *Biblioteca Ambulante*, um pedaço flutuante da Biblioteca sobre rodas que tinha por função circular nos anos de 1970 por diferentes regiões da cidade, estacionada em frente ao Teatro de Santa Isabel, como podemos ver na imagem a seguir.

Figura 24 – A Biblioteca Ambulante



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Nessa imagem, vemos a Biblioteca Ambulante estacionada em frente ao Teatro Santa Isabel, localizado no centro do Recife, durante a realização do I Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação no Recife em 1954. A referência quanto ao departamento da Prefeitura responsável pelo seu projeto aparece no meio do veículo. Pessoas bem-vestidas interagem de diferentes formas em frente a essa biblioteca sobre rodas. Mulheres que conversam, casais lado a lado, alguns entrando nessa biblioteca móvel. A fotografia é toda em preto e branco e foi feita no período da noite, pois o tom preto no canto superior esquerdo mostra exatamente isso.

A Biblioteca Ambulante pode ser vista como um pedaço de espaço flutuante tal qual o navio dito por Foucault (2015b, p. 438), lugar sem lugar que promove aos sujeitos uma abertura momentânea de um espaço real breve que já se configura prestes a desaparecer. Os navios, para Foucault, as utopias do século XVII, eram os responsáveis por levar os sonhos da modernidade. Pode-se dizer que a Biblioteca Ambulante foi a oportunidade para outros sujeitos da sociedade sonharem sem se deslocar das comunidades onde residiam.

Encontrei um documento publicado pelo Governo do Estado de Pernambuco nos anos de 1970 (sem periodização marcada⁹) com informações sobre a *Biblioteca Ambulante*, uma iniciativa do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife. Nesse texto, vemos que sua função era transportar diferentes tipos de materiais, livros, filmes, imagens, entre outros. Em decorrência disso, a biblioteca com rodas chegava até as periferias do Recife para seguir um roteiro predeterminado com diferentes textos culturais.

Hoje em diferentes cidades do Brasil há projetos de bibliotecas nos principais pontos de grande circulação na sociedade. São estações de metrô, terminais integrados de ônibus, carros estacionados em praças repletos de livros, entre tantas outras diferentes formas criativas para levar a cultura até as pessoas. São bibliotecas pequenas cujo objetivo é promover o interesse pela leitura. As leituras nos trilhos ou sobre rodas são formas de fazer existir o que está representado na imagem anterior da Biblioteca Ambulante dos anos de 1970.

A Secretaria de Educação de Realeza, município no Paraná, criou em 2014 a Kombi da Leitura (BIBLIOTECA..., 2014), parte de um projeto de incentivo à leitura desenvolvido pelas escolas municipais com o objetivo de circular entre as escolas da cidade. Já em Blumenau, a Biblioteca Ambulante (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, 2014), projeto da Prefeitura, que também se desloca em uma kombi, voltou em 2014 a circular nas comunidades da cidade, contribuindo para que as crianças tivessem mais acesso a leituras. Ambas nos anos 2000, com a mesma estrutura elaborada que remete à Biblioteca Ambulante do Recife em 1954.

Atualmente no Recife há o projeto Biblioteca Leitura nos Trilhos (CBTU, 2013) da parceria entre o Instituto Brasil Leitor com a Superintendência de Trens Urbanos do Recife (CBTU). Inaugurada em abril de 2007, essa Biblioteca oferece serviços de empréstimo para estimular nos sujeitos a promoção da cultura. É gratificante ver que essa pequena Biblioteca continua de pé na Estação Central do Recife há mais de uma década. Vejo-a sempre que utilizo o metrô.

⁹ Fonte: Governo do Estado de Pernambuco, disponível no Setor de Obras Raras da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Já no Terminal Integrado Pelópidas Silveira, em Paulista, Região Metropolitana do Recife (RMR), a mesma sorte não ocorreu. Costumo circular por essa integração porque moro nessa cidade, assim, recordo-me de que, nos primeiros anos após a sua inauguração em 2009, havia uma biblioteca no meio dela com os mesmos fins da Biblioteca Ambulante do Recife dos anos de 1970 e das outras cidades que acabo de citar. Infelizmente o projeto não durou muito tempo no maior terminal integrado da RMR, isto é, desapareceu o espaço que poderia continuar servindo a um público amplo.

Nos trilhos ou sobre rodas, é comum as bibliotecas públicas se deslocarem com o intuito de alcançar novos leitores, buscando levar até eles valores culturais e, assim, contribuir para que a cultura circule entre regiões periféricas das cidades. Projetos como esses encantam pela sua beleza e criatividade, mostrando-nos bibliotecas itinerantes tais quais os navios ditos por Foucault (2015b), pedaços de não lugar flutuantes com forte potência para transportar sonhos. Sem eles, os desejos esbarram em abismos, mergulham nas profundezas de uma existência não criativa.

Percorrendo as páginas dos álbuns de fotografias antigas da Biblioteca Pública, encontrei outra imagem referente ao seu deslocamento. No ano de 2001, ocorreu no Recife a Feira Internacional do Livro de Pernambuco, e a Biblioteca marcou presença nesse que é um dos eventos literários mais importantes do estado. Mostras culturais e discussões sobre literatura, entre outras atividades, fizeram parte no seu *stand*. A próxima imagem é referente a um dos momentos em que as alunas e alunos da rede pública de ensino assistem a um evento musical.

Figura 25 – A Biblioteca Pública na Feira Internacional do Livro



Fonte: Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco.

Nessa imagem, a Biblioteca Pública Estadual, no período em que ainda se chamava Biblioteca Pública Estadual Presidente Castello Branco, conforme consta em um cartaz do Governo do Estado no canto direito da figura, está localizada em um *stand* na Feira Internacional do Livro de Pernambuco no ano de 2001. O músico localizado no centro da fotografia apresenta-se para estudantes de uma escola pública. Algumas crianças estão com os olhos fixos na apresentação musical, concentradas, enquanto contemplam a apresentação, outras olham para outros lados. Alguns adultos interagem entre si no fundo da imagem, local em que vemos dois meninos sentados em cadeiras de escritório atrás do músico, que canta enquanto toca seu violão.

Na perspectiva de Foucault (2013), a feira é um dos espaços presentes na sociedade que pode ser pensando sob a noção de heterotopia, assim, são organizações espaciais fluidas pela previsibilidade de suas aberturas que se estendem para ocupar os lugares em um determinado período da semana, algumas regiões, ou apenas em um espaço do tempo do dia, em outras possibilidades.

Com essas imagens, podemos refletir sobre três tipos diferentes de deslocamentos, para o concerto, para o congresso e para a bienal, que, apesar de se tratar de eventos distintos em décadas diferentes da história de Pernambuco, têm em comum o fato de que tratam de ensejos

em que a Biblioteca desprende-se dos próprios muros para circular por outros territórios, buscando afetar outros sujeitos, apresentando-se em forma de convite para atrair novos frequentadores.

4.4 CONDUTA IMPROVÁVEL

No domingo, as portas da Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco estão fechadas. Porém, o poder dos seus frequentadores é capaz de fazer o espaço continuar funcionando ainda que de modo simbólico através de uma conduta improvável. Para muitos, o primeiro dia da semana é o bálsamo onde o corpo e a mente entram em descanso, estado em que eu me encontrava após almoçar com meu primo no centro do Recife naquela tarde de domingo. Paramos no Parque Treze de Maio para passar um tempo após uma manhã de aula, por volta das treze horas, momento em que, ao sentarmos no banco, meus olhos encontraram ele, um rapaz que frequenta a biblioteca, diante da mesa de xadrez no coreto com seu caderno, livros e a garrafinha de água.

No mesmo instante em que o vi, lembrei que, no dia anterior, eu o tinha visto estudando em uma das mesas no jardim da Biblioteca. Era sábado e eu estava tendo o meu curso de educação patrimonial. Ele estava no jardim porque, aos sábados, o setor de referência não abre, o local onde mais o vejo. Olhando para ele naquele domingo, passei a refletir sobre a potência de criação de espaços pela ação humana, movimento criativo que permite a construção de espaços nunca antes pensados ou imaginados conforme uma necessidade de um grupo, seja por motivações políticas ou por questões coletivas.

A cena a seguir, *O improvável xadrez no coreto*, narra um momento em que a força criativa de um frequentador da Biblioteca Estadual estende as fronteiras desse espaço e vive de outro modo essa territorialidade, inventando uma biblioteca aberta aos domingos, pedaço de um não lugar tão breve quanto as horas de relaxamento de um domingo ensolarado.

O improvável xadrez no coreto

No começo de uma tarde de domingo, a mesa de xadrez no coreto do Parque se apresenta de um outro modo. O jogo que nela acontece se dá por outras regras. Apostilas, livros e caderno dispostos nesse tabuleiro para mais uma batalha em que o futuro de um jovem assíduo da Biblioteca está em jogo. Não importa que as portas da Biblioteca estejam fechadas nesta tarde ensolarada, ele é um jogador poderoso o suficiente para mantê-las abertas para si. Não tem problema se as carteiras da Biblioteca estão a alguns metros dali, ele é criativo demais a ponto de encurtar essa distância ao abrir os limites territoriais do

espaço. Não há motivos para desespero se o banheiro da Biblioteca está fechado, ele é forte o suficiente para fazer uso com moderação da quantidade do próprio kit de sobrevivência. Tanto faz o barulho das crianças, o som dos automóveis, a música que toca no bar do outro lado da rua, nada disso é capaz de parar um jogador convicto em pleno domingo no parque. As improváveis peças desse jogo de xadrez estão dispostas no tabuleiro. Canetas, garrafa com água, fichas, borrachas, etc. É com elas que ele precisa jogar, em pleno domingo, o jogo dos sonhos, partida de xadrez em que a Biblioteca Estadual é o Parque Treze de Maio, o Parque do Treze que colidiu com a Biblioteca de Pernambuco, a Biblioteca Estadual que está no Parque, o Parque-Biblioteca numa tarde da primavera de dois mil e dezenove. (20/10/2019).

Nesta cena, vemos que o domingo, dia da semana associado ao repouso ou à festa por grande parte da sociedade, não é visto dessa forma por esse rapaz que frequenta a Biblioteca quase todos os dias. Acostumado a estar nesse espaço, além de estudar no dia considerado para o descanso por todos, optou justamente por estar ao lado da Biblioteca Pública no Parque vizinho, mesmo consciente da intensidade dos ruídos de um domingo no parque.

Sentado naquele coreto, ele segue o fluxo dos seus estudos para alcançar objetivos. A Biblioteca continua a sua vista poucos metros dali, o que me faz refletir sobre o pertencimento do espaço, ainda que as portas estivessem fechadas como se Parque e Biblioteca fossem dois lados de um mesmo espaço.

Aquelas mesas de xadrez, em grande parte do tempo, são ocupadas por idosos em momentos de socialização. Ocorre que, em um momento improvável, outros sujeitos podem ocupar esse mesmo espaço e fazer uso de forma diferente, pessoas em situação de rua que descansam, crianças que brincam ou o frequentador da Biblioteca Pública que estuda, entre outras formas de uso daquele coreto. O sujeito da Biblioteca, focado nos próprios objetivos, estando dentro e fora dela ao mesmo tempo.

Um jogo de xadrez que se dá de forma solitária, onde o sujeito que joga é oponente dele mesmo, enfrentando domingos ensolarados para estudar. A escolha desse tabuleiro não se dá de forma aleatória, uma vez que ele reconhece essa região como um território dos campeões. Basta que o dia amanheça para que se desloque até aqui para vencer mais uma batalha de xadrez nesse grande tabuleiro de tantas outras batalhas que ocorrem também nas mesas dentro da Biblioteca.

Depois de um curto tempo esse frequentador da Biblioteca percebeu a minha presença o observando. Fizemos um breve contato visual. Em seguida, a atenção dele se voltou novamente para os livros. Seguiu no tempo quebrando um pouco os picos de concentração devido ao ruído inerente dos parques em uma tarde de domingo. Escrevia algo no caderno, olhos concentrados no livro, vez ou outra uma pequena pausa para beber um pouco de água.

Pouco tempo depois, retira comida da bolsa. Interessante dizer que fez o lanche em pé encostado na pilastra do coreto que se volta em direção à Biblioteca. Olhando para ela, mastigava. Pouco tempo depois de comer, guardou o próprio material e deixou o Parque.

Tão importante quanto a leitura são os intervalos que fazemos entre algumas sessões e outras dos livros. Momentos que mais parecem intervalos de uma hipnose, como se aquelas leituras promovessem deslocamentos para regiões além do próprio espaço no qual nos encontramos quando estamos estudando. Sobre levantar a cabeça entre uma página e outra de um livro, Goulemot (2011, p. 17) escreve-nos que isso ocorre porque o leitor cessou por um instante a reflexão de sua leitura – ainda que não saibamos qual os sonhos que o transportam, podemos acreditar que a biblioteca desempenha um papel nesse processo.

Encontrar aquele frequentador assíduo da Biblioteca Estadual no Parque Treze de Maio me fez refletir um pouco sobre a noção de espaço público estabelecida por Hannah Arendt, espaço comum por onde as pessoas que advêm de diversos núcleos familiares têm os mesmos direitos de estar por se tratar de um lugar comum de reunião de todos os membros de um grupo (ARENDR, 2007). Em virtude dessa convivência cotidiana, esses lugares precisam ser preservados para que os sujeitos de diferentes gerações possam exercer esse direito de uso do espaço, condição de durabilidade capaz de transcender a vida mortal dos homens.

Soma-se a isso a ideia de que o comum diz respeito ao direito de uso por todos em qualquer localização temporal (ARENDR, 2007). Depois de presenciar essa cena, comecei a pensar no que o espaço da biblioteca faz com as pessoas. O que leva um jovem a estudar todos os dias, ou quase todos os dias, numa biblioteca ou no território dela no dia em que as portas estão fechadas? Assim, vejo-o como um frequentador de biblioteca que interpreta as regras dela no espaço comum do coreto do parque, uma interpretação que se dá porque os valores da biblioteca já estão internalizados nele.

Segundo Moura (2014, p. 76), as noções de heterotopia e mundo comum são dimensões conceituais que colocam em destaque o papel da alteridade como pluralidade e singularidade humanas. Pode-se dizer que essas duas noções articuladas contribuem para refletir sobre as particularidades individuais dos frequentadores dos espaços públicos, assim, a biblioteca é um desses locais em que os sujeitos podem se expressar conforme os próprios interesses, pois, conforme escreve Krüger Júnior (2016, p. 26), na heterotopia, há uma junção do lugar real e do lugar irreal, incorporados dentro do mesmo espaço de simbologia.

De acordo com Arendt (2007), a realidade do mundo comum se configura pelo mesmo interesse que se repete nos diferentes sujeitos que sempre almejam as mesmas coisas. Isso

significa que o espaço público pode ser visto como um lugar comum de preservação e ressignificação cultural.

Aquele domingo de outubro de 2019 não foi o único momento em que, fora do portão da Biblioteca Pública, os frequentadores me mostraram, com gestos, palavras e ações, os modos como eles enxergam e se relacionam com o espaço. Em outro momento daquele mesmo mês, eu seguia em direção à Biblioteca Estadual, próximo ao Parque Treze de Maio, especificamente a um quarteirão. Parei no cruzamento entre a Rua da Saudade e a Rua Princesa Isabel. Enquanto esperava os carros pararem, outro frequentador da Biblioteca parou ao meu lado. Fizemos um breve contato visual e, nesse momento, acredito que também fui reconhecido por ele, o que me fez ficar um pouco sem jeito até que, sem pensar muito, perguntei a ele sobre a direção da Biblioteca. Ele apontou me informando que também estava indo para lá. Nesse instante, os carros pararam e ambos demos os primeiros passos, momento em que ele me surpreendeu com a seguinte frase: “Lá é o lugar onde a pessoa sai aprovado”. Depois disso, seguimos os dois pela calçada do Parque.

A pluralidade da atividade da ação que move o homem pelo exercício da vida pública e política em espaços comuns às pessoas da sociedade é o que nos escreve Arendt (2007) em *A condição Humana*. Essa reflexão ajuda a pensar que os sujeitos no espaço comum são motivados por questões políticas de interesse pessoal, mas que também repercutem na esfera pública, pois a nossa existência não está desvinculada da convivência com outros sujeitos.

A imortalidade, no centro de uma *vita activa* (ARENDR, 2007), diferencia-se da eternidade devido às possibilidades de continuação no tempo. Isso sugere que o imortal não morre devido às condições que lhes foram dadas para uma continuação através dos tempos. Em adição a isso, a ação está mais próxima da condição humana, presente em todas as atividades humanas como possibilidades de novos começos, pois esses deslocamentos são condicionados pela convivência em grupo e não podem ser desconsiderados fora da sociedade (ARENDR, 2007, p. 7).

Na relação que se estabelece entre os homens, há um contato com coisas que passam a fazer parte das suas existências (ARENDR, 2007), elementos e artefatos culturais que passam a existir de modo comum a todos. Assim, é no espaço público que adquirimos conhecimentos, que antecedem à nossa existência, e construímos novos que poderão se manter imortais, ambos dentro de uma perspectiva coletiva, pois se trata de um local de convívio de diversos sujeitos localizados em diferentes momentos, ou seja, é possível dizer do espaço público como atemporal.

Nesse entendimento da condição humana vinculada ao mundo no qual a vida entre os homens acontece, o princípio da ação, estabelecido por Arendt, permite pensar as criações humanas como possibilidades de existência na Terra para além das suas condições biológicas. Um outro aspecto é que nesses movimentos criativos o ser humano dá origem a bens culturais capazes de resistir ao tempo cuja imortalidade é conferida pelo uso que as diferentes gerações fazem deles, o que, na abordagem de Arendt (2007, p. 28), significa uma forma de permanência e imortalidade potencial vinculada à noção de *vita activa*.

Uma criatividade que pode se expressar de um modo improvável. Basta observar um jovem da Biblioteca em um dia de domingo sentado à mesa de xadrez de um coreto para estudar bem próximo do espaço. Isso me fez refletir que, apesar da porta fixa estar fechada, o poder desse jovem a mantém aberta, pois as heterotopias dizem mais sobre aspectos de como nos relacionamos com o espaço, a forma como nos posicionamos, do que as localizações fixas que nos são impostas. Posso dizer da surpresa em assistir a um momento em que, em pleno domingo, a Biblioteca estava, sim, aberta e o frequentador estava, sim, utilizando o tabuleiro de xadrez do Parque para dar continuidade aos estudos.

A cena do xadrez no coreto é uma representação do modo como os sujeitos se articulam com o espaço público comum, em momentos como esse de invenção espacial, uma criação em decorrência de diferentes motivos. É o que se vê em Prado (2018), quando escreve sobre espaços que surgem de forma inesperada através de experiências-limite que nos deslocam pela linguagem de um “não lugar”. Segundo esse autor:

O “espaço impensável”, o impossível e o monstruoso, vemo-los alcançados por uma linguagem de um “não lugar”. Descobrimos em *As Palavras e as Coisas*, sem a mediação de outras disciplinas, a relação entre experiências-limite e a linguagem do espaço. Afinal, como experiência-limite, os seres foram reunidos por uma estratégia que não suspeitávamos existir, fora de nosso aparato habitual de pensamento, fora “do solo mudo onde os seres podem justapor-se”, mas vemo-los alcançados pela linguagem, e esta, assim, instituir espaços utópicos, heterotópicos e atópicos. (PRADO, 2018, p. 104).

Esse autor me coloca para refletir novamente sobre a cena do coreto, pois todas as outras situações que ocorriam simultaneamente no entorno da mesa de xadrez exemplificam o que ele nos escreve, pensando com Foucault nessa justaposição espacial. No mesmo instante em que um frequentador da Biblioteca sentou-se à mesa de xadrez para ler seu livro, crianças corriam e brincavam no parquinho, alguns adultos faziam atividades físicas, enquanto outros apenas passavam pelo local ao lado dos que estavam sentados nos bancos, onde eu estava. Assim, Prado (2018, p. 107) nos mostra que, na heterotopia, há uma reunião de todas as diversidades.

O momento de estudo em um domingo de sol no parque me fez refletir sobre a noção de experiência em Larrosa (2017, p. 18): aquilo que nos passa, que nos toca, o que nos acontece. São as possibilidades de que algo nos toque. Em conformidade com esse autor, essa definição se refere aos modos como somos atravessados pelos elementos que nos cativam na prática social. Assim, a experiência, na perspectiva dele, é algo que não pode ser planejado, é singular e não pode ser repetido, acontece de forma inesperada e nos forma ou transforma (LARROSA, 2017, p. 28).

Escreve Foucault (2013, p. 10) que a cabeça, parte do corpo, é uma estranha caverna aberta para o mundo exterior por onde entram coisas que ao mesmo tempo permanecem do lado de fora dela. A todo momento, estamos ressignificando as coisas no mundo, assim, somos expostos a elementos externos que, ao sermos tocados por eles, perpassam o interior dos nossos corpos, ainda que permaneçam do lado de fora de nós mesmos, deixando-nos uma marca. E é essa marca que nos fascina e nos faz ficar apaixonados por aquilo.

O rapaz no coreto, sujeito da experiência (LARROSA, 2017), seria algo como um território de passagem, uma superfície sensível por onde se dão atravessamentos. É provável que a experiência dele com a Biblioteca pode ser vista na perspectiva apresentada por esse autor porque não são todos os frequentadores desse espaço que se dispõem a estar em um parque próximo a uma biblioteca em um dia de domingo. É provável também que isso ocorra porque algo da Biblioteca provocou nele afetamentos. Como já mencionei, na ótica de Larrosa (2017), a experiência passa, porém deixa uma marca que se mantém no sujeito.

Ainda em conformidade com Larrosa (2017), sabemos que na biblioteca acontecem coisas todos os dias que são comuns a todos os sujeitos, do ponto de vista das suas regras, como, por exemplo, fazer silêncio, deixar o material na portaria, devolver os livros dentro do prazo, entre outras ações. Porém, a experiência de cada sujeito na biblioteca, do ponto de vista desse autor, é singular, impossível de ser repetida. Da mesma forma escreve Manguel (2018, p. 79) sobre cada experiência de leitura ser única no seu lugar e no seu tempo, sem poder ser duplicada.

Segundo Larrosa (2017), do ponto de vista lógico, a experiência produz a diferença. Trata-se de uma dialogia que funciona heterologicamente, irrepitível. Há algo como a primeira vez. É incerteza que não pode ser repetida. São momentos em que, sem intenção de esbarrar em algo, ficamos diante daquilo que provoca em nós afetações. E, após deixá-los, as afetações ainda permanecem no nosso interior, passando a fazer parte da nossa subjetividade. “A experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o que não se pode antecipar nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’”

(LARROSA, 2017, p. 34). É o que se vê em Manguel (2018, p. 131) quando escreve que os nossos livros são relatos das histórias que vivemos, das epifanias e das nossas atrocidades.

Pode-se dizer que a noção de experiência em Larrosa aponta para processos de subjetivação que advêm das afetações pelas quais os sujeitos passam. São marcas nos sujeitos de coisas externas a ele, formando espaços e sendo formados por eles, e que possibilitam as formas de atribuição de sentido pela ação humana, conforme nos escreve: “O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana” (LARROSA, 2017, p. 30). Exemplo disso é a leitura que, do ponto de vista em Manguel (2018, p. 131), é um ato de reclamar o direito à imortalidade humana porque a memória de todas as coisas escritas é ilimitada.

Pode-se dizer que a imortalidade emerge dessas criações culturais como um bem público capaz de sobreviver ao tempo, toda vez que é ressignificada pelas novas gerações como uma herança cultural, cabendo ao espaço público a função de preservação cultural daquilo que é comum a todos. Com Arendt (2007), aprendemos que a noção de público se articula ao mundo comum a todos os indivíduos de uma determinada sociedade. Assim, são espaços que ganham existência nas interações entre os diferentes sujeitos de uma comunidade, passando a funcionar por todos e para todos. Nas palavras desta filósofa, “O mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos” (ARENDR, 2007, p. 65).

Escreve Moura (2014) sobre a compreensão das bibliotecas públicas na perspectiva de uma articulação entre as noções de heterotopia em Foucault e mundo comum em Arendt para requerer a tomada de referência da dimensão discursiva que orienta a sua constituição no contexto nacional.

De acordo com Moura (2014, p. 65), a primeira biblioteca pública brasileira foi erguida em Salvador, Bahia, em contexto nacional que incorporava o propósito de apoio à educação. Conforme essa autora, a biblioteca pública instaura-se como espaço compartilhado e de tessitura da pluralidade humana – no mundo comum proposto por Arendt, será de capaz de ter uma sobrevivência maior que a nossa breve permanência (MOURA, 2014, p. 70).

As possibilidades de uma existência imortal das bibliotecas públicas me faz refletir que se trata de uma instituição que, se preservada, poderá continuar existindo de modo atemporal. Pensar nessa imortalidade das bibliotecas me descola para refletir sobre aquela que até hoje é considerada como um mito da antiguidade, a Biblioteca de Alexandria. Em conformidade com Goulemot (2011, p. 28), consideramos que ela representa a primeira biblioteca pública, não pelo sentido de espaço pelo qual nós a conhecemos hoje, mas, sim, porque a nossa memória

cultural a escolheu, ainda que a sua história seja incerta e vaga. Assim, seu sentido de público está no que se falou sobre sua existência e sua riqueza do que numa abertura mais ampla aos leitores.

Biblioteca e parque são espaços públicos por onde os sujeitos de diferentes regiões estão presentes e convivendo. Lugares comuns a todos, para os quais podemos olhar através das lentes da heterotopia em Foucault, que nos possibilitam as condições para pensar numa justaposição espacial. Apesar de serem delimitados, configuram-se em uma mistura como se de forma simultânea todos fizessem parte de um só lugar. Basta observar a cena *O improvável xadrez no coreto*. Não há limites entre o que é a realidade e o que é ilusório no espaço social através da noção de heterotopia (KRÜGER JÚNIOR, 2016, p. 36).

Quando Foucault escreve que na heterotopia há experiência de espelhamento, significa uma aproximação do espaço ilusório. As utopias, com os espaços reais; as heterotopias, no espelho por onde se dá a projeção de ambas. “A realidade e a irrealidade são fatores que permeiam a concepção pertinente à heterotopia e possibilitam uma reflexão ao nível transcendental sobre os espaços que compõem o entorno social” (KRÜGER JÚNIOR, 2016, p. 31).

A biblioteca pública é uma instituição de todos os sujeitos em qualquer localização temporal. Os usos que eles fazem do espaço se dão de forma diversa, pois é através de atos criativos que vão criando esses lugares, até mesmo quando as portas da biblioteca estão fechadas em um dia de domingo. As leituras se dão conforme os sujeitos vão estabelecendo relações com os livros nas experiências que ocorrem no espaço da biblioteca, carregando seus significados por onde sua imaginação permite chegar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 26 – Biblioteca frente a frente com o Parque



Fonte: Autor da pesquisa.

Parado na Rua João Lira, de costas para a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco à espera do sinal vermelho para atravessar. Enquanto aguardava o momento certo para me dirigir ao Parque Treze de Maio, recordei a importância do encerramento dos ciclos para que outros novos caminhos venham a surgir. Esse foi o momento em que a deixei, mesmo consciente de que a Biblioteca estará aberta sempre que eu precisar retornar. Os carros pararam. Atravessei a rua, deixando para trás tantas outras ruas compostas por estantes de livros por onde escolhi me perder por tanto tempo em lugares outros. Consciente dos meus passos, segui caminhando por dentro do Parque, tranquilo por saber que tudo que vivi até então fez parte de uma importante etapa que, naquele momento, fazia brotar ideias para novos caminhos a serem traçados.

O objeto do meu olhar no início dessa jornada foram as experiências em uma cultura de domínios do saber e formas de produção de identidades (CASTRO, 2016), no contexto da Biblioteca Pública, compreendida como uma heterotopia de tempos infundáveis (FOUCAULT, 2013, 2015b). Meu intuito, no primeiro momento, foi compreender como processos de relação de forças materializados nas práticas discursivas dessa heterocronia de tempo atuam como uma pedagogia na conduta dos indivíduos. Assim, do ponto de vista da arquitetura, pode-se dizer que há na Biblioteca diferentes tipos de organização do espaço que mostram o ideal de sujeito idealizado para circular, promovendo, dessa forma, a fabricação de identidades.

Foi no campo dos Estudos Culturais em Educação (COSTA, 2007; CORAZZA, 2007; WORTMANN, 2007) que encontrei ferramentas para desenhar um caminho investigativo de inspiração etnográfica-surrealista (CLIFFORD, 2014), considerando elementos da análise do discurso em (FOUCAULT, 2008). Com essa perspectiva teórico-metodológica, percorri os valores simbólicos pelo território da Biblioteca, caminhando e parando (CARERI, 2013; 2017) nos descaminhos (BUJES, 2007) para, então, sentir aquilo que se apresentava aos meus olhos e desenvolver uma investigação literária e artística (CORAZZA, 2007). Dessa criação emergiu um texto sobre a Biblioteca Pública que não poder ser enxergado como a ação, mesmo tendo-a como elemento constitutivo, forma de concepção mais pluralista. A análise aqui delineada é uma entre tantas outras que podem existir sobre bibliotecas.

Nesta pesquisa, o modo de apresentação do texto escrito se deu na forma de uma narração do cotidiano em uma construção estrategicamente argumentativa autorreflexiva com o pluralismo de significados apresentados durante as observações. O conhecimento advém dos

relatos de sentido produzidos na troca dialógica entre observador e observado, uma interpretação que é desenvolvida dentro de um sistema de relações culturais.

Como resultado, identifiquei nos documentos oficiais e fotografias antigas da Biblioteca, assim como nas imagens capturadas e nas cenas escritas, afirmações que orientam a ordem da verdade no espaço através dos modos de organização que incidem na orientação das condutas que se configuram como técnicas de saber-poder e de si materializadas nos artefatos da instituição. Técnicas que atuam controlando os corpos através da organização do espaço que promove a localização dos sujeitos pela organização literária e pela fabricação de manuais de utilização de materiais impressos que acabam, entre outras coisas, incidindo em como o corpo deve ser utilizado no processo de manuseio. Tais técnicas podem ser compreendidas como uma vontade de pedagogia (CAMOZZATO; COSTA, 2013) por parte da Biblioteca, que, como um lugar de aprendizagem, atua como uma pedagogia cultural.

Pode-se dizer que a Biblioteca Estadual, equipamento social, é um lugar de aprendizagem por onde diferentes significados circulam incidindo na fabricação dos sujeitos, portanto trata-se de uma pedagogia cultural. De certa forma, é possível considerar que esse equipamento social pode contribuir na formação cultural em uma perspectiva dialógica, consubstanciando-se como uma exigência existencial, desse modo, um ato criativo, conforme nos ensinou Freire (2019).

Através da observação de campo, percebi que, na Biblioteca, assim como na escola, existe um horário específico de funcionamento concomitante ao das escolas à sua volta, tal qual o horário comercial da região central do Recife. Ambas, biblioteca e escola, funcionam dentro de uma mesma lógica espaçotemporal, agindo, assim, como modeladoras das identidades que por elas circulam. Em adição a isso, há outras regras quanto ao uso do espaço que, tal qual na escola, promovem comportamentos esperados. É o que se vê com a presença das câmeras de vigilância e as regras de empréstimos dos livros comuns a todos os indivíduos, desde que estejam cadastrados na Biblioteca.

É com o cadastro que a Biblioteca confia emprestar seu material por saber exatamente os dados dos seus cadastrados. O movimento de cadastrar-se é um primeiro processo de subjetivação que se dá no interior da Biblioteca. Deixam-se os seus dados e ganha-se uma numeração que servirá para abrir as oportunidades para desfrutar daquelas estantes que são como ruas que se abrem para outros horizontes em cada conteúdo dos livros, o lugar que possibilita descobrir outros caminhos até então improváveis.

Pode-se dizer que a noção de heterotopia apresentada por Foucault (2013; 2015b) é intrigante porque nos ensina a olhar os lugares de passagem que existem de modo interdependente com outros espaços já convencionalmente estabelecidos. Com ela, posso compreender que um espaço pode ser concebido mais pela relação que estabelecemos com ele do que pela questão posicional. As heterotopias são fascinantes por se expressarem em alguns momentos através de sujeitos com comportamentos atípicos, de um modo quase rebelde e com vontade de abrir as fronteiras para os não lugares colocados por aí na Biblioteca, tal qual em outras localidades fora dela.

A Biblioteca de Pernambuco, pela ótica da noção de heterotopia, pode ser percebida como um espaço em trânsito, como se estivesse entre a efervescência urbana do Recife central e as escolas que lhe fazem vizinhança, pertencente a todas essas esferas. Foucault nos escreveu que as bibliotecas são heterocronias de tempos infindáveis, pois se trata de uma espaço em que é possível contactar com outros momentos e autores/as através dos materiais, em sua maior parte impressos. Um encontro que se dá através de deslocamentos da mente sem que, de modo surreal, o corpo físico saia de dentro do recinto.

O contexto do surgimento da Biblioteca de Pernambuco se deu no complexo educacional da região central do Recife para atuar na formação cultural dos educandos. Hoje nenhuma das entradas das escolas vizinhas têm seus portões voltados para a Biblioteca, diferentemente da ideia original que a colocou em um ponto de acesso estratégico para todas as unidades escolares. Um dia foi a porta de entrada das escolas, hoje parece estar expulsa de todas elas, espremida entre cada uma em frente ao Parque Treze de Maio.

Entretanto, é possível afirmar que a Biblioteca ainda serve de suporte para alunas e alunos das escolas vizinhas e para os/as de outras unidades de ensino também localizadas na região central do Recife ou na Região Metropolitana (RMR), além de servir até mesmo a estudantes de cidades de outras regiões de Pernambuco, atuando, assim, na formação dos sujeitos das escolas e dos indivíduos da sociedade como um todo. Por conta de a Biblioteca e as escolas estarem vinculadas à Secretaria de Educação e Esporte, há uma articulação entre as suas pedagogias, atuando todas na formação educacional.

Recordo-me de que, no primeiro momento de gestação desta pesquisa, quando ainda se configurava como um projeto, estava previsto que o percurso metodológico se daria apenas pelo caminho de inspiração etnográfica. No entanto, a inesperada pandemia que se iniciou em março de 2020 em decorrência da Covid-19 pegou o mundo de surpresa e teve como consequência uma quarentena que se estendeu por longos meses, o que fez as portas da Biblioteca Estadual

ficarem fechadas por quase um ano. Essa situação pandêmica nos propôs novos desafios. Por consequência, as páginas desta dissertação são o resultado de uma observação de campo em um contexto pandêmico.

Como consequência da pandemia, adicionou-se a análise documental ao corpo empírico para agregar outros sentidos a esta pesquisa. Utilizamos, assim, documentos valiosos pela riqueza de enunciados que continuam ecoando o que têm para dizer desde a época de sua criação. É válido reiterar que os documentos em si não garantem a efetividade das subjetividades, porém ajudam a compreender a rede discursiva na qual estão coexistindo em um macroprocesso de construção de sujeitos. Com isso, conheci novas regiões da Biblioteca onde os livros raros dormem à espera de pesquisadores curiosos para folhear suas páginas. Registros antigos que nos contam sobre as formas de organização da biblioteca, revelando, assim, enunciados em articulação com outros sobre como os sujeitos devem estar posicionados na Biblioteca, tendo como resultado identidades em formação nesse espaço.

Foi com os olhares dos Estudos Culturais em Educação que teci as análises das narrativas, fotografias antigas da Biblioteca e imagens que pude capturar durante todo o processo. É com Williams (1992) que compreendo a cultura como um movimento constante de significações que se realizam nos usos que os sujeitos fazem. Assim, a análise se debruçou por campos existenciais que promovem a formação de identidades, por isso as fotografias e cenas foram importantes nesse processo de reflexão sobre a formação dos sujeitos a partir dos modos como a Biblioteca organiza seu espaço, orienta as condutas, vigia os corpos e dá visibilidade a expressões culturais.

A análise das cenas descritas vai nos dizer que a Biblioteca é feita de escolhas implicadas em relações de poder que, por sua vez, resultam na produção dos sujeitos pelo comportamento que deles é esperado. Ocorre que, no espaço da Biblioteca, também há resistência, e isso se expressa nos corpos que destroem as normas do espaço para se expressar de outro modo. Assim, podemos dizer que, mesmo que existam regras e normas na Biblioteca, outras identidades podem ser fabricadas sem que precisem seguir cada uma das diretrizes. São sujeitos que criam outras artes de ser e estar no espaço.

Onde todos veem apenas crianças circulando de um lado para o outro no setor infantojuvenil, vejo o futuro do país em sua mais alta potência criativa, inventando espaços, explorando novos horizontes, sonhando com coisas inimagináveis no espaço da Biblioteca de Pernambuco. É confortante saber que alguns responsáveis levam as suas crianças para ocupar

esse lugar, pois será através delas também que nossa memória poderá se manter por muito tempo e a nossa cultura poderá ser ressignificada.

Os jovens vestidos com as fardas escolares pelo jardim da Biblioteca Estadual também me fazem pensar sobre o futuro ideal que queremos para o nosso país. Compreendem a potência da Biblioteca, por isso a visitam entre os intervalos das aulas. Interagindo entre si, ou lendo solitários, parecem estar diante do espelho cuja projeção imagética reflete sua própria imagem já em um futuro cheio de possibilidades. Eles cuidarão do mundo e estaremos em boas mãos.

Na sala de estudos, escolares e adultos dividem o espaço concentrados em seus materiais, muitas vezes no contraturno, para não perder tempo. Vejo beleza nisso que me faz refletir sobre o fato de as bibliotecas em nossa sociedade serem espaços de pouca utilização, se compararmos a outros por onde há uma circulação maior de pessoas, a exemplo dos clubes, cafeterias e livrarias. Em um país como o Brasil, onde parte da sociedade não acessa leituras críticas, esses sujeitos de diferentes gerações, advindos de diversas camadas sociais, frequentam assiduamente a Biblioteca Pública por acreditar na transformação da própria realidade através dos estudos. Cada um, ao seu modo mudando a própria realidade, é uma possibilidade individual de alteração de si, mas, quando realizadas juntas, essas alterações comporão um mundo novo.

Onde as pessoas enxergam sujeitos em situação de rua ocupando o espaço da sala de referência, eu vejo sujeitos ocupando o próprio espaço para escapar de uma realidade complexa, cheia de perigos, tendo uma oportunidade de sonhar com outros horizontes para si, sempre que estão concentrados no computadores ou nas páginas dos livros, fazendo lentamente aqueles poucos movimentos de virar as páginas, olhando cada material como se estivessem diante de um bem muito valioso, talvez as joias mais raras e valiosas com forte poder de transformação de toda uma realidade. E essa potência também poderá salvar o futuro.

Todas e todos utilizando o espaço da Biblioteca me fazem acreditar na possibilidade de construção de uma sociedade melhor. Para mim, e sei que para muitos, a biblioteca muitas vezes se apresenta por diferentes motivos como a melhor opção de acesso ao conhecimento, como um espaço tranquilo de acesso aos livros. Tais hábitos se configuram como descobertas e redescobertas da própria história que podem ocorrer na biblioteca.

As bibliotecárias e os bibliotecários fazem parte do corpo de profissionais aptos a contribuir no processo de promoção de aberturas das janelas do conhecimento, como mediadoras/es da memória que nos guiam para que encontremos os caminhos dos livros. Na biblioteca, são como os heróis em prontidão para salvar o mundo, ou talvez o nosso país, ao

menor sinal de perigo. Nelas e neles, vejo a responsabilidade de constantes reconstruções do nosso passado, são os que entregam as asas da nossa imaginação para o desfrute do espaço.

Defendo que a Biblioteca Pública esteja cada vez mais frequentada por todos os sujeitos da sociedade, que todas e todos possam participar mais de eventos culturais. Que outros sejam tocados pelo belíssimo hábito de devolver um livro já com outro em mente num ciclo sem fim. Porque uma biblioteca é isto: espaço comum a todos, capaz de nos surpreender com seus livros a serem descobertos sempre que podemos nos aventurar pelas ruas feitas de estantes.

Para uma experiência de fantástico basta se entregar à leitura. Sua imagem é o conhecimento capaz de despertar os poderes do impossível. O livro é o lugar aberto às tentações que abrem as portas para que os fantasmas possam conduzir os sujeitos na esfera do conhecimento. Formas de ensaiar as possibilidades de ser um e ser todos os outros ao mesmo tempo, uma experiência de um fantástico que confere à biblioteca a condição de um organismo vivo em constante processo de transformação, capaz de resistir, sendo um espaço de resistência que aciona o impensável (FOUCAULT, 2015c).

Concluí as últimas palavras desta pesquisa em agosto de 2021, período em que ainda estávamos em pandemia. A biblioteca nesse momento já havia sido reaberta ao público com serviços de empréstimo e devolução dos livros e mantinha novamente abertos os espaços de leitura. Notei que seu horário de funcionamento ainda estava um pouco reduzido, assim como estavam suspensas as atividades de exposição cultural. O uso obrigatório de máscara ainda era fundamental, e os recipientes com álcool continuavam espalhados por todos os cantos do recinto como um constante lembrete de que a luta contra o coronavírus ainda não havia terminado.

Vi novamente os/as escolares presentes na Biblioteca em um baile de máscaras nesse mês de agosto de 2021. Máscaras coloridas estampadas nos rostos jovens que habitam esse recinto. Sempre espalhados pelo jardim, ou dentro dos setores focados nos estudos, marcavam suas presenças nesse tempo histórico pandêmico. Um grupo montava uma maquete em cima da imensa mesa de madeira que há na entrada do setor infantojuvenil, provavelmente para alguma aula de geografia. A poucos metros deles, uma garota pegou um livro emprestado no setor circulante. Ouvi quando ela informou ao bibliotecário que só levaria um e deixaria o outro dessa vez, mas só dessa vez. Eu, a distância, me vendo em todas e todos aquelas/es jovens escolares pensando na vontade de me manter bem forte para continuar contribuindo no campo da educação, com a certeza de que ainda há muito chão a ser percorrido.

Por fim, o ciclo desta pesquisa se fecha propondo outros descaminhos a serem investigados. Aparece no horizonte a ser traçado algo em torno de uma análise genealógica da

interpenetração da pedagogia do espaço heterocrônico e da escola – uma investigação mais próxima do cotidiano escolar sem perder de vista a questão do não lugar.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Hans Frex. El espacio bibliotecario del saber. De Foucault a Borges. **Aisthesis**, Santiago, p. 23-40, 2016.

ALBINATI, Mariana Luscher. **A produção de espaços culturais na Zona Portuária do Rio de Janeiro**: entre isotopias e heterotopias. 2016. 216 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Duval Muniz de. Às margens d'O Mediterrâneo: Michel Foucault, historiador dos espaços. *In*: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Duval Muniz de; VEIGANETO, Alfredo; FILHO, Alípio de Souza (org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 93-107.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Duval Muniz. O descarado, a cara-metade, o rosto: Michel Foucault e a análise de discurso do movimento homossexual. **Cadernos Discursivos**, Catalão, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2014.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Biblioteca pública**: avaliação de serviços. Londrina: Eduel, 2003.

ALMEIDA, Nukácia Meyre Araújo de. **Jornal das moças**: leitura, civilidade e educação femininas (1932-1945). 2008. 258 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

ALMEIDA, Júlia Caroline de Araújo. **Uma heterotopia pedagógica**: práticas bilíngues com alunos surdos em salas multisseriadas. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

ALMERINI, Katia. LaSal, bar-biblioteca feminista en Barcelona. Empoderamiento femenino y cultura visual. **Boletín de Arte**, Universidad de Málaga, n. 35, 2014.

ANDRADE, Janaína Sant'Ana de. **Antropologia em movimento**: Mulheres, espaço e deslocamento no cinema como lugar etnográfico. 2018. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2018.

ANDRADE; Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 1-23, 2017.

ARAÚJO, Eduardo Fernandes. Etnotrilhas metropoéticas. **Galaxia** (Online), São Paulo, n. 27, p. 265-270, jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/19673/14563>. Acesso em: 21 jan. 2021.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERTICELLI, Ireno Antônio. Da escola utópica à escola heterotópica: educação e pós-modernidade. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 13-24, jan./jun. 1998.

BIBLIOTECA Itinerante: a Kombi da Leitura. **Notícias da Prefeitura Municipal de Realeza (PR)**, 23 out. 2014. Disponível em: <http://realeza.pr.gov.br/biblioteca-itinerante-a-kombi-da-leitura/>. Acesso em: 5 ago. 2021.

BIBLIOTECA PÚBLICA DE PERNAMBUCO. **Site institucional**. Disponível em: <http://www.biblioteca.pe.gov.br/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Porto Alegre: Globo, 2001.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 13-34.

CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. Vontade de pedagogia: pluralização das pedagogias e condução de sujeitos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 44, p. 22-44, mar.-abr. 2013.

CAPONI, Sandra. Covid-19 no Brasil: entre o negacionismo e a razão neoliberal. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 34, n. 99, p. 209-223, maio-ago. 2020.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: G. Gili, 2013.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: G. Gili, 2017.

CARROLL, Lewis. **As aventuras de Alice no País das Maravilhas**: Através do espelho e o que Alice encontrou por lá. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Foucault e as infâncias incendiárias: Experiências de outras verdades e de outras heterotopias. **Childhood and Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 65-86, jan.-abr. 2016.

CARVALHO, Rosângela Tenório de. Cerimônia na alfabetização de jovens e adultos: aparato performático. **Pró-Posições**, v. 29, p. 322-351, maio-ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8656351>. Acesso em: 17 jan. 2020.

CASTRO, Augusto César. Biblioteca como lugar de memória: um olhar sobre “O Nome da Rosa”. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. esp., p. 1-20. 2006.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

COLLODI, Carlo. **Pinóquio**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

COLOMBO, Enzo. Descrever o social, a arte de escrever e pesquisa empírica. *In*: MELUCCI, Alberto (org.). **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 266-288.

COMPANHIA BRASILEIRA DE TRENS URBANOS (CBTU). **Projetos Sociais**. 30 abr. 2013. Disponível em: <https://www.cbtu.gov.br/index.php/pt/projetossociais-recife>. Acesso em: 5 ago. 2021.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 103-127.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n° 23, p. 36-61, mai/jun/ago. 2003.

COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa qualitativa em educação. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 13-22.

CRUZ, Mariana de Moura. **Vazio Heterotopia**: entre a especulação e a produção do comum. 2017. 236 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CUNHA, Manuel Humberto Carneiro. **Relatório da Bibliotheca Publica**. Recife: Imprensa Oficial, 1927. (Disponível no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano).

DAMÉ, Paulo Renato Viegas. **Casa redonda**. 2018. 242 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

DEACON, Roger; PARKER, Ben. Educação como sujeição e como recusa. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 97-110.

DELEUZE, Gilles. Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. **Conversações**: 1972-1990. Rio de Janeiro, ed.34, p. 219-226, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning**: media, architecture and pedagogy. New York: Routledge, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise dos discursos em educação. **Cadernos de Pesquisa** (Fundação Carlos Chagas), São Paulo, v. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *In*: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e escritos V**: Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a. p. 264-287.

FOUCAULT, Michel. Uma estética da existência. *In*: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e escritos V**: Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b. p. 288-293.

FOUCAULT, Michel. Verdade, poder e si mesmo. *In*: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e escritos V**: Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c. p. 294-300.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**: curso dado no College de France 1973-1974. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. As técnicas de si. *In*: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e escritos IX**: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b. p. 264-296.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2014c.

FOUCAULT, Michel. A linguagem ao infinito. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos III**: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015a. p. 48-60.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos III**: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015b. p. 428-438.

FOUCAULT, Michel. Posfácio a Flaubert a tentação de Santo Antônio. *In*: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos III**: Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Tradução de Inês Austran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015c. p. 76-110.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e verdade**: curso no Collège de France (1980-1981). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FRAGO, Antônio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREITAS, Alexandre Simão de. No meio da ontologia havia um vírus: notas acerca de uma abertura cosmopolítica em tempos de pandemia. **Voluntas**, Santa Maria, v. II, e. 6, p. 1-8, 2020.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GONÇALVES, Guilherme Neves. **De chão e portões**: a ocupação cultural de um instituto psiquiátrico e as relações entre arte, política e espaço no contemporâneo. 2017. 163 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GORE, Jennifer M. Foucault e educação: fascinantes desafios. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-20.

GOULEMOT, Jean Marie. **O amor às bibliotecas**. São Paulo: Unesp, 2011.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre a revolução de nossos tempos. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. **Jornal das Moças**: Revista Quinzenal Ilustrada (RJ). Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>. Acesso em: 20 ago. 2020.

KRÜGER JÚNIOR, Dirceu Arno. Foucault: a heterotopia como alternativa para pensar o espaço social. **Enciclopédia**. Pelotas, v. 5, p. 22-37, inverno de 2016.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, jul.-dez. 2011.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LUGARINHO, Mário César. Rui Knopfl: uma poética da heterotopia. **Revista Mulemba**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 69-15, jan.-jun. 2016.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MANGUEL, Alberto. **Embalando a minha biblioteca**. Lisboa: Tinta da China, 2018.
- MELO NETO, João Cabral de. **Museu de tudo**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1975.
- MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005.
- MOTTA, José Inácio Jardim. **Entre identidades e diferenças, entre contextos de abjeção e alteridade**: refletindo uma perspectiva queer para os processos de educação no âmbito da saúde. 2014. 187 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências da Saúde) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- MOURA, Maria Aparecida. Heterotopias, mundo comum e as bibliotecas públicas. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 19, n. esp., p. 64-78, out./dez. 2014.
- OLIVEIRA, Mayllon Lyggon de Souza. **Fizeram-me corpo, fiz-me heterotopia**: um estudo das heterotopias corporais dos personagens *queers* no cinema de Pedro Almodóvar. 2018. 134 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.
- PASSETTI, Edson. Heterotopias anarquistas. **Verve**, São Paulo, v. 2, p. 141-173, 2002.
- PERNAMBUCO. Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. **Manual Básico de Conservação e Preservação em Documentos Impressos (2016)**. Recife: Cepe, 2016.
- POLASTRON, Lucien X. **Livros em chama**: a história da destruição sem fim das bibliotecas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- POR AQUI. Disponível em: <https://poraqui.com/recife-antigo-centro/4-bibliotecas-publicas-para-voce-conhecer-no-centro-do-recife>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- PRADO, Tomás. **Foucault e a linguagem do espaço**. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: PUC, 2018.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU (SC). **Biblioteca Ambulante volta a circular**. 19 mar. 2014. Disponível em: <https://www.blumenau.sc.gov.br/secretarias/fundacao-cultural/fcblu/biblioteca-ambulante-volta-a-circular46>. Acesso em: 5 ago. 2021.
- PROUST, Marcel. **Sobre a leitura**. Campinas: Pontes, 1991.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

RODRIGUES, Maíra Freitas de Araújo. **Geografia-Monstro: um currículo assombroso nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SANTOS, André Luiz. **Saber heterotopológico e a leitura em Michel Foucault**. 2017. 152 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

SANTOS, Ludmila Helena Rodrigues. **Become por uma antropologia urbana heterotópica e artista**. 2017. 281 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

SANTOS, Wanderson Cruz dos. Diferença cultural na novela gráfica: análise do acervo do PNBE. *In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (CONIC), 24., 2016, Recife, Anais...* Recife: UFPE, 2016.

SANTOS, Wanderson Cruz dos. **A Heterotopia na biblioteca escolar**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2018.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho, Perspectivas históricas da biblioteca escolar no Brasil e análise da Lei 12.244/10. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 489-517, jul./dez., 2011.

SILVA, Márcio Tascheto da. **Anti-velocizado pedagogias pedestres**. 2016. 221 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SILVA, Maria Divina Moreira dos Santos. **O jovem Torles: Romance de formação heterotopias**. 2015. 117 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SIMON, Roger. A pedagogia como uma tecnologia cultural. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 61-84.

SIQUEIRA, Elton Bruno; PONTES, Francini Barros. Zoe: vida comum ameaçada. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 1-22, 2019.

TAN, Shaun. **A chegada**. 1. ed. São Paulo: Edições SM, 2011.

TETI, Marcela Montalvão. **O encontro da pesquisa cartográfica com derivas urbanas na investigação de heterotopias portuárias**. 2015. 174 f. (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

VARELA, Júlia; ALVAREZ-URIA, Fernando. **Arqueología de la escuela**. Madrid: Ediciones La Piqueta, 1993.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os estudos culturais. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. As duas faces da moeda: heterotopias e emplazamientos curriculares. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 45, p. 249-264, jun. 2007a.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007b. p. 23-38.

VICENTIN, Marcelo. **Vagas de coisas e palavras: jogos heterotópicos sobre o espaço escola**. 2018. 211 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade São Francisco, São Paulo, 2018.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Análises Culturais: Um modo de lidar com histórias que interessam à educação. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 71-90.